

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MÔNICA CAROLINA FERREIRA ALVES

**REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE DE UMA
LICENCIANDA NEGRA: A TEMÁTICA DO RACISMO NO ENSINO DE LÍNGUAS
ADICIONAIS**

BAGÉ

2018

MÔNICA CAROLINA FERREIRA ALVES

**REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE DE UMA
LICENCIANDA NEGRA: A TEMÁTICA DO RACISMO NO ENSINO DE LÍNGUAS
ADICIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Línguas Adicionais da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras: Línguas Adicionais - Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Valesca Brasil Irala

BAGÉ

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A474r Alves, Mônica Carolina Ferreira
Reflexão de uma primeira prática docente de uma licencianda
negra: a temática do racismo no ensino de línguas adicionais /
Mônica Carolina Ferreira Alves.

87 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Valesca Brasil Irala".

1. Temas transversais. 2. Línguas adicionais. 3. Racismo.
4. Reflexão da prática docente. I. Título.

MÔNICA CAROLINA FERREIRA ALVES

**REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE DE UMA
LICENCIANDA NEGRA: A TEMÁTICA DO RACISMO NO ENSINO DE LÍNGUAS
ADICIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Línguas Adicionais da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras: Inglês, Espanhol e suas respectivas literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04, dezembro de 2018.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Valesca Brasil Irala

Orientadora

UNIPAMPA

Prof^º. Esp. Luis César Rodrigues Jacinto

PPG-MAE/UNIPAMPA

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Vieira Morais

UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todos educadores que enxergam a importância de se discutir a temática do racismo em sala de aula.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a minha tia, Eliane Alves, primeira mulher em minha família a graduar-se em uma Universidade Federal, pessoa que mais estimulou-me a buscar conhecimento e ser receptiva à diferentes culturas;

A minha mãe, Neide Alves e a minha avó Maria Alves, que além de serem exemplos de força, deram-me todo suporte financeiro e emocional para concluir o curso em um estado tão distante;

A todos meus amigos, que estiveram fisicamente presentes, ou não, que consolaram-me quando mais precisei e motivaram-me, de diversas maneiras possíveis, a não desistir daquilo que almejo;

A todos os professores do curso que, de uma maneira ou de outra, fizeram-me crescer intelectualmente e proporcionaram-me inúmeros novos pontos de vista. Sobretudo à minha orientadora, que além de me ajudar sempre que necessitei, deu-me a oportunidade de conhecer um pouco quem ela é;

A Roseleni e a toda família Pedragrande, por ter me ajudado quando mais precisei e por permitirem que eu fizesse parte dessa família tão linda;

Por último, mas não menos importante, a todas as mulheres que passam, diariamente, pelas mesmas lutas que eu. Obrigada por estarem sendo fortes diante do nosso cenário político atual e me transmitirem essa força.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

- Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de refletir e analisar sob um ponto de vista teórico e pessoal, a primeira experiência de uma estagiária negra como professora de Língua Espanhola em contexto de estágio supervisionado no Curso de Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. Em cinco aulas, foi abordado o tema transversal racismo. Os alunos pertenciam ao ensino básico, tendo de 13 a 16 anos e a escola localiza-se em uma região periférica da cidade. Os áudios das aulas, assim como os vídeo-diários da estagiária sobre as respectivas aulas foram transcritos, levando à análise e reflexão de alguns aspectos, tais como: “a ruptura na fala do aluno negro”; “a afirmação do racismo reverso por parte dos alunos brancos da turma”, “a tentativa dos alunos de negar o racismo existente com o argumento de que “somos todos iguais” e, por fim, “a satisfação, como professora negra, de ver os alunos desenvolverem um trabalho com a temática racismo”. Após as reflexões que incluem a subjetividade da estagiária pesquisadora, são incorporadas nesta pesquisa algumas sugestões para aqueles educadores que pretendem trabalhar a temática do racismo em sala de aula.

Palavras-Chave: Temas transversais. Línguas adicionais. Racismo. Reflexão da prática docente.

ABSTRACT

In this work, I analyze and reflect on my first experience as a black intern and a teacher of Spanish from a theoretical and personal point of view. The supervised internship is part of the Additional Languages Undergraduate Program: English, Spanish and their Respective Literatures, at the Federal University of Pampa, Bagé campus. In five classes, I addressed the transversal theme of racism. The elementary education students ranged from 13 to 16 years old in a school located in a peripheral region of the city. The classroom audios, as well as the video diaries of the trainee about the respective classes, were transcribed leading to the analysis and reflection of some aspects, such as “the interruption of the black student’s speech”; “the assertion of reverse racism by white students in the class”, “the students’ attempt to deny existing racism with the argument that “we are all equal”” and, finally, “the satisfaction, as a black teacher, to see the students developing a work with racism as a subject”. After reflections that include the subjectivity of the trainee-researcher, some suggestions for those educators who might intend to work with the theme of racism in the classroom are incorporated in this research.

Keywords: Transversal themes. Additional languages. Racism. Reflection of teaching practice.

RESUMEN

Este trabajo tiene el propósito de reflexionar y analizar, desde un punto de vista teórico y personal, la primera experiencia de una pasante negra como profesora de Lengua Española en contexto de práctica supervisada en el Curso de Lenguas – Lenguas Adicionales: Inglés, Español y sus Respectivas Literaturas, de la Universidad Federal de Pampa, campus Bagé. En cinco clases, se abordó el tema transversal del racismo. Los alumnos pertenecían a la enseñanza básica, de 13 a 16 años y la escuela se ubica en una región periférica de la ciudad. Los audios de las clases, así como los video-diarios, de la pasante, sobre las respectivas clases fueron transcritos, llevando al análisis y reflexión de algunos aspectos, tales como: “la ruptura en el habla del alumno negro”; “la afirmación del racismo reverso por parte de los alumnos blancos de la clase”; “el intento de los alumnos de negar el racismo existente con el argumento de que “somos todos iguales” y, por fin, “la satisfacción, como profesora negra, de ver los alumnos desarrollen un trabajo con la temática racismo”. Después de las reflexiones que incluyen la subjetividad de la pasante investigadora, se incorporan en esta investigación algunas sugerencias para aquellos educadores que desean trabajar la temática del racismo en el aula.

Palabras clave: Temas transversales. Lenguas adicionales. Racismo. Reflexión de la práctica docente.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1.1. MARCANDO UMA TRAJETÓRIA NEGRA.....	12
1.2. QUESTÕES DE PESQUISA	15
1.3.1. OBJETIVO GERAL.....	15
1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1. LEIS ATUAIS SOBRE A QUESTÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA	17
2.2. UM POUCO SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL	19
2.3. O ENSINO DAS LÍNGUAS ADICIONAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS E A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO	26
2.4. O ENSINO DE UMA LÍNGUA ADICIONAL (LA) COM A TEMÁTICA DO RACISMO.....	29
3. QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	37
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	40
4.1. A RUPTURA NA FALA DO ALUNO NEGRO	40
4.2. O ERRÔNEO PENSAMENTO DE QUE O RACISMO REVERSO EXISTE	46
4.3. A TENTATIVA DOS ALUNOS DE NEGAR O RACISMO EXISTENTE COM O ARGUMENTO DE QUE “SOMOS TODOS IGUAIS”	50
4.4. O ORGULHO, COMO PROFESSORA NEGRA, DE VER OS ALUNOS DESENVOLVEREM UM TRABALHO SOBRE A TEMÁTICA DO RACISMO.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
5.1. SUGESTÕES PARA PROFESSORES QUE PRETENDEM TRABALHAR A TEMÁTICA RACISMO EM SALA DE AULA	60
6. REFERÊNCIAS.....	62
7. ANEXO.....	65

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1. MARCANDO UMA TRAJETÓRIA NEGRA...

Sou uma mulher negra e, posso recordar-me com nitidez todo o preconceito racial que sofri ao longo de minha vida. Sou do interior do estado de São Paulo, Artur Nogueira, uma pequena cidade, e a vejo como conservadora e extremamente preconceituosa, onde percebo o racismo em praticamente todos os lugares, incluindo dentro da casa em que vivi. Quando criança, minha família, apesar de ser miscigenada, esbanjava preconceito - não aquele velado¹, quase não notável ou imperceptível-, mas aquele em que minha avó dizia “Tinha que ser preto pra fazer esse trabalho horrível” ou “Deus ajude que essa criança da sua tia não nasça preta”. Minha prima, alguns anos mais nova que eu, inocentemente, também costumava dizer que eu seria mais bonita se fosse branca. Não que essas palavras relatadas anteriormente não me marquem até hoje, mas o racismo que sofria extrapolava a família.

Na escola, apesar de, quase sempre, velado, era cruel, para não dizer devastador. Minha cor não era aceita, meu cabelo não era aceito, meus traços não eram aceitos. As garotas não gostavam de mim e, na época, eu não conseguia entender muito bem o porquê. Os garotos constantemente me chamavam de feia - somente eu - a única aluna negra da classe. Chamavam meu cabelo de “pixaim”, “esponja”, “bombril” e termos que me surpreende que crianças tão novas possam saber para ofender outra pessoa. Alguns desses garotos puxavam minhas tranças, feitas por minha mãe, simulando que estavam puxando um cavalo ou burro de carga, (não sei ao certo) e todos riam disso. Na verdade, todos riam de todo e qualquer preconceito que eu sofria; parecia haver uma certa diversão naquela humilhação que eu sofria que me é estranha até hoje.

Os professores que tive nunca fizeram nada para intervir em algo; às vezes diziam para os agressores: “Isso não se faz” ou “Não faça isso de novo”, mas nunca nenhuma providência mais séria foi tomada. O único professor negro que tive também ignorou toda injúria racial,

¹O racismo velado é aquele que se apresenta, muitas vezes, de forma quase imperceptível devido ao longo tempo que o mesmo é perpetuado. Ele é expresso por ato ou palavras racistas que, como são reproduzidos há muito tempo por pessoas, em sua maioria, brancas e as mesmas tendem a não enxergá-lo como racismo. “Você até que é bonita para uma mulher negra” - Muitas mulheres negras escutam/escutam essa frase e a pessoa que a diz, muitas vezes, não sabe o preconceito que está embutido nela, porém ao analisá-la podemos perceber que o sujeito que proferiu essa frase considera a maioria das mulheres negras feias. Além disso, podemos saber que o racismo está ali ao inverter os papéis, no caso o negro pelo branco exemplo, nunca se escuta alguém dizer “você até que é bonita para uma mulher branca”. Segundo Carvalho e Silva “as classes dominantes podem não ter total consciência de suas atitudes de dominação, e ter uma consciência compatível com ideias antirracistas. Asseguram, assim, um racismo camuflado, invisível, despersonalizado, ao passo que tiram vantagem dele.” (CARVALHO; SILVA, 2014, p.21)

mesmo tendo presenciado uma cena em que meus colegas me comparavam ao demônio pela cor da minha pele e formato de meus cabelos. Recordo que nesse dia chorei pedindo ajuda para esse professor, que me disse que, infelizmente, não podia fazer nada sobre “conflitos internos” em sala de aula. Nesse dia, também relatei a minha mãe e ao restante da minha família o que eu sofria desde muito cedo e eles apenas pediram que eu não me importasse, pois era uma garota incrível. Considero, assim, que, conforme aponta Coelho (2006), aos próprios membros de minha família, lhes faltava “coragem”:

A sociedade brasileira constrói e incorpora uma forte representação de liberdade e de generosidade racial no país. [...] Tal contexto nos induz à inferência de que há discriminação racial no Brasil. [...] existe, sim, o racismo, porém a sociedade não se imbuíu de coragem suficiente para enfrentá-lo [...] (COELHO, 2006, p.132 *apud* LOPES; PEREIRA, 2000 - 2004, p.6).

Uma tia, a primeira que se formou em um curso superior em minha família e que tinha uma consciência maior sobre o fato de o racismo existir, sempre me levava bonecas negras, histórias com personagens negros que tinham êxito em suas vidas. Ela tentava me mostrar de modo simples que pessoas racistas não mereciam meu sofrimento - confesso que eram momentos de conforto e de descanso de um mundo que, mesmo nova, já considerava “podre”. Em contrapartida, era/é difícil levar esse conforto comigo mesma quando, todos os dias, alguém vem te dizer ou fazer algo que te mostre o contrário. Sofri com isso desde o primário até o segundo ano do ensino médio e tenho quase certeza que muito da minha depressão, crises de pânico, ansiedade e resquícios de fobia social, vieram daí.

Comecei ter uma consciência maior do racismo que fui e sou acometida, a partir do momento que entrei na UNIPAMPA. Particpei de rodas de conversa, tanto do feminismo, que trata de assuntos relacionados à superioridade dos homens em relação às mulheres, quanto do movimento negro, que trata de questões voltadas ao racismo e formas de combatê-lo. Já que quando criança não estava ciente de que me ofendiam apenas por minha cor, doeu ter percebido a razão de ter sofrido tudo que sofri: pareceu-me mesquinho o sofrimento de uma vida toda baseada na cor de pele. Além disso, esse meu primeiro contato com algo totalmente novo mostrou-me que a culpa de eu ter sofrido e sofrer por questões inerentes a minha cor e gênero não era minha, mas daqueles que a praticavam. Isso foi, de certa forma, “um tapa na minha cara”, já que costumava culpar-me, sem saber ao certo o porquê, pelo racismo que sofria, como se fosse erro meu ter nascido negra. Não nego que cheguei a odiar pessoas brancas por um certo período e compreendo os negros que nunca deixarão de odiá-

los: foram muitos anos de opressão às pessoas negras e quando tentamos levar esse assunto a público, desde a agressão física, racismo velado e não velado, até o linguajar que nos ofende, pessoas brancas, em sua maioria, dizem que é “mimimi” ou que “as pessoas não tem senso de humor como antigamente” e até que “o racismo não existe”. Van Dijk (1992), estudioso na área da linguística e especialista na Análise Crítica do Discurso, chama isso de “negação do racismo”:

Mesmo o discurso mais flagrantemente racista em nossos registros rotineiramente apresenta negações ou, pelo menos, mitigações do racismo. Curiosamente, descobrimos que precisamente o discurso mais racista tende a ter recusa e outras negações. Isto sugere que os usuários de linguagem que dizem coisas negativas sobre as minorias estão bem cientes do fato de que eles podem ser entendidos (DIJK, 1992, p.89).²

Como disse anteriormente, cheguei a odiar os brancos à medida que ia me inteirando dos assuntos voltados a minha cor e defendia com “unhas e dentes” aquilo que lia e escutava de outros militantes negros. Batia de frente com pessoas brancas, fazia de tudo para explicá-las, querendo elas saber ou não sobre o que eu falava. Posteriormente, percebi que essa atitude não levava a lugar algum: ódio por ódio não mudava nada a situação. Comecei a procurar, desse modo, meios de conscientizar as pessoas com um pouco mais de empatia. No meu primeiro estágio supervisionado, de Língua Espanhola em contexto escolar, no Curso de Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, não tive dúvidas sobre o tema que utilizaria em minhas aulas. Com o intuito de ir além da questão linguística, abordei, então, o tema transversal³ “racismo”, utilizando a posição de professora para a conscientização de todos e empoderamento⁴ dos alunos negros que faziam parte daquela sala de aula em que atuei. Os

² “Even the most blatantly racist discourse in our data routinely features denials or at least mitigations of racism. Interestingly, we have found that precisely the more racist discourse tends to have disclaimers and other denials. This suggests that language users who say negative things about minorities are well aware of the fact that they may be understood.” (Texto Original) – Todas as traduções deste trabalho foram feitas por mim.

³ “O conjunto de temas aqui proposto (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual) recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático. Esse trabalho requer uma reflexão ética como eixo norteador, por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política. A ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema presente no cotidiano de cada um, que faz parte do vocabulário conhecido por quase todos. A reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e perante elas, quanto a dimensão das ações pessoais. Trata-se portanto de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, a sexualidade e a saúde.” (MEC)

⁴Empoderar-se como uma pessoa negra é, primeiramente, reconhecer-se como um sujeito com a pele de tom escuro (tendo em vista que para um sujeito negro esse reconhecimento leva um longo tempo de suas vidas) e

estudantes tinham entre 13 e 16 anos e eram alunos da sexta série de uma escola municipal localizada em uma região periférica da cidade.

Como o racismo marcou minha vida familiar e escolar, encontrei na minha profissão de professora de línguas uma oportunidade de trabalhar com este tema, para exteriorizar às pessoas a necessidade de serem críticas em relação ao preconceito racial, já que o mesmo afeta a população negra de nosso país. Também é importante salientar que minha ideologia perpassará, de certo modo, todo o trabalho e que, conseguindo observar a distância do sujeito estagiária que eu era e a pesquisadora⁵ que sou hoje, opto, também, por escrever este trabalho de forma narrativa, utilizando a primeira pessoa do singular, enxergando isso como minha posição política e ideológica⁶ como estudante universitária.

Diante do exposto, temos abaixo as questões de pesquisa e o objetivo deste trabalho.

1.2. QUESTÕES DE PESQUISA

- Como o tema racismo foi abordada num estágio supervisionado em contexto escolar, partindo do pressuposto que esse tema é polêmico e que as aulas foram ministradas por uma estagiária negra?
- Quais são as possíveis reflexões e contribuições para outras práticas pedagógicas que utilizarão essa temática?

Dadas as questões de pesquisa, veremos os o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho a seguir.

1.3.1. OBJETIVO GERAL

utilizar-se disso para ir até suas raízes e reencontrar-se, perceber-se, não ter vergonha de si mesmo, orgulhar-se de quem se é e utilizar-se disso para saber lidar com situações de conflito-confronto ao que se refere ao preconceito racial. (Cf. NOGUEIRA, 2017)

⁵ Aproveito para agradecer a FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul), já que fui bolsista da mesma de dezembro de 2017 a julho de 2018, podendo, assim, pesquisar mais a fundo sobre o tema deste trabalho, no projeto de pesquisa “Materiais didáticos autorais e avaliação no ensino: políticas educacionais situadas”, coordenado também por minha orientadora.

⁶ A ideologia pode ser caracterizada como um conjunto de pensamentos, valores e representações que, geralmente, contribui para que a sociedade siga um certo padrão dominante (seja social, político, comercial, entre outras esferas) e o reproduza. Entretanto, existem outros indivíduos e/ou grupos que possuem pensamentos, valores e representações que não seguem ou apoiam ao grupo elitista dominante, tentando combatê-lo e podendo representar-se de distintas formas. Exemplos disso são grupos feministas, movimentos negros, entre outros, que buscam através de seus ideias mudarem o atual sistema que vem sido perpetuado há muito tempo. (Cf. RAMALHO, 2012)

- Refletir sobre os dados gerados através das transcrições de áudios gravados em sala de aula, do estágio supervisionado em Língua Espanhola, sobre a temática do racismo.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar os dados obtidos através da transcrição de áudio gravado em sala de aula;
- Discutir os relatos e reflexões da estagiária produzidos em vídeo-diários sobre sua primeira prática docente;
- Utilizar-se das reflexões do trabalho para ajudar a problematizar a prática pedagógica de educadores que buscam trabalhar com a temática do racismo em sala de aula na Educação Básica, de forma geral, e no ensino de línguas adicionais de forma particular.

No capítulo seguinte apresentarei as bases teóricas que embasam esta pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo abordarei os seguintes tópicos: a) Leis atuais sobre a questão racial na Educação Básica, para que esteja explícito que o ensino da questão racial é respaldado por lei, visto que só com a conscientização de questões raciais na educação básica que o racismo e questões sociais voltadas a cor do indivíduo negro pode melhorar em nosso país; b) Um pouco sobre o Movimento Negro no Brasil, para que compreenda-se um pouco da história deste movimento de longa data que teve ligação direta com a criação das leis antirracistas e as leis para o ensino da questão racial no ensino básico; c) O Ensino das Línguas Adicionais em Escolas Públicas e a Importância do Pensamento Crítico, para que compreenda-se o conceito de Língua Adicional, a importância do pensamento crítico e do ensino de temas transversais quando se ensina uma Língua Adicional e d) O Ensino de uma Língua Adicional (LA) com a temática do racismo, para compreender um pouco como mais o motivo pelo qual as pessoas abordam o racismo em sala de aula, o porquê disso, a importância e relatos de métodos que podem ser efetivos quando opta-se por abordar em sala de aula a questão racial.

2.1. LEIS ATUAIS SOBRE A QUESTÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Apesar da educação brasileira ter conquistado avanços significativos em escolas públicas, não se pode negar que a desigualdade ainda se faz presente. Segundo o IBGE (2017), 54,9% da população é negra (pretos e pardos), e essa população é a que menos têm acesso à educação no Brasil.

Estudos realizados no campo das relações raciais e educação explicitam em suas séries históricas que a população afro-descendente está entre aquelas que mais enfrentam cotidianamente as diferentes facetas do preconceito, do racismo e da discriminação que marcam, nem sempre silenciosamente, a sociedade brasileira. O acesso às séries iniciais do Ensino Fundamental, praticamente universalizado no país, não se concretiza, para negros e negras, nas séries finais da educação básica. Há evidências de que processos discriminatórios operam nos sistemas de ensino, penalizando crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, levando-os à evasão e ao fracasso, resultando no reduzido número de negros e negras que chegam ao ensino superior, cerca de 10% da população universitária do país (BRASIL, 2009, p.13).

Com o intuito de mudar essa situação na educação para pessoas negras em nosso país, a constituição, liderada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva alterou a lei nº 9.394, de 1996, que se refere às diretrizes e bases da educação no ensino básico nacional:

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2003).

A lei 10.639, diz que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).⁷

Essa lei é de extrema importância, já que colabora com a valorização do povo afro-brasileiro em nossa sociedade, utilizando a escola pública e privada para que esse conhecimento e reconhecimento da história destas pessoas seja construído. De acordo com Brasil (2009, p.9):

A lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 é um marco histórico. Ela simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira. Ciente desses desafios, o Conselho Nacional de Educação, já em 2004, dedicou-se ao tema e, em diálogo com reivindicações históricas dos movimentos sociais, em especial do movimento negro, elaborou parecer e exarou resolução, homologada pelo Ministério da Educação, no sentido de orientar os sistemas de ensino e as instituições dedicadas à educação, para que dediquem cuidadosa atenção à incorporação da diversidade étnico racial da sociedade brasileira nas práticas escolares (BRASIL, 2009, p.9).

Ademais, no dia 24 de junho de 2004, o Ministério da Educação publicou no Diário Oficial da União (DOU) a Resolução CNE/CP n. 1/2004, instaurando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e, posteriormente o parecer CNE/CP n. 003/2004, homologado em 19 de maio de 2004, exprime que:

⁷ Embora a lei dê ênfase para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira, pode-se perceber a necessidade deste tema ser abordado nas demais disciplinas, como neste caso, onde a temática racismo foi abordada na disciplina de Língua Espanhola.

as políticas de ações afirmativas, no campo educacional, buscam garantir o direito de negros e negras e de todos os cidadãos brasileiros ao acesso em todos os níveis e modalidades de ensino, em ambiente escolar com infra-estrutura adequada, professores e profissionais da educação qualificados para as demandas contemporâneas da sociedade brasileira, e em especial capacitados para identificar e superar as manifestações de preconceitos, racismos e discriminações, produzindo na escola uma nova relação entre os diferentes grupos etnicorraciais, que propicie efetiva mudança comportamental na busca de uma sociedade democrática e plural (BRASIL, 2009, p. 20).

Também não se pode esquecer que em 2009 foi criado o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com o objetivo central de:

colaborar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais com vistas a enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e discriminação para garantir o direito de aprender e a equidade educacional a fim de promover uma sociedade mais justa e solidária (BRASIL, 2009, p.27).

É importante dar ênfase de que apesar de todas essas providências tomadas, há muitos relatos de que as questões raciais não são trabalhadas em âmbito escolar. Eu e meu círculo de amigos, por exemplo, nunca tivemos uma aula durante o ensino básico, fundamental ou médio que contemplasse esse assunto; no máximo algo muito vago sobre o tema racismo. Autoridades perceberem que isso é, de fato, necessário ser abordado em escolas públicas e privadas já é um grande avanço, porém é necessário que haja uma conscientização maior, sobretudo de educadores, para que haja a implementação dessas leis no espaço escolar.

Dito isso, no próximo subcapítulo, veremos um pouco da trajetória do movimento negro no Brasil e como ele influenciou para que essa lei fosse adotada em nosso país.

2.2. UM POUCO SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

O Movimento Negro é um movimento social destinado a pessoas da que possuem a pele negra. Segundo Warren (1987, p.13 *apud* DOMINGUES, 2007, p.102), podemos definir movimento social como um “grupo mais ou menos organizado, sob uma liderança determinada ou não; possuindo programa, objetivos ou plano comum; baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia; visando um fim específico ou uma mudança social.” Este movimento social (movimento negro) emergiu com o intuito de criar

ações afirmativas para a população negra. Domingues (2007), define o movimento negro da seguinte maneira:

[...] a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (DOMINGUES, 2007, p.102).

A abolição da escravidão concretizou-se em 1888 e um ano depois, em 1889, foi proclamada a República no Brasil, porém de acordo com Domingues (2007) e Gomes (2011) esse sistema político não conseguiu suprir materialmente e nem simbolicamente as necessidades das pessoas negras. Em anos de escravidão seria impossível que os negros estivessem no mesmo patamar, tanto socialmente quanto economicamente, daqueles que eram brancos e que nunca foram submetidos a qualquer tipo de humilhação física e moral, tal como foi a escravidão. Desse modo, o povo negro, apesar de livre, foi (e ainda é) totalmente marginalizado:

[...] seja politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus (ANDREWS, 1991, p.32 *apud* DOMINGUES, 2007, p.103).

Antigos escravos e seus descendentes começaram a criar grupos específicos para pessoas negras, com o intuito de mobilizar os mesmos para o que lhes estavam ocorrendo e para que, unidos, conseguissem reverter este quadro de marginalização. Entre 1888 e 1929, criaram-se, aproximadamente 250 diferentes clubes, grêmios e associações referente a pessoas negras em várias regiões do Brasil, sendo dois desses estritamente femininos. No mesmo momento que se criou esses grupos específicos, também criou-se a imprensa negra; jornais criados por negros e feitos, justamente, para tratar das questões que acreditavam ser relevantes no momento. De acordo com Domingues (2007) e Gomes (2011), só em São Paulo, havia 31 desses jornais.

Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas (DOMINGUES, 2007, p.105).

Apesar de já haver, como visto anteriormente, vários grupos e jornais que lutavam pela causa, foi em 1931 com a Frente Negra Brasileira (FNB) que o movimento negro veio vigorosamente. Criado em São Paulo, a FNB teve núcleos em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco e Bahia, tendo em seu total mais de vinte mil associados. Essa entidade mantinha escolas, grupos de teatro, música e futebol, departamento jurídico, oferecia serviços médicos e odontológicos, cursos de formação (de política, de arte e de ofícios), publicando também o jornal “A voz da Raça”.

É importante salientar que as mulheres negras participavam assiduamente da FNB (Frente Negra Brasileira), havendo relatos que foram as mesmas que tomaram a frente na luta. Além de prestar assistências, as mulheres organizavam bailes e festivais direcionados para a arte. Posteriormente, a FNB, em 1936 tornou-se partido político, liderado por Arlindo Veiga dos Santos, passou a assumir uma postura ideológica ultranacionalista e autoritária, sendo de acordo com Adolfo Hitler (ditador alemão) e Benito Mussolini (ditador italiano) e tendo até milícias tais como os “boinas verdes” do fascismo italiano. O subtítulo do jornal “A voz da Raça” era “Deus, Pátria, Raça e Família”. Nesse período, o país era governado por Getúlio Vargas (quando este presidia através da democracia) e o mesmo se encontrou em audiência com líderes da FNB e atendeu algumas de suas reivindicações. Porém, quando o “Estado Novo” foi instaurado ditatorialmente por Getúlio Vargas, a FNB e os demais partidos políticos foram extintos, deste modo, de acordo com Domingues (2007) e Gomes (2011) o Movimento Negro foi bastante prejudicado. Isso perdurou de 1937 até 1945, quando o ditador foi tirado do poder.

Com o fim da ditadura Vargas, o movimento negro teve uma maior proporção que antes e isso ocorreu por que:

Primeiro, porque a discriminação racial, à medida que se ampliavam os mercados e a competição, também se tornava mais problemática; segundo, porque os preconceitos e os estereótipos continuavam a perseguir os negros; terceiro, porque grande parte da população “de cor” continuava marginalizada em favelas, mucambos, alagados e na agricultura de subsistência (GUIMARÃES, 2002, p. 88 *apud* DOMINGUES, 2007, p.108).

Porém, o movimento negro retornou com menos força, isto é, menos negros lutando pelo próprio movimento. Nessa época, um dos maiores movimentos foi a União dos Homens de Cor (UHC).

Também intitulada Uagacê ou simplesmente UHC, foi fundada por João Cabral Alves, em Porto Alegre, em janeiro de 1943. Já no primeiro artigo do estatuto, a entidade declarava que sua finalidade central era “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”. A UHC era constituída de uma complexa estrutura organizativa. A diretoria nacional era formada pelos fundadores e dividia-se nos cargos de presidente, secretário-geral, inspetor geral, tesoureiro, chefe dos departamentos (de saúde e educação), consultor jurídico e conselheiros (ou diretores) (DOMINGUES, 2007, p.108).

Por volta da segunda metade de 1940, a UHC já possuía representação em dez estados do Brasil: Santa Catarina, Maranhão, Minas Gerais, Bahia, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná, tendo também representantes em cidades do interior desses estados. Em 1954, um dos líderes da UHC conseguiu ser deputado federal por dois mandatos seguidos. A partir da UHC outros grupos importantes surgiram, tais como a União Cultural dos Homens de Cor (UCHC) e a União Catarinense dos Homens de Cor (UCHC), em 1962. Além disso, segundo Domingues (2007) e Gomes (2011) em 1944 foi fundado o Teatro Experimental do Negro (TEN), tendo Abdias do Nascimento como principal liderança.

A proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um caráter mais amplo: publicou o jornal *Quilombo*, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública. Defendendo os direitos civis dos negros na qualidade de direitos humanos, o TEN propugnava a criação de uma legislação antidiscriminatória para o país (DOMINGUES, 2007, p.110).

Outros grupos também destacaram-se:

[...] a UHC ou o TEN não eram os únicos grupos que empreendiam a luta anti-racista, mas foram aqueles cujas ações adquiriram mais visibilidade. Além deles, articulou-se o Conselho Nacional das Mulheres Negras, em 1950. Em Minas Gerais, foi criado o Grêmio Literário Cruz e Souza, em 1943; e a Associação José do Patrocínio, em 1951. Em São Paulo, surgiram a Associação do Negro Brasileiro, em 1945, a Frente Negra Trabalhista e a Associação Cultural do Negro, em 1954, com inserção no meio negro mais tradicional. No Rio de Janeiro, em 1944, ainda veio a lume o Comitê Democrático Afro-Brasileiro – que defendeu a convocação da Assembléia Constituinte, a Anistia e o fim do preconceito racial –, entre dezenas de outros grupos dispersos pelo Brasil (DOMINGUES, 2007, p.111).

É importante salientar que o movimento negro não tinha apoio de nenhum lado político, seja da direita ou da esquerda marxista. Um exemplo disso foi em 1945, quando o senador Hamilton Nogueira, da União Democrática Nacional (UDN) propôs um projeto de lei antidiscriminatória, formulada na Convenção do Negro, em 1944, para a Assembleia Nacional Constituinte e o mesmo, quando colocado em votação, foi negado pelo Partido Comunista Brasileiro, que alegava que isso não era algo democrático e que as reivindicações do povo negro era um erro, pois dividia a luta dos trabalhadores. Em suma, o povo negro ficou à margem por décadas, desamparado também pelo poder legislativo, que nada fazia para ajudar as pessoas negras.

A primeira lei antidiscriminatória, nominada de Afonso Arinos, só foi aceita pelo Congresso Nacional, em 1951, após um escândalo, onde uma bailarina negra, Katherine Dunham, proveniente dos EUA, foi impedida de se hospedar em um hotel em São Paulo devido a sua cor. Apesar desses grupos citados acima terem um grande destaque, de acordo com Domingues (2007) e Gomes (2011), foram extinguidos quando começou a ditadura militar no Brasil, em 1964.

O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil.³⁴ De acordo com Gonzalez, a repressão “desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semiclandestinidad”. A discussão pública da questão racial foi praticamente banida (DOMINGUES, 2007, p.111).

Durante o período da ditadura militar, que começou em 1964 teve seu fim em 1985, emergiram diferentes grupos de movimento negro, porém esses não tomaram medidas para combater a ditadura e, de modo geral, essas iniciativas não tiveram o impacto necessário para fazer alguma diferença. Apenas em 1978 houve uma reviravolta com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU). Inspirados nos movimentos que aconteciam nos Estados Unidos, como, por exemplo, a luta pelos direitos civis com Martin Luther King e por movimentos negros marxistas, como os Panteras Negras, eles adotaram uma postura mais extrema e radical contra o preconceito racial que sofriam. Na época, a Convergência socialista criou um jornal chamado “Versus”, no qual destinava uma coluna chamada “Afro-Latino América” para o núcleo socialista negro escrever artigos referentes ao combate ao racismo e ao capitalismo, já que compreendiam que o capitalismo era um grande aliado da discriminação racial. Pela primeira vez, a voz do negro não foi deixada a margem e no dia 18 de junho de 1978 houve uma reunião em São Paulo com diversas organizações negras, onde foi criado o Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MUCDR) e, logo após a criação, fizeram um protesto.

[...] a primeira atividade da nova organização foi um ato público em repúdio à discriminação racial sofrida por quatro jovens no Clube de Regatas Tietê e em protesto à morte de Robson Silveira da Luz, trabalhador e pai de família negro, torturado até a morte no 44º Distrito de Guainases. O ato público foi realizado no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo, reunindo cerca de 2 mil pessoas, e “considerado pelo MUCDR como o maior avanço político realizado pelo negro na luta contra o racismo” (DOMINGUES, 2007, p.113).

Além disso, eles criaram uma Carta Aberta, na qual instruíam a população negra a criar “Centros de Luta” em todos os locais que estivessem presentes, com o fim de acabar com a opressão racial, violência policial contra os negros, desemprego e marginalização. Houve então um encontro posterior, onde eles incluíram a palavra “racial” no nome do movimento, ficando “Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial” (MNUCDR). Ainda no ano de 1978, conseguiram avanços, já que foram aprovadas algumas de suas propostas, como o Estatuto, a Carta de Princípios e o Programa de Ação.

Segundo Domingues (2007) e Gomes (2011), no primeiro congresso nacional a MNUCDR conseguiu a presença de deputados de vários estados e voltou ao antigo nome “Movimento Negro Unificado”.

No Programa de Ação, de 1982, o MNU defendia as seguintes reivindicações “mínimas”: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (DOMINGUES, 2007, p.114).

Ademais, há cinco importantes ações que o MNU (Movimento Negro Unificado) fomentou: o retorno da imprensa negra com vários jornais circulando pelo país; a unificação da luta da população negra, onde o MNU unificou a luta da população negra em escala nacional, não discutindo apenas a causa negra, mas utilizando-se da causa de todos os oprimidos para terem mais simpatizantes; a definição da data do dia da Consciência Negra para o dia 20 de novembro, já que acredita-se que Zumbi dos Palmares morreu nesse dia (até então era comemorado no dia 13 de maio, em celebração ao fim da escravatura). É importante salientar que o grupo Palmares, localizado no Rio Grande do Sul, que propôs o dia 20 de novembro como dia nacional da Consciência Negra, tendo como articulador e professor o poeta negro Oliveira Silveira; o uso do termo “negro” como algo não pejorativo e sim como motivo de orgulho entre ativistas e a extinção do termo “pessoas de cor” e, por último, um olhar mais amplo para a educação- nesse período que perdurou até 2000, os negros passaram a dar uma atenção especial à escola e a educação brasileira: revisaram conteúdos preconceituosos em materiais didáticos, exigiam a capacitação de professores para o ensino que contemplasse todas as raças e reivindicaram a inclusão da história da África como componente curricular. É importante citar que, ainda de acordo com Domingues (2007) e Gomes (2011), a maioria desses negros eram contra a miscigenação, pois acreditavam que se negros se casassem com brancos, poderia, no futuro, haver o branqueamento do povo negro.

O movimento negro atual, segundo Domingues (2007, p.119-120) caracteriza-se como:

[...] um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia. [...] Além disso, o *hip-hop* expressa a rebeldia da juventude afro-descendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a auto-estima do negro, com campanhas do tipo: *Negro Sim!*, *Negro 100%*, bem como difundem o estilo sonoro *rap*, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade (DOMINGUES, 2007, p.119-120).

O movimento negro atual tem sido inovador, possuindo diversas vertentes e várias formas de expressão. Pessoas militam individualmente; seja com a música, escrita e outros

formas de arte, como também coletivamente, mantendo grupos que discutem constantemente sobre o racismo, história africana e políticas afirmativas para negros. Também pode ser considerado inovador no sentido de que tem sido difundido em larga escala, em muitos meios de comunicação, principalmente em redes sociais: quase todos sabem, ou, ao menos, pensam que sabem, o que movimento negro significa e para o que serve (o que pode ser um problema se interpretado erroneamente). Como há vários grupos com ideias e propostas distintas e que, muitas vezes, lutam entre si, talvez fique difícil para pessoas que não conhecem o movimento negro, fora do senso comum, enxergar qual é o real propósito do mesmo atualmente.

Desse modo, nos subcapítulos posteriores, buscarei mostrar estratégias para trabalhar a temática racismo em sala de aula e participar, mesmo que individualmente, desse movimento, utilizando a posição de professora, para a deterioração do racismo em nosso país.

2.3. O ENSINO DAS LÍNGUAS ADICIONAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS E A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO

Primeiramente, posso dizer que o conceito de Línguas Adicionais é utilizado em meu trabalho, porque quando nós professores começamos ensinar uma nova língua para alguém que já conhece ao menos uma, estamos adicionando uma nova linguagem para seu repertório. Para Leffa e Irala (2014), todas as pessoas possuem, no mínimo, uma língua, que seria sua Língua Materna (LM), entretanto há estudantes que já falam mais de uma língua como, por exemplo, filhos de imigrantes, pessoas que moram em fronteiras (meus antigos alunos, por exemplo, moram em uma região fronteira), ou aqueles que desde cedo possuem uma motivação intrínseca por aprender a falar um idioma que não é seu, através de músicas, videogames, estudos autodidatas, etc. Como posso dizer, deste modo, que o inglês ou o espanhol são uma língua estrangeira ou uma segunda língua, se tantos brasileiros têm constante contato com as mesmas e muitos já possuem uma segunda língua? Assim, utilizo o termo de Língua Adicional por abranger todos os tipos de pessoas que estão aprendendo uma nova língua.

Há vários modos de se ensinar uma Língua Adicional, o Método Comunicativo é um deles. Este método é voltado para a interação entre os sujeitos, prezando pelo sentido e significado daquilo que se aprende em uma Língua Adicional. De acordo com Brown (1994), o foco deste método é dar ênfase no aprendizado da Língua Estrangeira (LE)⁸ utilizando-se

⁸ Será mantido o conceito de Língua Estrangeira (LE), devido ao autor que a utiliza.

dela mesmo e não da LM; utilizar-se de textos autênticos para o ensino da LE; prezar pelo processo individual de cada aluno; aproximar a realidade do aluno àquilo que ele aprende e, por último, tentar que essa LE possa ser utilizada fora da sala de aula. Sempre acreditei que esse método fosse o ideal, já que faz com que o aluno aproxime-se tanto da Língua Adicional (LA) como da realidade ao qual está inserido. Recordo-me com clareza das melhores aulas de inglês que tive, no 6º ano, com uma professora que se utilizava deste método e de atividades lúdicas. Como disse: recordo-me com clareza das aulas, mas e dos conteúdos em si, o que ficou? Que aprendizagens trago até hoje daquelas aulas? Como cresci linguisticamente e humanamente com aquilo?

Há uma lacuna a ser preenchida no Método Comunicativo e essa lacuna é aquela em que creio que se deve estar inserido temas que faça o aluno refletir criticamente sobre sua própria realidade e sobre a realidade do outro, para que o mesmo possa construir e reconstruir seus próprios valores e crenças em relação ao mundo. Como aponta Leffa (2012):

O ensino de línguas no presente caracteriza-se, assim, por três grandes linhas de ação. A primeira é a substituição da abordagem comunicativa, como proposta unificada de ensino, por uma série de estratégias diversificadas que buscam atender as condições de aprendizagem do aluno, a realidade do professor e o contexto em que tudo isso ocorre, variando sempre de um lugar para outro. A segunda linha de ação diz respeito à integração da aprendizagem das línguas com o seu entorno, levando em consideração a realidade social do aluno; com a proposta prática de que a melhor maneira de integrar o aluno ao seu meio, desenvolvendo a cidadania, é pela implantação da pedagogia de projetos. Finalmente, a pedagogia dialógica permite ao professor construir com o aluno o conhecimento linguístico que historicamente valoriza o próprio contexto em que vivem (LEFFA, 2012, p. 402).

Estes temas considerados transversais, que como explicado anteriormente são aqueles que envolvem a ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde e orientação sexual, devem ser levados em pauta para discussões em uma LA. Conforme aponta Freire (1980) e eu também acredito:

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1980, p. 39).

No momento que comecei a planejar as aulas de Espanhol para o estágio objeto de investigação nessa pesquisa, pensei em utilizar estes temas transversais para complementar minhas aulas. Por exemplo, quando trabalhei com características físicas, decidi abordar a questão do padrão de beleza e pretendia expandir um pouco este conteúdo para o racismo, não

apenas por ser negra, mas para contemplar a realidade daqueles alunos, que em sua maioria eram negros. Sobre isso, Prabhu (1990) diz que:

O ensino de línguas não deve acontecer em um mundo abstrato, meramente teórico e construído por autoridades, seja no sentido autoritário, com base no poder, seja no sentido autorizado, como base no saber, mas deve estar situado em um determinado contexto, com base na realidade, garantindo ao professor a opção de agir dentro daquilo que é plausível em seu contexto (PRABHU, 1990 *apud* LEFFA, 2012, p.199).

Deste modo, utilizei o tema racismo não somente com o objetivo de contemplar aquela realidade, mas também de conscientizar aqueles que nela estavam inseridos, já que, por vezes, mesmo estando inseridos em determinada realidade, é de extrema dificuldade ver o que realmente se passa com um olhar mais crítico e amplo, já que estamos nela há muito, tornando-se necessário expandir, como disse anteriormente, o olhar sobre a pluralidade existente.

Além disso, é importante lembrar que é somente pensando criticamente que se torna possível mudar, talvez não o mundo, mas nossa própria realidade e tendo em vista que a linguagem é um dos instrumentos mais poderosos que existem, devemos usá-la para isso. Como salienta Santos (2013):

Da pedagogia crítica de Freire, depreendemos que seu objetivo era desenvolver a consciência crítica do sujeito e fazer com que ele se engajasse em processos de leitura de textos nos quais pudessem assumir uma postura para poder também criticamente agir na sociedade. Tanto na teoria da crítica social quanto na pedagogia crítica de Freire, há um reconhecimento de que é necessário lutar por justiça e igualdade, utilizando-se a língua e o discurso como mecanismos que possibilitem a construção de um ser crítico social imbuído pela vontade de mudança (SANTOS, 2013, p.6-7).

Há muito o que se pensar e se refletir sobre a atualidade e levar temas que ensinem não somente a LA, mas que tenha um significado real para os estudantes e que os faça pensar e repensar seus conceitos de vida sobre o mundo é de extrema importância. Esse espaço em que os alunos puderam, por exemplo, refletir criticamente sobre a temática “racismo”, podendo discutir abertamente sobre o tema e repensar suas concepções foi um modo que percebi de enfrentar o problema existente e proporcionar às crianças que possuem a pele da mesma cor que a minha a oportunidade de conhecer como funciona, em diferentes níveis, essa discriminação racial e a realidade atual em que estão inseridas. Na próxima sessão, darei uma atenção maior a abordagem da temática racismo no ensino de uma Língua Adicional.

2.4. O ENSINO DE UMA LÍNGUA ADICIONAL (LA) COM A TEMÁTICA DO RACISMO

Começarei este subcapítulo perguntando “Quantos professores negros você teve em sua vida?”. Tendo morado em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, posso dizer (como já dito anteriormente) que tive apenas um (do sexo masculino) em toda a minha trajetória estudantil e universitária. Como foi dito no subcapítulo das leis sobre a questão racial no ensino básico, poucas pessoas negras conseguem chegar até a faculdade, imagine só lecionar? E, devido a isso, há um estranhamento enorme quando há um encontro com esse sujeito negro como professor.

Os professores negros também são afetados pela impossibilidade de identificação com a pele clara que se espera dos falantes nativos (especialmente das línguas europeias) sob esse mito. As expectativas dos alunos também são baseadas nessa ideia. Eu me lembro de outra situação que demonstra esse ponto. Um estudante de onze anos comentou sobre seu professor negro de italiano: “italiano? ... mas você é negro (JORGE, 2012, p.9).⁹

Creio que a questão principal seria: por que não refletir sobre a questão racial em escolas públicas e privadas se é justamente nesses lugares que sujeitos negros têm uma menor presença, maior evasão e onde ocorre o estranhamento quando essa pessoa consegue ser bem sucedida? Se são nesses espaços que ocorrem tantas discrepâncias, são nesses lugares que essa discussão e reflexão deve ocorrer. Sobre a reflexão racial dentro de escolas, Milner (2003) sugere que:

A reflexão em torno da raça em contextos culturais deve se tornar central na reflexão, expandindo a reflexão geral dos professores para uma reflexão mais diretiva. A noção de raça em contextos culturais refere-se às muitas questões educacionais associadas à raça - as percepções e realidades endêmicas e arraigadas que existem na educação como consequência da cor da pele. Essas percepções e realidades existem em uma variedade de contextos culturais que variam de realidades socioeconômicas, sistemas de valores, disposições de conhecimento, bem como formas de conhecer, comunicar e compreender (MILNER, 2003, p.173).¹⁰

⁹“Black teachers are also affected by the impossibility of identification with whiteness that is expected of native speakers (especially of European Languages) under this myth. The expectations of students are also based on this idea. I remember another situation that demonstrates this point. An eleven-year-old student commented about his Black teacher of Italian: “Italian? ... But you are Black!” (Texto Original)

¹⁰ “Reflection around race in cultural contexts should become central in reflection, expanding teachers’ general reflection to more directive reflection. The notion of race in cultural contexts refers to the many educational issues associated with race- the endemic and ingrained perceptions and realities that exist in education as a consequence of one’s skin color. These perceptions and realities exist in a variety of cultural contexts that range from socio-economic realities, value systems, knowledge dispositions, as well as ways of knowing, communicating and understanding”. (Texto Original)

E essa reflexão é de extrema importância para que haja o reconhecimento que a cor da pele de um indivíduo termina por caracterizá-lo; negativamente (geralmente ao que se refere a negros) e positivamente (geralmente ao que se refere a brancos), necessitando assim de uma intervenção que faça os alunos refletirem sobre esses valores pré-estabelecidos.

Em uma sociedade consciente da raça, o desenvolvimento de um senso positivo de identidade racial/ étnica que não seja baseado na suposta superioridade ou inferioridade é uma tarefa importante para os brancos e para as pessoas negras. O desenvolvimento dessa identidade positiva é um processo para toda a vida que, muitas vezes, exige que desaprendamos a desinformação e os estereótipos que internalizamos, não apenas sobre os outros, mas também sobre nós mesmos (TATUM, 2001, p. 53 *apud* MILNER, 2003 p. 174).¹¹

Isto é: como seres pensantes e, principalmente, como agentes educadores, precisamos subverter pensamentos retrógrados que diminuem ou elevam as pessoas pela raça que as mesmas possuem, sobretudo sobre pessoas negras. É necessário que se trabalhe os estereótipos internalizados. Por exemplo, quando você está andando em uma rua deserta e passa por uma criança pobre e negra, o que se sente, geralmente, é o medo. Pode não ser essa mesma situação, mas tenho quase certeza que todos já passaram por algo parecido e se depararam com esse preconceito internalizado. Mesmo como pessoa negra, consciente do racismo existente, já me deparei tendo medo de pessoas iguais a mim somente pelo tom de suas peles. É importante destacar que este preconceito não irá acabar de um dia para o outro e que essa reflexão ocorrerá, muito provavelmente, durante toda uma vida, não tendo um destino final, como cita Milner (2003):

A reflexão racial não envolve necessariamente um destino final; ao contrário, trata-se de um pensamento consciente e esforçado que convida os professores a refletirem continuamente e persistentemente sobre si mesmos como seres raciais, a fim de melhor compreenderem-se em relação às identidades, questões e experiências raciais dos outros e rejeitar crenças e estereótipos comuns. Esse conhecimento do processo e do progresso poderia ajudar os professores a lutarem contra a injustiça e o racismo, barreiras que frequentemente sufocam o crescimento e a aprendizagem de alunos negros (MILNER, 2003L p.4).¹²

¹¹ “In a race- conscious society, the development of a positive sense of racial /ethnic identity not based on assumed superiority or inferiority is an important task for both White people and people of color. The development of this positive identity is a lifelong process that often requires unlearning the misinformation and stereotypes we have internalized not only about the others, but also about ourselves.” (Texto Original)

¹²“Race reflection does not necessarily involve a final destination; rather, it concerns conscious, effortful thinking that invites teachers to continually and persistently reflect on themselves as racial beings in order to better understand themselves in relation to others’ racial identities, issues, and experiences and reject commonly held beliefs and stereotypes. This knowledge of process and progress could help teachers fight against injustice and racism, barriers that often stifle the growth and learning of students of color”. (Texto Original)

Creio ser de extrema importância frisar que compreender-se em relação a outras identidades não é uma tarefa fácil. Como mulher negra em uma sociedade racista e intolerante, é muito difícil, por exemplo, compreender a identidade daquele sujeito branco, classe média alta, que parece possuir todos os privilégios do mundo. Entretanto é necessário, acima de tudo, respeito, tolerância e muita reflexão para poder, de fato, compreender esse sujeito que, por muitas vezes, parece estar lutando a favor do racismo (e às vezes está).

A professora Donna Troka lecionou na Universidade de Emory, Atlanta, Georgia, um curso interdisciplinar intitulado “Resisting Racism: From Black is Beautiful to Black Lives Matter”¹³. Após o curso ter terminado, ela publicou o artigo “The Challenges of Teaching about the Black Lives Matter Movement: A Dialogue”¹⁴, juntamente com uma das alunas do curso, Dorcas Adedoja, sobre a experiência vivida. A professora conta como se sentiu como mulher branca no primeiro dia de aula:

Neste semestre incorporei uma discussão mais explícita sobre minha personalidade como uma mulher branca ensinando uma aula sobre como resistir ao racismo em minha primeira apresentação de classe. Eu falei sobre o quão desesperada e impotente eu me sentia enquanto assistia policiais (geralmente brancos) atacarem e matarem homens, mulheres e crianças negras em cidades dos Estados Unidos e não serem responsabilizados. Ao mesmo tempo, senti-me inspirada e esperançosa ao ver (principalmente) jovens negros (e algumas pessoas brancas) se levantarem contra a violência nas ruas, no campus de Emory e nas redes sociais e não recuarem. Expliquei aos meus alunos que acredito que uma estratégia para trabalhar no desmantelamento da desigualdade é com pessoas poderosas e pessoas sem poder trabalharem juntas em relação a diferença (TROKA, 2016, p.49).¹⁵

Ela também acrescenta que:

¹³ “Resistindo ao racismo: O preto é bonito para o “Black Lives Matter”. É importante salientar que o *Black Lives Matter* (A Vida dos Negros Importam) é um Movimento negro dos EUA, que faz companhias contra a violência direcionada a pessoas negras. O movimento faz protestos relacionados a brutalidade policial contra negros (incluindo a morte dos mesmos causada por policiais), discriminação e desigualdade racial Estados Unidos.

¹⁴ “Os desafios do ensino sobre o movimento Black Lives Matter: um diálogo”

¹⁵ “This semester I incorporated a more explicit discussion of my personality as a White woman teaching a class on resisting racism into my first day class introduction. I talked about how hopeless and helpless I felt as I watched (often white) police officers assault and murder Black men, women, and children in cities across the United States and not be held accountable. At the same time I felt inspired and hopeful as I saw (mostly) young people of color (and some white people) stand up against that violence in the streets, on Emory’s campus, and on social media and not back down. I explained to my students that I believe a strategy for working to dismantle inequality is for powerful and disempowered to work together across difference.” (Texto Original)

Por exemplo, pessoas brancas devem trabalhar em conjunto com pessoas negras para erradicar o racismo e a supremacia branca, os homens devem lutar ao lado das mulheres para eliminar o patriarcado, e as pessoas heterossexuais precisam se juntar ao povo LGBT para erradicar a homofobia e a transfobia. (TROKA, 2016, p. 49)¹⁶

Quando comecei dar minhas aulas sobre racismo, pesquisei muito sobre o que estava se passando no Brasil com a população negra; sempre percebi o racismo, mas nunca havia, de fato, buscado por estatísticas e episódios públicos de racismo. Assim como essa professora, estava me sentindo totalmente desolada sobre a situação, creio que mais ainda por ser negra e lembrar que algumas dessas cenas ocorrem comigo diariamente. Em contrapartida, não senti-me esperançosa, creio que pelo fato de que enxergo, em minha redes sociais, muitas pessoas de cor branca desprezando a luta negra, chegando a ser motivo de piada os mesmos.

Em determinado ponto do artigo, a aluna, Dorcas, faz alguns comentários sobre o ensino do racismo em sala de aula:

Ao discutir o privilégio branco em um cenário racialmente diverso, sempre haverá pessoas mais conscientes disso por causa da experiência pessoal. Um educador claramente não tem controle sobre isso. Parar nessa conclusão, no entanto, muitas vezes coloca os alunos marginalizados em uma situação injusta. As salas de aula da faculdade devem ser um lugar onde os alunos tenham a oportunidade de ser apenas estudantes, mas isso não é o caso quando o curso é centrado no racismo e no privilégio branco (ADEDJOJA, 2016, p.54).¹⁷

Também enfatiza que:

Cursos universitários sobre relações raciais nos Estados Unidos podem ser avassaladores para os estudantes negros. As aulas muitas vezes parecem infinitas e destacadas bobinas do sofrimento negro, e as consequências do ensino do discurso racial são extremamente danosas. A principal queda de pessoas negras aos olhos dos alunos na sala de aula. Isso tem consequências para os privilegiados, mas mais importante, os menos favorecidos (ADEDJOJA, 2016, p.55).¹⁸

¹⁶ “For instance, white people must work in tandem with people of color to eradicate racism and white supremacy, men must fight alongside women to eliminate patriarchy, and straight and cisgender people need to join LGbTQ people to eradicate homophobia and transphobia.”(Texto Original)

¹⁷“When discussing white privilege in a racially diverse setting, there will always be people who are more cognizant of it because of personal experience. An educator clearly has no control over that. Stopping at this conclusion, however, often puts marginalized students in an unfair situation. College classrooms should be a place where students have the opportunity to just be students, but that is often not the case when coursework is centered on racism and white privilege.” (Texto Original)

¹⁸“University courses on race relations in the United States can be overwhelming for black students. Classes often seem like infinite highlight reels of black suffering, and the consequences of teaching racial discourse this way are extremely damaging. The main downfall of black people in the eyes of the students in the classroom. This has consequences for the privileged, but more importantly, the underprivileged.” (Texto Original)

Ou seja, a experiência racial de cada um é distinta. É claro que no caso dessa estudante, temos que levar em conta de que foi um curso específico em uma Universidade, onde os alunos já possuíam uma consciência maior do racismo existente. No meu caso, o ensino concretizou-se em uma escola pública, com o ensino básico em aulas de espanhol, onde poucos tinham a consciência do racismo: alguns tinham consciência que sofriam, por exemplo, devido a cor da pele, mas não sabiam o nome disso, outros sabiam que sofriam devido ao racismo e outros, mesmo depois de haver sido expostos aos materiais que falavam sobre o racismo, continuaram negando que sofriam devido a isso ou que o racismo existia.

Para aqueles alunos negros que negaram, entendo completamente e até chego a questionar-me sobre ser certo ensinar o racismo em sala de aula: é muita pressão, para o aluno negro, ter toda uma discussão focada nele e em seu sofrimento. Recordo-me que quando criança, nas vezes que pessoas falavam sobre eu ser negra, ficava toda envergonhada e sem saber o que fazer, mesmo que o comentário sobre minha cor não fosse pejorativo. E, no ano passado, quando dei as aulas, senti-me sobrecarregada com aquele assunto, mesmo assumindo a posição de professora e decidida a falar sobre essa questão, pergunto-me, agora, como esses alunos que nunca haviam, talvez, sequer pensado sobre o racismo se sentiram.

Disse, anteriormente, que chego a questionar-me sobre ser certo ou não ensinar a pensar sobre o racismo, entretanto, foi apenas uma dúvida que surgiu pensando no sofrimento destes alunos ao encararem esta temática, pois sei que o sofrimento em frente ao racismo é mil vezes maior e ter consciência disso através de um espaço destinado a essa discussão é necessário, mesmo que, muitas vezes, extremamente cansativo, principalmente para alunos negros.

A estudante negra diz seu ponto de vista de como uma aula sobre o racismo deve ser concebida para que os estudantes negros se sintam confortáveis:

A chave para garantir que todos os alunos se beneficiem de um curso sobre racismo e privilégio branco é um professor que faz o melhor possível para eliminar as desvantagens comuns dos atuais alunos marginalizados. Isso requer ouvir as experiências dos alunos, a fim de garantir que as situações que causaram desconforto no passado não se repitam (ADEDJOJA, 2016, p.54).¹⁹

¹⁹ “The key to ensuring that all students benefit from a course about racism and white privilege is a professor that does his/her best to eliminate the common downsides for present marginalized students. This requires listening to student experiences in order to guarantee that situations that have caused discomfort in the past do not recur.” (Texto Original)

Escutar a experiência dos alunos é algo importante, porém é preciso dizer que quando se trata de crianças, esse processo não é tão simples; primeiro porque não é fácil para um ser em formação identificar o racismo que ainda sofreu; segundo, porque dizer em frente aos colegas brancos não é fácil e; terceiro, porque crianças, sempre estão fazendo brincadeiras entre si e é difícil para elas (tanto para as crianças negras, quanto para as brancas), identificar o que pode ser o racismo existente. Em uma das minhas aulas, quando um aluno apontou o racismo que sofria, justificou-o dizendo que era uma brincadeira como as outras que ele e seus amigos faziam.

A aluna, Dorcas, também acentua que:

Embora a resiliência negra em face da violência racista seja uma coisa linda, é importante lembrar que a extrema brutalidade ocorreu antes dela. Os negros são oprimidos pelo monstro do racismo e por todos os que o perpetuam ativamente ou inativamente a cada minuto de cada dia. Assim, contando histórias do passado sem se preocupar em pensar em soluções para aqueles no presente é outra forma de mercantilização do corpo negro, o trauma negro não é comercial ou algo para ser usado por pessoas brancas como um trampolim para as escolas de pós-graduação dos seus sonhos, porque eles se importavam o suficiente para lançar uma iniciativa. O trauma é real e os negros precisam ser humanizados e liberados o mais rápido possível (ADEDJOJA, 2016, p.55).²⁰

Os negros sofrem consciente ou inconscientemente com o racismo desde muito cedo. Mostrar as várias facetas do racismo é muito importante, porém mostrar soluções para que esse racismo acabe e para que o aluno tenha esperança que possa ser diferente um dia, mais importante ainda. A professora Troka (2016) mostra uma das soluções para este problema:

[...] e como podemos “encorajar” (leia-se: exigir) que nossos alunos desenvolvam formas de resistir/ desconstruir/erradicar esses sistemas de desigualdade? O primeiro passo, penso eu, é a exposição - expor os alunos à longa história do Movimento dos Direitos Civis e à muito mais curta história do movimento Black Lives Matter, em relação ao racismo, o e às formas como as pessoas resistem ao racismo ao longo dos anos (TROKA, 2016, p. 54-55).²¹

²⁰ “While black resilience in the face of racist violence is a beautiful thing, it is important to remember that extreme brutality took place prior to it. Black people are oppressed by the monster of racism and all who perpetuate it actively or inactively every minute of every day. Thus, telling stories of the past without bothering to think of solutions for those in the present is another form of the commodification of the black body, Black trauma is not commercial or something to be used by white people as a stepping stone into the graduate schools of their dreams because they cared enough to launch an initiative. The trauma is real and black people need to be humanized and liberated as soon as possible.” (Texto Original)

²¹ “[...] and how can we “encourage” (read: require) our students to develop ways to resist/deconstruct/eradicate these systems of inequality? The first step, I think, is exposure – exposing students to the long history of the

Ou seja, além de expor o mau do racismo, torna-se necessário expor como as pessoas negras vem suportando/lutando até hoje. Creio que no caso de professores negros, contar sua trajetória até ali, é um fator importante; contar como chegou até a sala de aula, contar suas experiências com o racismo e mostrar que isso pode ser superado. Em verdade, só de se ser um professor negro já é algo a ser levado em conta para os estudantes, tanto negros quanto brancos.

Além de tudo, é essencial pensar sobre como serão realizadas as aulas com a temática racismo e um dos principais pontos são os materiais a serem utilizados. Jorge (2012), em seu trabalho intitulado “*Critical Literacy, Foreign Language Teaching and the Education About Race Relations in Brazil*”²², reflete sobre as dificuldades de se ensinar Inglês de forma crítica, ainda mais quando se envolve a questão racial:

Além dos livros didáticos, outros artefatos culturais que afetam o aprendizado do ILE (Inglês como Língua Estrangeira), como filmes, videoclipes, programas de TV, livros, jornais e assim por diante, precisam ser explorados a partir de uma perspectiva crítica. Isso significa que o uso desses artefatos deve refletir sobre o que e quem é representado (ou não), como eles são representados, por quem, com qual finalidade, quem está empoderado (ou não) e assim por diante. Os materiais usados no ensino raramente permitem uma leitura crítica de um mundo racializado. As consequências dessa falta de crítica e até da própria invisibilidade, especialmente dos negros (e das nações indígenas) nos livros didáticos e em outros materiais didáticos do ILE, afetam, mais ou menos diretamente, a formação de identidades raciais de alunos e professores daquela língua (JORGE, 2012, p.86).²³

Nos livros didáticos, por exemplo, quando uma pessoa negra é retratada, geralmente, aparece em cargos considerados inferiores pela sociedade ou em uma posição subalterna, já os brancos são os que aparecem retratados como felizes, saudáveis, com uma família bem estruturada e estabilidade financeira, dando a impressão que apenas pessoas brancas terão algum êxito em suas vidas e que pessoas negras são inferiores. É óbvio, que o aluno irá

Civil Rights Movement and to the much shorter history of the Black Lives Matter movement to racism, and to the ways that folk have resisted racism over the years.” (Texto Original)

²² “Letramento Crítico, Ensino de Línguas Estrangeiras e a Educação sobre Relações Raciais no Brasil”.

²³ “In addition to textbooks, other cultural artifacts that affect EFL learning, such as movies, music videos and lyrics, TV shows, books, newspapers and so forth, need to be explored from a critical perspective. This means that the use of these artifacts should cause reflection about what and who is represented (or not), how they are represented, by whom, with which purpose, who is empowered (or not), and so forth. The materials used in teaching seldom allow for a critical reading of a racialized world. The consequences of this lack of criticism and even the actual invisibility, especially of Blacks (and native nations) in textbooks and other EFL teaching materials affect, more or less directly, the formation of racial identities of students and teachers of that language.” (Texto Original)

inconscientemente acreditar que a realidade se dá desse modo e que, talvez, seja impossível a inversão dessa condição. Em realidade, é tão comum pessoas negras já se considerarem e serem vistas como inferiores em relação a pessoas brancas, que torna-se necessário reverter este quadro. A escola é o espaço ideal para que haja essa reflexão.

Tendo em vista todos os pontos citados anteriormente - os professores negros, sua pequena quantidade e a importância dessa representatividade; a importância da reflexão racial e como isso pode reverter o quadro do racismo; a responsabilidade de educadores sobre levar o tema racial a ser discutido em sala de aula; a compreensão da visão do outro; a responsabilidade e o cuidado ao trabalhar a temática racismo, para que os alunos negros possam beneficiaram-se, de fato, com o tema e, por fim, o material mais adequado a ser utilizado nessas aulas - a seguir será mostrada a metodologia utilizada para a análise.

3. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que os dados à serem analisados são uma transcrição de áudio gravado em sala de aula e transcrições de vídeos-diários gravados, no período em que o estágio foi executado - primeiro semestre de 2017, sobre os quais reflete e faz considerações sobre essas aulas ministradas. Para entendermos um pouco melhor do que se trata a pesquisa qualitativa, podemos observar com Teixeira (2013) que:

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados (TEIXEIRA, 2013, p.137).

Ou seja, nesta pesquisa utilizarei tanto de meu suporte teórico, como dos dados coletados para a análise do estágio e de minhas próprias experiências pessoais para fundamentar a compreensão sobre o tema abordado e interpretação para a análise a ser realizada. Teixeira (2013), também ressalta as características da pesquisa qualitativa, três delas são: o pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização; a pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação e a pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados.

Levando em conta que o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre os dados gerados através de uma transcrição de áudio gravado em sala de aula, assim como relatos e reflexões produzidos em vídeo-diários sobre minha primeira prática docente, do estágio supervisionado em Língua Espanhola sobre a temática do racismo, o eixo epistemológico dessa pesquisa encaixa-se no Enfoque Fenomenológico-Hermenêutico.

Segundo Teixeira (2013, p.127-128), o Enfoque Fenomenológico-Hermenêutico caracteriza-se por “relações entre o fenômeno e essência, ou seja, a relação entre o fenômeno vivido e aquele que vivencia a essência do fenômeno [...] A interpretação como fundamento da compreensão dos fenômenos é o eixo da explicação científica”. O Enfoque Fenomenológico-Hermenêutico possui elementos e pressupostos em vários níveis/aspectos. Explicarei um pouco sobre cada nível/aspecto que será utilizado para a análise, são esses:

Nível Técnico; Nível Teórico (com relação ao tipo de críticas e de propostas de mudança); Nível Epistemológico (critérios de cientificidade); Pressupostos Gnosiológicos (concepção de objeto e de sujeito e sua relação e Pressupostos Ontológicos (Noção de homem).

Primeiramente, o Nível Técnico, de acordo com Teixeira (2013, p. 130), diz respeito à “utilização de técnicas não quantitativas como entrevistas, depoimentos, vivências, narrações, técnicas bibliográficas, histórias de vida e análise de discurso”. Em relação a esse nível, utilizei uma transcrição de áudio, gravado na primeira aula que iniciei a discussão com a temática racismo e seis vídeo-diários gravados após as seis aulas em que discutiu-se a temática racismo. Vale ressaltar que tanto a aula quanto os vídeo-diários foram gravados por meio de meu dispositivo celular e que minhas falas na transcrição da primeira aula nos vídeo-diários são em língua espanhola.

O primeiro áudio que diz respeito a primeira aula voltada para a temática transversal racismo, possui 52min.45s. e o vídeo- diário da respectiva aula 8min; o segundo vídeo-diário, correspondente a segunda aula sobre o racismo, 7min; o terceiro vídeo diário, correspondente a terceira aula sobre o racismo, possui 6min.17s.; o quarto vídeo diário, correspondente a quarta aula sobre o racismo, têm 11min.50s.; o quinto vídeo-diário, que diz respeito a quinta e penúltima aula sobre o racismo, possui 16 min. e o sexto vídeo-diário, correspondente a sexta e última aula, possui 12min.30s. É importante frisar que escolhi analisar apenas a primeira aula sobre a temática racismo, porque foi a aula em que os alunos mais se manifestaram sobre o tema.

A aula e os vídeo-diários foram transcritos a partir do modelo abaixo de transcrição, proposto por Irala (2012, p.126):

(2 ^{***})	Medida em segundos das pausas mais extensas.
(.)	Pausa breve
::	Extensão de um som vocálico
Ejemplo	Letras ou palavras sublinhadas indicam ênfase
/	Truncamento de palavras ou desvios sintáticos
(())	Comentário do transcritor
Ãhã, é, e	Itálico (som emitido pelo aparelho fonador sem que faça parte da construção sintática e/ou semântica do contexto em questão).
>ejemplo<	Quando se expressa uma palavra ou enunciado de forma mais acelerada que as palavras ou enunciados vizinhos.

Já no Nível Teórico (com relação ao tipo de críticas e de propostas de mudança), como destaca Teixeira (2013):

Explicitam-se críticas às abordagens fundadas no experimentalismo, nos métodos quantitativos e nas propostas tecnicistas. Fazem denúncias, explicitam ideologias, desvendam e decifram pressupostos implícitos nos discursos, textos e comunicações. As propostas têm um interesse conscientizador e por práticas alternativas e inovadoras (TEIXEIRA, 2013, p. 130).

Apesar deste trabalho não apresentar métodos quantitativos ou propostas tecnicistas, a análise apresentará críticas, positivas e negativas a respeito de minha experiência. Além disso, como trata-se da temática racismo, é quase impossível a análise não possuir denúncias e posicionamentos ideológicos.

Ao que se refere ao Nível Epistemológico (critérios de cientificidade), Teixeira (2013, p.131) diz que “confiam no processo lógico da interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador (racionalidade prático-comunicativa)”, ao que se refere aos Pressupostos Gnosiológicos (concepção de objeto e de sujeito e sua relação), Teixeira (2013, p.131) enfatiza que “o processo centralizado no sujeito: subjetividade. Acata a presença marcante do sujeito na interpretação do objeto estudado” e em relação aos Pressupostos Ontológicos (noção de homem), Teixeira (2013, p.131) acrescenta que “o homem é tido como projeto, ser inacabado, ser de relações com o mundo e com os outros. Educá-lo é desenvolver o projeto humano numa relação dialógica e conscientizadora”. Deste modo, posso afirmar que haverá minha reflexão acerca das transcrições com minha atenção voltada ao(s) sujeito(s) e sua(s) subjetividade(s) para a análise. Tanto nas aulas, quanto neste trabalho em questão, o objetivo central foi/é entender a relação do sujeito com o mundo e instiga-lo, com o intuito de que haja uma mudança em sua (pré) concepção e a conscientização sobre o tema abordado. No capítulo abaixo, dispõe-se, deste modo, a análise e discussão de dados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Após a leitura da transcrição feita da primeira aula e dos vídeos-diários, destacaram-se quatro categorias escolhidas para a análise, são essas:

- A ruptura na fala do aluno negro;
- O errôneo pensamento de que o racismo reverso existe;
- A tentativa dos alunos de negar o racismo existente com o argumento de que “somos todos iguais”;
- O orgulho, como professora negra, de ver meus alunos desenvolverem um trabalho sobre a temática do racismo.

Logo abaixo serão apresentadas as categorias acima, juntamente com excertos, fundamentação teórica e percepções pessoais como indivíduo negra, sobre o racismo existente, para análise dos dados.

4.1. A RUPTURA NA FALA DO ALUNO NEGRO

Com um olhar mais geral, observa-se a partir da transcrição da primeira aula, que houve um certo silenciamento na fala do aluno(a) negro(a) e isso se deu tanto por parte de alunos brancos quanto por parte da professora negra, em momentos que determinado aluno(a) negro(a) estava relatando algo pessoal relacionado à sua vivência como sujeito negro ou posicionando-se sobre o assunto. Podemos trazer à tona o conceito do lugar/posição de fala e o quanto isso foi furtado dos alunos negros e negras daquela sala de aula. Por conceito de lugar/posição de fala, podemos compreender que:

Lugar/posição de fala não se refere necessariamente a indivíduos dizendo algo; é um conceito que parte da perspectiva de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas. Afirmo a autora: “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (p.61). Trata-se de uma análise a partir da localização dos grupos nas relações de poder, levando em conta os marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração e sexualidade como elementos dentro de construções múltiplas na estrutura social. Portanto, o conceito parte das múltiplas condições que resultam as desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados (PEREIRA, 2018, p.155).

Em suma, o lugar de fala é a percepção de que a desigualdade e o preconceito direcionados a determinados grupos existem e que precisam ser discutidos não apenas por

aqueles que assumem posições superiores na sociedade e não refletem sobre os próprios privilégios, mas também por aqueles que são capazes de refletir criticamente sobre os sujeitos alvo da desigualdade e preconceito e, principalmente, por aqueles que sofrem esta desigualdade e/ou preconceito e o reconhece (ou não). Escutar as minorias e dar espaço para que elas se posicionem ou proporcionem aos demais o próprio relato de como é viver em uma sociedade desigual e preconceituosa é a chave para que essa realidade possa ser revertida e foi com este pensamento que comecei a dar minhas aulas, inconsciente de que, muitas vezes, a teoria é mais fácil do que a prática.

Na primeira aula direcionada à temática transversal racismo, os alunos assistiram dois vídeos sobre a questão racial. Um vídeo feito no México, onde uma mulher coloca dois bonecos idênticos, exceto pela cor (um branco e outro negro) na frente das crianças e faz perguntas a essas crianças sobre a beleza e personalidade dos bonecos, pautado na cor que os mesmos possuem, como, por exemplo: “qual boneco é bonito?”, “qual boneco é feio”, “qual boneco é mau?” e, onde, o resultado é que as crianças reproduzem, desde pequenas, o racismo, atribuindo todas as características negativas possíveis ao boneco negro. O outro vídeo, produzido no Estados Unidos, mostra um homem negro indo em direção a uma mulher muçulmana, que tenta fugir, com medo. A tensão do vídeo vai aumentando conforme o homem negro se aproxima da mulher, até que, no final, vemos que ele apenas está tentando salvar sua vida, já que a mesma estava prestes a ser atropelada. Exposto do que se trata a aula, podemos verificar esse silenciamento/ruptura na fala dos estudantes negros em diversos momentos; o primeiro deles no excerto abaixo, que trata-se da primeira aula²⁴ sobre o racismo:

Profesora: La próxima pregunta: este video fue hecho en México, ¿ piensas que el resultado sería el mismo acá en Bagé?

Maria Eduarda: Sí.

Luíza: También pienso.

Alisson: Aquí é até mais fácil de acontecer.

Larissa: No, no, no.

Alisson: Não vem falar que não, aquí é bem mais fácil./ ((él alumno en cuestión es negro))

Larissa: Aquí no Brasil ninguém fala em Espanhol (ALVES, 2017).

Como podemos observar, os alunos estavam refletindo se o resultado do primeiro vídeo (crianças reproduzindo o racismo desde muito cedo) seria parecido se houvesse o

²⁴ É importante destacar que todas as transcrições de áudios gravados em sala de aula, expostos na análise, tratam-se, somente, de excertos da primeira aula sobre a temática do racismo, como já foi dito em um momento anterior.

experimento na cidade dos mesmos, Bagé, Rio Grande do Sul. Maria Eduarda, que é negra, não hesitou em responder rapidamente a pergunta, com uma resposta seca e direta: “sí”, seguida por Luíza, que é branca, concordando com a mesma.

O aluno negro, Alisson, manifestou-se, dizendo que aqui era mais fácil de acontecer (pessoas manifestarem o racismo desde cedo) e, em contrapartida, a Larissa, que possui a cor branca, respondeu que não, três vezes seguidas. Quando o garoto tentou contra argumentar, foi cortado pela mesma, que disse que não falávamos a língua espanhola no país, utilizando-se, deste modo, de um argumento extremamente raso apenas para desviar a atenção do assunto que realmente importava; cortando a linha de raciocínio do estudante negro sobre a temática racismo por algo que, considero, desnecessário.

É interessante observar esse diálogo ocorrendo em resposta à pergunta de que se eles acreditam que as crianças reproduzem o racismo desde cedo aqui em Bagé, já que, a Larissa que é criança, reproduziu algo que pessoas adultas geralmente fazem quando se discute o racismo: desviar a atenção do assunto para algo que foge do tema, eliminando a questão da cor para ater-se a outros aspectos, muitas vezes sem relevância. Com essa fala, a aluna evidenciou que as crianças de Bagé (já que a mesma é criança) reproduzem desde muito cedo as formas de expressão de adultos de seu convívio e não estou dizendo que ela tenha sido racista com essa fala, contudo se ela reproduz formas de expressão parecidas com as dos adultos, para não se ater ao tema racismo, quem dirá que a mesma não reproduzirá ideias racistas?

Por exemplo, na última conversa sobre racismo que tive com meu ex namorado, que é branco, levei a tona para a conversa sobre como os guardas perseguem pessoas negras no supermercado, sobretudo homens negros. Meu ex namorado acreditava fielmente que pessoas negras não eram perseguidas dentro do mercado devido a sua cor, mas sim devido as vestimentas que utilizavam. Ele disse-me que “se eu me vestisse com roupas largas e boné também seria perseguido”, sendo que o mesmo já havia utilizado a vestimenta mencionada, várias vezes dentro de diversos estabelecimentos, e não foi algo de perseguição, mesmo estando comigo, mulher negra, do seu lado. Parece-me que quando tenho um homem branco ao meu lado, não importa o modo que ele se vista, isso resultará em um não preconceito direto direcionada a mim mesma. Muitas vezes que saía com meu melhor amigo, negro, éramos seguidos em supermercados (e nem usávamos roupas largas) e inclusive houve, em uma das vezes, uma discussão verbal entre meu amigo e um segurança do mercado, onde senti na pele o quão doloroso é ter que ainda saber que as pessoas viam a meu amigo e a mim como ladrões, por nossas cores. Neste dia, meu amigo chegou a conversar com o gerente do local

sobre a situação, mas recordo-me da expressão facial das pessoas que observaram a discussão, pareciam que elas nos consideravam loucos por denunciar algo que estava ocorrendo, o que para mim é uma falta de percepção e criticidade sobre o racismo existente.

Dias atrás, estava discutindo com uma amiga, também negra, sobre o fato de que, mesmo sendo mulheres negras, reproduzimos o racismo de diversas formas, ela relatou que, com frequência, guarda o celular rapidamente quando algum garoto negro, que parece de classe social mais desfavorecida, vem em sua direção, mas que não faz o mesmo quando um garoto branco, de classe social mais desfavorecida, vem em sua direção. Recordei-me de quantas vezes fiz o mesmo e me lembrei que quando adverti uma amiga de cor branca sobre esta atitude que ela também possui, ela negou, dizendo que não guarda o celular por um garoto ser negro, mas sim pelo “jeito” que tem, sendo que quando garotos brancos que possuem o mesmo “jeito” dos negros que ela descreve, ela não tem a preocupação sobre guardar o celular ou não. Ou seja, as pessoas, de modo geral, tendem a desviar o assunto sobre a cor das pessoas influenciarem em suas atitudes e pensamentos racistas e negar que o racismo existe, utilizando-se de argumentos que, se pararmos para analisar, não são verdadeiros em sua grande maioria.

Voltando ao diálogo de meus alunos, preciso explicitar de que além da aluna ter cortado a linha de raciocínio do estudante, eu, como professora, fiz o mesmo, como podemos observar no excerto a seguir:

Profesora: Pero, ¿piensan que si fueran negros, no sufrirían con eso? Por ser negro...
 Larissa: Sim.
 Duda: Sim.
 Profesora: ¿Y querían ser negros del mismo modo?
 Duda: Sim.
 Alisson: Eu não sofro por ser negro/quer dizer, eu não posso me importar/.
 Profesora: Correcto. (2º) La próxima pregunta [...] (ALVES, 2017).

Uma das alunas brancas, Duda, havia dito que queria ser negra, perguntei a ela se ela não pensava que sofreria se fosse negra, devido a cor da pele e ela respondeu que sim e em momento algum foi cortada. Já quando o estudante Alisson foi relatar sua experiência dizendo que não sofre por ser negro, foi interrompido por mim mesma. Fico imaginando os motivos dessa minha interrupção em sua fala e creio que foi pelo fato de sua resposta “eu não sofro por ser negro”. Eu, como mulher negra, queria tanto mostrar a faceta ruim de ser negro, que pensava que comentários positivos, que não inspirassem a compaixão e piedade de alunos brancos não fossem bem vindos naquela aula – que os alunos deveriam ver somente o quanto pessoas negras sofrem por serem negras. Já no excerto abaixo, uma aluna relata o racismo que

sofreu e além de eu não mostrar uma solução para isso, deixei a mesma ter seu espaço de fala roubado por uma estudante branca, como podemos verificar a seguir:

Maria Eduarda: Me chamaram de um monte de coisa (.) de “macaca, vai branquear sua pele, porque sua pele não é boa”, coisas assim.
 Profesora: ¿Aquí na escuela?
 Maria Eduarda: Sí.
 Profesora: ¿Y cómo te ha sentido con eso?
 Maria Eduarda: Eu me senti/ (.) parecia que eu era a culpada.
 Profesora: ¿Por qué pensó que era culpada?
 Maria Eduarda: Não sei (3”), tenho esse sentimento quando acontece uma coisa dessas/mas depois eu percebi/daí minha mãe falou que a culpa não era minha, (4”) mas eu não queria passar por isso.
 Profesora: ¿Cuántos años tenía?
 Maria Eduarda: Eu tinha uns seis, sete anos...
 Duda: Acho que todos somos iguais, não importa a cor assim (.) e quando a gente sofre isso a gente sofre e sente muito (ALVES, 2017).

A aluna, Maria Eduarda, estava narrando uma experiência traumática de sua vida, onde relatou ter sido chamada de macaca, onde a mandaram clarear sua pele e onde relatou o quanto sentiu-se culpada por algo que haviam feito contra ela, finalizando seu discurso dizendo que não queria passar por isso. Nesse excerto acima pode-se observar não apenas a ruptura em sua fala por parte de uma aluna branca, mas também a minha falta de preparo, como professora, sobre a situação.

Primeiramente, é importante enfatizar que, nessa aula, eu gostaria que houvesse esse tipo de relato, não apenas como modo dos alunos negros desabafarem suas vivências negativas como sujeitos negros, mas como modo de que os alunos brancos pudessem perceber como o racismo atua e que fossem capaz de percebê-lo. Entretanto, não pensei em como eu mesma reagiria a esses relatos; não levei em conta que, como mulher negra isso me afetaria, não pensei o que poderia responder ou que reflexões poderia trazer à tona após um aluno negro(a) fizesse um relato e, principalmente, não pensei na possibilidade de um relato, como o transcrito acima, pudesse gerar outros sentimentos a não ser tristeza e empatia. Não levei em conta que uma aluna branca poderia desqualificar um relato de racismo pessoal forte vindo de uma aluna negra.

A aluna Duda, garota branca, ao responder ao relato com “acho que todos somos iguais, não importa a cor [...] quando isso acontece a gente sofre e sente muito”, além de desqualificar o racismo existente com o “acho que todos somos iguais”, ainda diminui um sofrimento que ela não sabe o que é, por ser branca. Quando ela diz que “quando isso acontece a gente sofre e sente muito” ela dá a entender que, como uma pessoa branca, ela passa pelas mesmas situações, como se já tivesse sido alvo de racismo e tivesse passado e/ou

sentido o que a aluna Maria Eduarda passou/sentiu, o que não é verossímil. Não dá para saber o porquê dessa resposta, mas podemos notar que ela tentou dizer, após aquele relato, que o racismo pelo qual a Maria Eduarda passou, não é racismo, mas algo que acontece com todos os seres humanos, sejam brancos ou negros, desvalidando a fala da Maria, desvalidando o conteúdo que eu havia passado até então e desvalidando o racismo existente.

De acordo com Adejota (2016), um dos pontos chave para que alunos negros possam refletir criticamente em aulas sobre racismo é tendo uma mediadora que faça o melhor para que os sujeitos negros ali presentes não sofram o que sofrem fora da sala de aula e para que suas experiências em relação ao racismo sejam relatadas e escutadas de forma que além de serem compreendidos, não tenham suas falas colocadas em pautas, como se seus relatos fossem algo a se discutir, já que foi um trauma que vivenciaram e, não menos importante, a professora, como mediadora da discussão, deve mostrar como outros negros resistiram a essas agressões para que suas histórias negativas possam ser convertidas em luta contra o racismo.

A aluna Maria Eduarda pode não ter passado novamente dentro de sala de aula, não pelo que eu saiba, por uma situação de racismo pela qual passou aos seus seis/sete anos, entretanto talvez tenha se perguntado a razão pela qual expôs a todos algo tão triste e íntimo sem que os demais demonstrassem empatia ou sem que a professora tomasse alguma atitude ou dissesse algo acolhedor para que ela não revivesse algo ruim apenas por reviver.

Acredito que um dos fatores que me deixa intrigada, como professora, é que na época, mesmo com muita reflexão sobre o tema racismo em si e como abordá-lo em sala de aula, não percebi os erros que cometi. Após cada aula, gravava vídeo-diários, falando minhas percepções sobre a aula ministrada. O excerto abaixo, que diz respeito ao vídeo-diário da primeira aula sobre o racismo, demonstra minhas percepções, da época, sobre os excertos transcritos e comentados acima.

¡Hola! Creo que de todas las clases, la clase cinco fue la mejor de mi vida/ que ya he dado, porque yo conseguí sacar de los alumnos ideas excelentes, ideas/ (3") estoy muy feliz como maestra. Entonces, creo que lo objetivo de mi clase (.) fue claro y definido (.), hubo relación entre las actividades que fueron desarrolladas y (2") fue perfecto (ALVES, 2017).

Ou seja, naquele momento, denominei a aula como a melhor aula que dei em minha vida e, além disso, a considerei “perfeita” (hoje, a analisando, a enxergo como uma aula cheia de falhas), não reconhecendo os vários erros que cometi com alunos negros. Reproduzi nessa aula algo que tento combater. Embora decepcionada, é gratificante poder ter a opção de rever meus erros, para não serem cometidos futuramente. A reflexão torna-se, deste modo, algo que

deve ser imprescindível na vida dos professores, onde não há como ter-se um progresso, como indivíduo e como educador, sem que a reflexão em torno das próprias aulas ocorram.

4.2. O ERRÔNEO PENSAMENTO DE QUE O RACISMO REVERSO EXISTE

Podemos definir o racismo como um fator que ocorre quando se há um pensamento (consciente ou não), principalmente coletivo, de que uma raça é inferior a outra, devido, principalmente, às suas características físicas, que faz com que essa coletividade passe a ter falas e ações racistas (conscientes ou não), que prejudicam direta e indiretamente sujeitos pertencentes a essa outra raça, considerada subalterna.

Apresentado todo o referencial teórico e relatos até essa parte do trabalho, é quase impossível negar de que existe um racismo institucionalizado contra pessoas negras no Brasil; podemos ver isso tanto de forma direta, quanto de forma velada, mas e quanto ao racismo reverso? O racismo reverso é uma crença difundida entre brancos, que veio a ganhar força recentemente no Brasil, após negros terem se manifestado de forma mais direta e incisiva sobre o racismo que vem sofrendo. Sobre isso, Djamila Ribeiro, filósofa, feminista e acadêmica pesquisadora brasileira, que possui mestrado em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), diz:

Não existe racismo de negros contra brancos ou, como gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater aos conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para serem racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui (RIBEIRO, 2014, p.1).

Ela ainda acrescenta que:

Para haver racismo reverso, deveria ter existido navios branqueiros, escravização por mais de 300 anos da população branca, negação de direitos a essa população. Brancos são mortos por serem brancos? São seguidos por seguranças em lojas? Qual é a cor da maioria dos atores, atrizes e apresentadores de TV? Dos diretores de novelas? Qual é a cor da maioria dos universitários? Quem são os donos dos meios de produção? Há uma hegemonia branca criada pelo racismo que confere privilégios sociais a um grupo em detrimento de outro (RIBEIRO, 2014, p.1).

Muitas vezes, tanto em redes sociais quanto na universidade, praças, bares, enfim, diversificados espaços, deparei-me com comentários de pessoas brancas que acreditavam fielmente que eram vítimas do racismo por possuir a cor branca, entretanto não esperava que

em minha primeira prática docente, onde seria trabalhada a temática racismo, haveriam crianças que posicionaram-se como acreditando haver o racismo reverso no Brasil. No excerto abaixo, eu havia perguntado a eles, direcionando a pergunta, principalmente, aos meus alunos negros, sobre já ter sofrido ou presenciado uma situação de racismo, ao passo que dois alunos negros responderam que sim e três alunos brancos também responderam que sim, dois deles afirmando que haviam passado por uma situação de racismo, como podemos analisar no excerto abaixo:

Profesora: [...] La próxima pregunta: ¿Ya has sufrido o has presenciado una situación de racismo? ¿Cómo te has sentido?

Duda: Mucho.

Larissa: Sí.

Rafael: Sí.

Alisson: Rafael, você é branco.

Rafael: Mas não tem nada a ver.

Maria Eduarda: Eu já sofri.

Alisson: Eu ignoro (ALVES, 2017).

Como podemos observar, a Duda, aluna branca, respondeu “muito”, como se já tivesse passado por diversas situações de racismo. A Larissa, que é loira (branca), respondeu que sim e o Rafael, também branco, respondeu que sim. Nota-se que os alunos brancos foram os primeiros a manifestar-se sobre já ter sofrido racismo. Quando o aluno branco, Rafael, disse ter sofrido racismo, o aluno negro, Alisson, contestou com “você é branco”, dando a entender que como o mesmo era branco, parecia ser impossível ter passado por isso. Em contraponto, o garoto branco, Rafael, disse que “não tem nada a ver”, como se a cor não fosse um fator significativo sobre as pessoas sofrerem racismo ou não em nosso país.

Em seguida, a aluna Maria Eduarda, negra, disse que já sofreu e depois, como visto na seção anterior, relatou que foi chamada de macaca, entre outros adjetivos extremamente ofensivos. Teve um pouco de sua fala cortada, creio que devido a agitação que tornou-se a sala de aula, pelo aluno Alisson, que é negro, o mesmo que havia repreendido o Rafael por ser branco e dizer que sofre racismo. Sua fala foi “eu ignoro”, como se mesmo que sofresse por sua cor negra, deixasse isso de lado.

Isso trouxe recordações de toda minha infância e adolescência, onde sofria o racismo de diversas formas e em diversos contextos; eu sequer sabia que racismo é crime e mesmo que algo dentro de mim dissesse que aquele comportamento alheio era errado, sentia que era mais fácil fingir que não havia escutado o insulto do que tomar alguma atitude sobre isso e acredito que este aluno, ao dizer que ignora, toma a mesma atitude que tive por muito tempo. Encarar o racismo não é algo fácil e, observa-se, muitos negros ignorando o racismo que

sofre, até porque, muitas vezes, quando manifestam-se sobre isso, mesmo que amparados pela lei, nada é feito sobre.

Lembro da primeira vez, no ensino fundamental, que tentei posicionar-me sobre o racismo que estava sofrendo: em lágrimas fui até o professor e depois até a diretoria explicar o que estava ocorrendo, não obstante nenhuma providência foi tomada e continuei sendo alvo de racismo do grupo em questão. Pergunto-me se este aluno, o Alisson, já passou algo do tipo pra dar uma resposta tão direta e seca como “eu ignoro” – o modo que ele disse deu a entender que ele ignora pois não há muito o que se fazer sobre.

Após o aluno Alisson dizer que ignora o racismo que sofre, a sequência do diálogo é o que vem a seguir: “Duda: Eu sou branca e já sofri, me chamaram de pálida, cor de papel/ Alisson: Já me chamaram de carvão. (Excerto da Transcrição-Primeira aula sobre o racismo, ALVES, 2017).” Analisando este excerto acima, pode observar-se que a Duda, garota branca, relatou que já sofreu racismo, pois foi chamada de “pálida” e “cor de papel” e, depois de seu relato sobre sofrer racismo por sua cor branca, o aluno Alisson, que é negro, manifestou-se novamente, desta vez, dizendo que foi chamado de carvão. Pareceu-me, no momento, que o aluno Alisson respondeu com “já me chamaram de carvão” ao comentário de Duda, tentando reforçar que o racismo em relação aos negros é o que prevalece. Considero que é o único existente, encontrando apoio novamente, na mestra em Filosofia Política, Djamila Ribeiro:

Danilo Gentili quis comparar o fato de ser chamado de palmito com o fato de um negro ser chamado de carvão. E disse ser vítima de racismo, mostrando o quanto ignora o conceito. Ser chamado de palmito pode até ser chato e de mau gosto, mas racismo não é. A estética branca não é estigmatizada. Ao contrário, é a que é colocada como bela, como padrão. Danilo Gentili cresceu num País onde pessoas como ele estão em maioria na mídia, ele desde sempre pôde se reconhecer. Pode até ser chato, mas ele não é discriminado por isso. Que poder tem uma pessoa negra de influenciar a vida dele por chamá-lo de palmito? Nenhum (RIBEIRO, 2014, p.1).

Em suma, neste relato, Djamila descreve o que ocorreu em grande parte das aulas que dei, utilizando um contexto diferente; o contexto em que o apresentador Danilo Gentili disse nacionalmente que sofreu racismo reverso por ter sido chamado de palmito. Vários alunos brancos, sobretudo a Duda e o Rafael, relataram sofrer racismo por ter sido chamados de “cor de papel”, “pálida” e “folha de ofício”, porém o ocorrido pode ter sido, no máximo, desconfortável para eles. O fato deles terem sido chamados por estes nomes não os fizeram, nem os farão, sofrer com o racismo estrutural, direcionado aos negros, que existe em nossa sociedade. Já o aluno Alisson, que relatou ter sido chamado de carvão, provavelmente vai sofrer. Pessoas brancas, no Brasil, não perdem oportunidades de emprego por serem brancas e

nem são mortas “acidentalmente” devido a isso, o que ocorre com frequência com jovens negros, que possui a maior taxa de homicídio direcionado a eles no Brasil (OLIVEIRA, 2017). Por conseguinte, o fato de brancos receberem essas ofensas, não afetará nada em suas vidas, apesar de não ser algo confortável (uma pessoa branca ser chamada de “papal de ofício” pode ser apenas uma reprodução de racismo ou rejeição da branquitude, realizada por um negro já cansado de sofrer). Em contrapartida, no caso dos negros, não trata-se apenas de desconforto, mas de mais um modo de preconceito racial, dentre outros vários âmbitos em que o racismo manifesta-se em sua vida. Sobre isso, Ribeiro (2014, p.1), diz que:

Muitas vezes o que pode ocorrer é um modo de defesa, algumas pessoas negras, cansadas de sofrer racismo, agem de modo a rejeitar de modo direto a branquitude, mas isso é uma reação à opressão e também não configura racismo. Eu posso fazer uma careta e chamar alguém de branquela. A pessoa fica triste, mas que poder social essa minha atitude tem? Agora, ser xingada por ser negra é mais um elemento do racismo instituído que, além de me ofender, me nega espaço e limita minhas escolhas (RIBEIRO, 2014, p.1).

Quando nós, negros, falamos em racismo, estamos falando do racismo institucionalizado, do racismo estrutural, que é um racismo que todos negros acabam sofrendo devido o olhar negativo perante eles de toda uma sociedade; onde uma sociedade inteira funciona o reproduzindo, de várias formas possíveis e que vem de uma longa data histórica: foram 300 anos de escravidão e são pouco mais de 100 anos de liberdade. As marcas da escravidão perduram até hoje, não é à toa que grande parte das periferias são compostas por corpos negros. A população negra brasileira ainda carrega o peso de seu passado em vários níveis e é uma estrutura social difícil de ser mudada. Ainda vivemos em um país onde, pessoas brancas, picham, inclusive em universidades públicas, frases como “Os negros ainda voltarão para a senzala”.

Como disse anteriormente, não esperava essa resposta dos meus alunos brancos, foi uma surpresa, então ao invés de direcionar-me para aqueles que eu sabia que, de fato, sofriam racismo e dar-lhes uma atenção maior, direcionei-me para aqueles que eu não acreditava sofrer o racismo institucionalizado, como podemos ver no excerto abaixo:

Profesora: Pero, ¿las personas blancas de acá ya sufrieron racismo?

Duda: Sí.

Profesora: ¿ Ya sufriste racismo, Duda?

Duda: Não/sim, já me chamaram de branquela, branquela azeda.

Rafael: Já me chamaram de folha de ofício. Pessoa branca sofre racismo (ALVES, 2017).

Os alunos brancos continuaram a repetir que sofriam racismo, citando termos de ofensas que sofreram, tais como “branquela, branquela azeda, folha de ofício” e terminando a fala afirmando que “pessoa branca sofre racismo”. O áudio após essa afirmação foi um tumulto; tanto dos alunos brancos afirmando que sofrem racismo, quanto dos alunos negros dizendo que apenas negros sofrem racismo. Inclusive, até eu mesma, na posição de professora, não soube mediar e entrei na discussão afirmando que o racismo contra pessoas brancas não existem, todavia sem argumento válido para sustentar o que dizia.

Agora, pergunto-me: se o que ensinei aos meus alunos é que o racismo é inferiorizar alguém pela sua cor, pela sua raça, e sabendo que ofensas, mesmo que isoladas e mesmo que sem impacto algum na vida de uma pessoa branca pode ocorrer, como eu esperava que os alunos brancos fossem compreender isso? Pelo que me recordo, expliquei a eles que o racismo era inferiorizar alguém pela cor da pele e que isso ocorria com pessoas negras, contudo em nenhum momento disse à eles o que disse acima sobre o racismo institucionalizado/estrutural, que era o que, de fato, gostaria que eles entendessem. Como eles poderiam compreender, sem eu explicar? Ou melhor, como eles poderiam compreender se nem eu mesma compreendia? Se eu apenas reproduzia o discurso que não havia racismo reverso, contudo não sabia justificar o que dizia?

Deste modo, concluo este tópico mostrando o quanto professor precisa antever situações que podem acontecer durante a aula. Por exemplo, no caso do racismo reverso eu, como professora, deveria prever que algum aluno traria isso à tona e deveria ter o material ou uma resposta assertiva sobre o tema. Mais do que isso, se minha proposta era discutir a temática racismo, deveria dominar o assunto ou, ao menos, ter argumentos sólidos para conduzir uma discussão. É importante frisar que, ao decorrer das outras aulas, tentei mostrar a partir de relatos sobre o racismo que circula o mundo o quanto pessoas negras são afetadas por esse racismo estrutural existente, mas em nenhum momento fui direta sobre esta explicação.

4.3. A TENTATIVA DOS ALUNOS DE NEGAR O RACISMO EXISTENTE COM O ARGUMENTO DE QUE “SOMOS TODOS IGUAIS”

Um fator interessante, que pôde-se observar durante as aulas sobre o racismo, que perdurou desde a primeira aula em que o assunto foi discutido, até a apresentação dos trabalhos finais (cartazes e vídeo sobre a conscientização do racismo), foi o fato de que as crianças da turma, apesar de estarem discutindo sobre o racismo e parecerem reconhecer do

que ele se trata, vez ou outra, tentavam, através de seus discursos, negar que o racismo existe, principalmente os alunos brancos. No excerto abaixo podemos verificar isso:

Profesora: Gente, calma, ¿entonces piensan que el resultado sería el mismo?

Duda: Yo quería ser negra.

Profesora: ¿Quería ser negra? Cuántos acá querían ser negros?

Larissa: Tanto faz, somos todos iguais (ALVES, 2017).

Primeiramente, fiz uma relação sobre o vídeo que eles haviam assistido (como já mencionei acima, o vídeo mostra crianças reproduzindo o racismo desde muito novas) com suas realidades. Em síntese, quando perguntei se o resultado seria o mesmo aqui na cidade de Bagé, ou seja, se as crianças reproduziriam o racismo desde novas aqui em Bagé, a aluna Duda, que é branca, deu uma resposta não esperada: “yo queria ser negra”. Não há como dizer se ela estava sendo sincera ou não sobre o fato de querer ter a pele escura, mas no momento em que ela disse isso, pareceu-me, num primeiro momento, que seu único objetivo era querer chamar atenção para si, mas depois de analisar melhor, percebi nessa fala não somente um querer chamar atenção, mas um modo de querer negar o racismo existente, como se ela estivesse querendo dizer “se o racismo existisse mesmo, por que eu iria querer ser negra? Por que eu iria querer sofrer?”. Ademais, compreendi essa fala como uma forma de negar ser racista ou de tentar evidenciar de que não se é racista, até porque, como alguém seria racista já que gostaria de ter a pele negra? E isso é um discurso muito comum entre adultos que, vez ou outra, dizem “não sou racista, até tenho um amigo negro”.

Após a aluna ter feito a declaração sobre ter o desejo de ter a pele escura, eu a indaguei sobre o que ela havia falado, querendo entender o porquê disso. Falhei ao fazer duas perguntas ao mesmo tempo, porque isso fez com que ela não me respondesse. Além disso, também perguntei se mais alguém da sala, que era branco, tinha essa vontade de ter a pele negra e, para a minha surpresa, metade dos alunos brancos disseram que sim, deste modo, percebi que não só a aluna Duda, mas que toda a classe tentava, ao dizer que gostaria de ser negro, relativizar o racismo; como se o racismo fosse algo tão inexistente ou como se as pessoas negras sofressem tão pouco com os estereótipos atribuídos a elas, que não havia diferença para eles ser brancos ou negros, já que como a aluna Larissa disse ao final do diálogo acima: “tanto faz, somos todos iguais”.

A frase “somos todos iguais”, dita primeiramente pela aluna Larissa, que também é branca, foi repetida várias vezes durante todo o contato que os alunos tiveram com a temática racismo, acredito que como uma forma de negar o racismo existente. Também pode notar-se

que antes dela dizer que somos todos iguais, ela disse “tanto faz”, como se não houvesse diferença entre ser um sujeito branco ou negro em nossa sociedade. Quando um sujeito fala que “tanto faz, somos todos iguais”, ele está ignorando o fato de que ele, como branco, possui privilégios em relação ao negro e, o negro dizendo isso, está tentando ignorar ou simplesmente não reconhece a condição subalterna em que se encontra. Creio que muitas pessoas adultas diriam e dizem “somos todos iguais” e é algo que as crianças terminam reproduzindo. Apesar de saber que, como crianças, eles ainda possuem certa ingenuidade, eles já estão, mesmo que inconscientemente, não só reproduzindo algo que tenta negar o racismo, mas como também, ao negar o racismo, terminam por manter seus privilégios como sujeitos brancos.

Já no excerto abaixo, temos, como mencionei, além de uma garota branca reproduzindo a frase “somos todos iguais”, um garoto negro também fazendo o mesmo:

Luíza: Não tem porque serem preconceituosos, somos todos iguais.

Alisson: Eu tava falando para ele, que se fosse comigo, um cara tipo eu, por eu ser mais neguinho e o cara me zoasse/ pensando bem/não adiantaria falar para mim que o branco é mais bonito (4”) ou/todos somos iguais.

Profesora: Pero se fuese niño, se tu fuese niño/ porque ahora tu ta eres mayor/ pero, se fuese niño (2”)

Alisson: Não faz diferença, sempre tive isso na vida.

Profesora: ;Siempre?

Alisson: É a mesma coisa, sempre tive isso em mente.

Rafael: Amém, ter uma cabeça (ALVES, 2017).

O diálogo acima começa com uma das garotas, que é branca, falando em determinado momento da discussão que não há porque serem preconceituosos, já que todas as pessoas são iguais. Tive um contato maior com essa aluna, por ela ser participativa e procurar-me antes e depois das aulas e, entendo que, talvez, ela tenha dito isso com certa ingenuidade, no sentido de não haver motivos para alguém ser preconceituoso, já que todos são seres humanos. Talvez ela realmente veja dessa forma.

Lembro-me que a primeira vez que conversei com minha melhor amiga, também branca, sobre como o racismo permeia minha existência, ela levou um choque; não por eu querer tratar do assunto com ela, mas por ela nunca ter reconhecido o racismo que havia no mundo – minha melhor amiga nunca demonstrou uma atitude racista em todo momento que estive do seu lado e, talvez, por ter esse respeito e empatia com o outro ser humano, não percebia questões como essa. Porém, é importante destacar que não significa que porque determinada pessoa não seja racista e/ou não perceba o racismo, que o racismo deixará de existir. A falta de criticidade sobre esse tema apenas beneficia as pessoas brancas e mesmo se

o indivíduo branco for uma pessoa livre de preconceitos, que trata todos os seres humanos do mesmo modo, não é o bastante para que os negros, por exemplo, possuam os mesmos privilégios que eles. A única coisa que pode mudar a situação do sujeito negro em nossa sociedade, é as pessoas se conscientizarem sobre a realidade existente e, a partir disso, conscientizar outras pessoas, para que um dia essa realidade de racismo possa ter um fim.

Após a fala dessa aluna, o estudante Alisson, que é negro e que sempre se manifestava nas discussões, disse que estava comentando com um colega que se ele passasse por uma situação de racismo em que fosse rejeitado devido a sua cor, ele não se importaria e ignoraria. Depois de ter manifestado essa ideia, ficou alguns segundos em silêncio, vacilou no que iria dizer e terminou sua fala dizendo que “todos somos iguais”. Honestamente, não acredito na veracidade dessas palavras. Como mulher negra, que já passou por diversas situações de racismo, sei o quanto isso machuca e creio que ele tentou, com essas palavras, demonstrar força, porque foi uma estratégia que utilizei por muito tempo e que não foi fácil de suportar. Quando era rejeitada por conta da minha cor, eu aparentemente ignorava, fingia que não me importava, que não machucava, que eles poderiam continuar dizendo o quanto quisessem que não iria interferir em quem sou, até que chegou em um ponto que não aguentei mais ser vítima disso e decidi reagir, o requer muita coragem. Muitas vezes quando o sujeito negro passa por uma situação de racismo, mas ainda não sabe do que se trata, ou sabe, porém não sabe como proceder, ele se cala; se cala porque é mais cômodo, se cala porque ao ignorar ele tem a falsa sensação de que se ele não se importar com aquilo, tudo vai ficar bem, o que não é verdade.

Seguindo adiante, após o aluno Alisson dizer que ignoraria e não se importaria com uma situação em que sofresse racismo, perguntei como ele se sentiria se passasse por uma situação de racismo quando criança, ao que ele respondeu que sempre pensou dessa forma, ou seja, que nunca deixaria se afetar pelo racismo. Como disse anteriormente, não acredito, por minhas vivências e vivências de várias outras pessoas negras que tive contato, que isso seja possível, mas claro, posso estar enganada. Enfim, após ele ter dito em como nunca se deixou afetar pelo racismo, o aluno Rafael, que possui a cor branca, respondeu “Amém ter uma cabeça”, como se o aluno Alisson fosse inteligente por suportar uma situação de racismo e se calar perante a isso. Já vi em diversos espaços a mesma situação que descrevi: pessoas brancas elogiarem pessoas negras que se calam perante ao racismo, como se os negros que se manifestam sobre isso estivessem se vitimizando.

O aluno Rafael reproduziu um comportamento típico de pessoas que não possuem empatia pela causa dos outros, assumindo que uma pessoa que ignora o racismo ao invés de

posicionar-se é mais inteligente. Compreendo pessoas brancas assumindo essa posição - se o negro não puder refletir criticamente e responder ao racismo que lhe é acometido, ele, como branco, tem mais possibilidade de continuar usufruindo de seu privilégio sem ninguém para incomodá-lo. Óbvio, talvez o aluno Rafael não possui consciência desse fato ao dizer essas palavras: é apenas uma criança, mas percebe-se que já perpetua esse pensamento de pessoas adultas, que enxergam o racismo como algo inexistente ou como algo que não deve ser pensado e discutido.

Algo parecido ocorre no excerto abaixo:

Maria Eduarda: Não sei (3”), tenho esse sentimento quando acontece uma coisa dessas/mas depois eu percebi/daí minha mãe falou que a culpa não era minha, (4”) mas eu não queria passar por isso.

Profesora: ¿ Cuántos años tenía?

Maria Eduarda: Eu tinha uns seis, sete anos...

Duda: Acho que todos somos iguais, não importa a cor assim (.) e quando a gente sofre isso a gente sofre e sente muito (ALVES, 2017).

O diálogo acima, já visto no primeiro tópico e analisado sob a perspectiva da ruptura na fala do aluno negro dá, também, para ser pensado neste tópico sobre a negação do racismo. Após a aluna Maria Eduarda, que é negra, ter dado um relato forte: dizer que foi chamada de macaca, a terem mandado branquear sua pele, e relatar que sentia-se culpada pelas ofensas que sofreu, a aluna Duda, que é branca, simplesmente disse “acho que todos somos iguais, não importa a cor”. A aluna havia acabado de mencionar o quanto havia sofrido devido a cor de sua pele e a aluna branca, do mesmo modo, foi capaz de tentar se referir a igualdade; como se ela ou outra garota branca daquela turma tivesse passado por uma situação parecida ou sentisse a dor que a Maria Eduarda sentiu ao escutar essas palavras racistas.

É difícil de se imaginar que, mesmo escutando um relato tão forte, alguém possa relativizar o racismo. Entendo que ela, a Duda, tinha, na época, apenas 14 anos e talvez pudesse ter se sentido desconfortável com o relato e por isso disse essas palavras, sem pensar muito, talvez com o intuito de até confortar a garota que havia feito o relato, mas o racismo não é algo confortável e quando alguém negro expõe um relato tão forte, o mínimo que se espera é não escutar um “somos todos iguais”. Obviamente, eu, como professora, por não estar preparada, também errei ali, deveria ter intervindo e fazê-los refletir e se perguntarem o porquê de acreditar que há a igualdade, mesmo sendo expostos a todo material que haviam visto na aula até então e a relatos de como é passar por uma situação de racismo, como o depoimento da aluna Maria Eduarda.

4.4. O ORGULHO, COMO PROFESSORA NEGRA, DE VER OS ALUNOS DESENVOLVEREM UM TRABALHO SOBRE A TEMÁTICA DO RACISMO

Foi de extremo valor para mim, ter minha primeira prática docente trabalhando com os alunos um assunto que possui tanto significado em minha vida e que acredito ser essencial ser estudado nas escolas como forma de desenvolver o pensamento crítico dos alunos. Apesar das falhas e falta de preparo para conduzir a discussão sobre o racismo em alguns momentos de aula, creio que toda discussão que tivemos serviu para que tanto eu quanto meus antigos alunos se beneficiassem da discussão e crescessem como seres humanos capazes de refletirem sobre a realidade atual existente. Após as discussões iniciais sobre o racismo, que foram de extrema importância para os alunos desenvolver o trabalho que fizeram, eles já começaram, com minha ajuda, a produzir materiais sobre o racismo e iam os modificando conforme o que liam e percebiam sobre o assunto. No excerto abaixo, que diz respeito à transcrição do vídeo-diário da primeira aula sobre o racismo, é visível meu contentamento ao vê-los começarem a desenvolver ideias sobre o que fariam:

[...] ellos empezaren a tener ideas acerca de los cartazes que van a producir, *hãn*, para combatir el racismo, para concienciar/para hacer la concienciación de las personas acerca del racismo y (2^o) ellos tuvieron ideas fantásticas. (2^o) Fue algo que yo no esperaba, creo que yo subestimé un poco mis alumnos, pero <quinze minutos ellos tuvieron> muchas ideas (ALVES, 2017).

Trabalhar com a temática racismo requer continuidade, não é de um dia para o outro que os alunos (muitos que até então sequer sabiam que o racismo existia), irão ter uma visão crítica sobre, é algo que vai se construindo com o tempo. Como mulher negra, vejo que construo um pouco a cada dia e imagino como deve ter sido algo novo essa construção para meus alunos, que nunca haviam sido propostos a pensar este tema no ambiente escolar. Eles levaram quatro aulas para produzir quatro cartazes e um vídeo (houve cinco grupos distintos, consequentemente cinco trabalhos) para conscientizar as pessoas daquela escola sobre o tema.

Logo após a primeira aula com essa temática, eu comuniquei a eles que a proposta final era que eles fizessem cartazes para conscientizar as demais pessoas da escola e comunidade sobre o racismo e os subestimei em pensamento, tendo a ideia de que num primeiro momento eles não se empolgariam com a ideia ou não conseguiriam começar a elaborar nada, mas quinze minutos depois de nossa primeira discussão, eles já começaram a ter ideias e as escrevê-las.

Um dos grupos, compostos apenas por garotas, perguntaram-me se poderiam, ao invés do cartaz, produzir um vídeo parecido com o que eles assistiram em aula. Como já disse na primeira sessão da análise, este vídeo que assistiram foi produzido no México, onde uma mulher coloca dois bonecos idênticos, exceto pela cor (um branco e outro negro) na frente das crianças e faz perguntas a essas crianças sobre a beleza e personalidade dos bonecos, pautado na cor que os mesmos possuem, como, por exemplo: “qual boneco é bonito?”, “qual boneco é feio”, “qual boneco é mau?” e, onde, o resultado é que as crianças reproduzem, desde pequenas, o racismo, atribuindo todas as características negativas ao boneco negro. A proposta delas, logo de início, foi reproduzir as perguntas daquele vídeo na realidade em que estavam inseridas, ou seja, com crianças da escola em que estudavam. Eu achei a ideia maravilhosa e fiquei extremamente empolgada.

Outro fator que me deixou motivada, foi a participação voluntária dos alunos em quase todas as atividades, como é perceptível no relato a seguir, que se refere à transcrição do vídeo-diário da terceira aula sobre a temática do racismo:

Entonces, la primera actividad que fue llenar los huecos (.) se quedó muy buena, porque ellos (.) a todos les gustaran mucho la música y ellos gustaron tanto de la música que no querían parar de cantarla, entonces, ellos cantaron, yo grabé ellos cantando, <fue muy lindo> , me dejó muy alegre, muy feliz por ser maestra (ALVES, 2017).

Na terceira aula sobre o racismo, eu levei para eles uma música chamada “A alma não tem cor/El alma no tiene color”, da banda argentina Perotá Chingó, com o intuito deles pensarem sobre a questão racial praticando também a compreensão auditiva da Língua Espanhola, já que os alunos tinham que completar a letra da música com as palavras que faltavam. Os alunos amaram a música, então propus que eles cantassem, mas não imaginava que eles realmente se cativariam com a ideia a ponto de todos irem até a frente da sala de aula com a letra e cantarem juntos em coral. Alguns alunos ficaram tímidos a princípio, principalmente quando perguntei se poderia gravar eles cantando, porém estes alunos tímidos, ao ver a maioria animada, juntou-se aos demais e, de repente, nem estavam mais precisando que eu colocasse a música original para que eles acompanhasse o ritmo - estavam cantando a música em alto e bom som e isso fez eu sentir um grande orgulho deles e de mim mesma como professora por proporcionar aquele momento. Durante esses anos de licenciatura em Língua Espanhola e Inglesa, tive muitas dúvidas sobre a minha real vontade de ser professora, e nesse momento que eles estavam cantando, não tive dúvidas da profissão que eu queria levar para minha vida.

Outro sentimento que fiquei surpresa em ter, foi a tristeza em pensar que aqueles alunos estavam apenas de passagem em minha vida, já que desenvolvi um carinho muito grande por eles, após minha quarta aula com a temática racismo, relatei no vídeo diário as seguintes palavras: “Hoy yo he dado mi clase ocho²⁵, está casi terminando mis clases, yo me quedo feliz por eso y también me quedo triste, porque yo desarrollé sentimientos por mis alumnos,” (ALVES, 2017). Recordo-me que eu estava bem cansada, porque além do estágio, o semestre estava bem difícil ao que se refere às disciplinas que eu estava cursando. A princípio pensei que ficaria extremamente feliz (e só feliz) ao final do estágio, porque creio que é uma das maiores responsabilidades durante o período acadêmico, não obstante acabei tendo também um enorme sentimento de tristeza por saber que iria afastar-me daqueles alunos; talvez por serem os primeiros alunos que tive, desenvolvi um sentimento de carinho muito grande, o que não ocorreu nas minhas outras três práticas docentes como professora durante o período da Universidade.

Apesar dos cartazes e vídeo com a conscientização do racismo terem sido desenvolvidos em apenas quatro aulas, foi extremamente cansativo para mim este processo e creio que para os alunos também. O tema racismo não é um tema fácil de ser pensado, discutido e, como o foco foi voltado inteiramente para este tema, no final das aulas, já estávamos um pouco cansados, mas percebi que todo o esforço valeu a pena quando vi a apresentação do primeiro grupo, composto todos por meninas (como se pode verificar no excerto do vídeo-diário da quinta aula):

[...] el primer grupo de las niñas hicieron un cartel brillante, muy bello, muy lindo, (.) ellas tuvieron criticidad para escribirlo y las cosas que ellas dijeron en su presentación [...] ellas escribieron lo que iban a presentar, ellas intentaron escribir en la Lengua Española, yo las ayudé, <ellas dividieron las partes que cada una iba a hablar, y todas ellas hablaron y la mejor parte>: ellas hablaron sin leer el papel, ellas escribieron/yo pensé que ellas no lograrían hablar por hablar en Español en la frente de todos, pero elas hablaron en Español y ellas hablaron sin leer y eso, yo estoy/estaba muy emocionada en clase (ALVES, 2017).

Foi um trabalho lindo e além das palavras que elas escreveram sobre a conscientização do racismo no cartaz, o fato de não só o cartaz, mas a apresentação oral ter sido realizada em língua espanhola, fez-me perceber que é possível sim trabalhar uma língua adicional contemplando temas transversais, o que deixou-me emocionada, já que em muitos momentos perguntei-me se eles conseguiriam aprender aspectos linguísticos tendo a atenção voltada para

²⁵Como não trabalhei a temática do racismo durante as dez aulas do estágio, a aula oito corresponde, deste modo, à quarta aula sobre o racismo.

um tema sensível e específico. Foi uma alegria imensa perceber que os alunos tiveram um grande avanço em seus pensamentos críticos e também na língua espanhola.

Os outros grupos que apresentaram, também fizeram suas apresentações em língua espanhola e embora alguns tenham lido suas anotações, o resultado não foi menos motivador. O vídeo feito pelo outro grupo de garotas, com o intuito de ver se as crianças de sua escola reproduzem o racismo desde novas também ficou ótimo: elas se encarregaram de tudo e não tive participação nenhuma nisso, apenas as ajudei escrever a introdução do que falariam no vídeo e a fala final. Elas praticaram muito suas falas, gravaram diversas vezes até ter o resultado que gostariam. Uma delas ficou insegura quando compartilhei o vídeo com o restante da classe, mas todos ficaram surpresos e admirados com o resultado, inclusive eu.

Neste processo de instigar o pensamento crítico de meus alunos, tornei-me muita próxima de alguns e desenvolvi um enorme carinho por todos. No último dia de aula, eles fizeram uma festa surpresa para mim, que não foi tão surpresa porque minha orientadora havia me contado que eles o fariam; me emocionei muito, como retrata este excerto, do vídeo diário referente a última aula (2017): “[...] cuando yo llegué en la fiesta, estaba todo tan lindo y ellos estaban desde las seis de la mañana allí, para preparar la fiesta...((después de eso es yo llorando y diciendo lo cuanto ha significado esa experiencia para mí))”.

Emocionei-me ao pensar que eles acordaram mais cedo para ir para escola para preparar algo para mim, emocionei-me por tudo que estava escrito no quadro, já que eles escreveram várias mensagens mencionando o quê e o quanto aprenderam comigo, emocionei-me com o que eles falaram-me: uma das alunas estava com um microfone representando toda a sala e foi muito bonito o discurso que escreveram e que ela recitou. Destaco que o que mais me deixou emocionada e feliz foi quando uma das minhas alunas negras, Maria Eduarda, veio abraçar-me e dizer que depois de todas as aulas e de meu exemplo como professora negra, conseguia aceitar-se como negra e que conseguia sentir-se bonita exatamente como é.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmo nesta conclusão a importância de se trabalhar temas transversais em sala de aula e estimular o pensamento crítico de nossos jovens e crianças. Como educadora, vejo que o dever do professor não é só ensinar conteúdos que, muitas vezes não se aplicam a realidade do indivíduo, mas ensinar de acordo com a realidade dos alunos, de modo que eles possam incorporar esse conhecimento em suas vidas/ realidades podendo, desse modo, vir a alterar o mundo de forma positiva.

O tema racismo, apesar de muito discutido é, muitas vezes, incompreendido e levar esta compreensão para sala de aula é de extrema importância não só para que os alunos negros possam saber o que é o racismo e a partir daí saberem quando o sofrem, sendo assim, podendo tomar medidas a respeito, mas também para que alunos brancos possam reconhecer o racismo que carregam dentro de si mesmos e desconstruir-se disso, entendendo que possuem privilégios, mas que podem, através disso, compreender-se melhor, compreender o outro e lutar, juntamente com pessoas negras, para reverter esse estado de desigualdade.

Como mulher negra, sofri racismo ao decorrer de minha vida e pensei que discutir isso com os alunos era/é essencial, portanto, muitas vezes não reconheci que para levar essa discussão em sala de aula se torna necessário não apenas conhecer o tema e discuti-lo, mas também ler sobre pessoas que já trabalharam com o tema podendo, assim, planejar aulas que foquem no assunto de forma positiva para alunos negros, tentando evitar, ao máximo, possíveis transtornos.

Fazendo essa autocrítica e reflexão, vejo que pequei em muitos momentos de minhas aulas por falta de preparo docente para mediar uma discussão sobre o assunto, mas reler a transcrição dos áudios das aulas, bem como as transcrições dos vídeo- diários, fez-me perceber esses erros, proporcionando-me uma maior consciência não apenas do racismo (passei a ver alguns fatores por outras perspectivas, comecei a ter perspectivas que não tinha antes e comecei a enxergar perspectivas que sequer sabia que existiam), mas também do ensinar o que é o racismo e modos que são mais efetivos que outros.

Meus objetivos específicos eram interpretar os dados obtidos através da transcrição de áudio gravado em sala de aula, discutir meus relatos e reflexões produzidos em vídeo-diários sobre minha primeira prática docente e utilizar-me das reflexões do trabalho para ajudar a problematizar a prática pedagógica de educadores que buscam trabalhar com a temática do

racismo em sala de aula na Educação Básica de forma geral e no ensino de línguas adicionais de forma particular.

Após ter interpretado os dados obtidos através do áudio gravado em sala de aula que acarretou em três tópicos: “a ruptura na fala do aluno negro”; “a afirmação do racismo reverso por parte dos alunos brancos da turma” e “a tentativa dos alunos de negar o racismo existente com o argumento de que ”somos todos iguais” e de ter discutido meus relatos e reflexões produzidos em vídeo-diários com o tópico “a satisfação, como professora negra, de ver os alunos desenvolverem um trabalho com a temática racismo”, elenco, no subcapítulo abaixo, algumas sugestões que surgiram e que podem ajudar a problematizar a prática pedagógica de educadores que buscam trabalhar com a temática do racismo em sala de aula.

5.1. SUGESTÕES PARA PROFESSORES QUE PRETENDEM TRABALHAR A TEMÁTICA RACISMO EM SALA DE AULA

Após a análise e reflexão sobre as aulas ministradas para o ensino básico com a temática racismo, elenco algumas sugestões para aqueles que pretendem, como eu, levar para a sala de aula este tema. Segue abaixo essas recomendações:

- Tenha em mente que o fato de você discutir o racismo com diversas pessoas e em diversos espaços não é, na maioria das vezes, o bastante para você ser apto a ensinar sobre o racismo estrutural existente em nossa sociedade, sobretudo para crianças. Muitos de seus alunos não vão saber sequer que o racismo existe, então seria interessante deixar que eles cheguem a essa conclusão por si só. Apresente os fatos, medeie as discussões, mas nunca imponha o seu posicionamento como sendo o único verdadeiro absoluto; isso pode fazer com que os alunos não manifestem o que, de fato, pensam. Apenas sabendo o que se passa pela cabeça de nossos alunos, conseguiremos direcioná-los, ter um diálogo aberto e de respeito e conscientizá-los sobre o racismo existente;
- Não leve materiais mostrando apenas aspectos que afetam os negros de maneira negativa. Mostre para seus alunos que os negros não são descendentes de escravos, mas sim de reis e rainhas, príncipes e princesas. Não existe apenas a história da escravidão, existe a história da África pré-colonial, onde governavam diversos impérios, com tradições, crenças e mitologias totalmente diversas das nossas e de

todas outras que conhecemos. Estude sobre isso e leve isso até eles; além de ser um grande aprendizado cultural para todos, os alunos negros irão reconhecer-se nas histórias e imagens, conseguindo ter uma representação de si mesmos que, na maioria das vezes, não encontram em nossa mídia etnocêntrica;

- Quando algum aluno negro estiver relatando quaisquer experiências pessoais ou apontando seu ponto de vista sobre o racismo existente, não permita que nenhum aluno branco o interrompa. Por mais que este aluno branco tenha dito algo polêmico, que dê vontade de discutir ou rebater na hora, lembre-se que quem carrega o trauma do racismo é o sujeito negro, então escute-o, mostrando que em sua aula ele não é inferiorizado, sobretudo em seu momento de fala. Escute seu aluno negro, responda-o e converse o tempo que for necessário. Apenas depois deste processo, volte-se para a questão de seu aluno branco. Brancos têm privilégios 24h por dia, não faz mal você ouvir seu aluno negro primeiro, ainda mais tratando-se da questão do racismo;
- Apesar de existirem fatores relacionados ao racismo que causem desconforto quando vistos, não tenha medo de mostrá-los, acredito ser essencial que os estudantes conheçam a realidade que os permeiam. Não obstante, lembre-se que os alunos, principalmente negros, sofrerão com estes fatos mostrados por você, então recorde-se de levar, nessas aulas, imagens de grupos de movimentos negros lutando contra as atrocidades do racismo, mostre que apesar de haver atitudes racistas que chegam a conhecimento público quase todos os dias, existem pessoas lutando a todo momento contra isso e que este aluno negro não está sozinho. Creio ser de extrema importância você mostrar, como professor que conduz essa discussão, que este aluno negro pode contar com você também, independentemente da situação.

6. REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Seção 1, p. 27833.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.

_____. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental. **Diário Oficial**, Brasília, 30 de março.

_____. **Parecer nº CNE/CP 003/2004**, aprovado em 10 de março de 2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 436 p.

BROWN, H. D **Teaching by principles**: an interactive approach to language pedagogy. New Jersey: Eaglewood Clifss – Prentice Hall Regents, 1994.

CARVALHO, M. P. de; SILVA, V. A. Ser Docente Negra na USP: Gênero e Raça na Trajetória da Professora Eunice Prudente. **POIÉSIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**. Santa Catarina: Unisul, v. 8, n. 13, p. 30-56, jun. 2014

DAY, E. **#BlackLivesMatter: the birth of a new civil rights movement**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/19/blacklivesmatter-birth-civil-rights-movement>. Acesso em: 12 maio 2018.

DIJK, Teun A. van. Discourse and the Denial of Racism. **Discourse & Society**, London, v. 3, n. 1, p. 87-118, 1992.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 maio 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. 102 p.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 133-154, jan/jun. 2011.
- IRALA, V. B. Produção oral em língua estrangeira: contornos identitários múltiplos no processo de avaliação. In: STURZA, E.; FERNANDES, I.; IRALA, V. B. (Orgs.). **Português e espanhol: esboços, percepções e entremeios**. Santa Maria: UFSM, 2012.
- JORGE, Miriam. Critical Literacy, Foreign Language Teaching and the Education About Race Relations in Brazil. **The Latin Americanist**, Minas Gerais, p. 79-90, dez. 2012.
- LEFFA, V. J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul/dez. 2012.
- LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. (Orgs.) p. 21-48, 2014. **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.
- LOPES, E. N. R.; PEREIRA, N. R. J. A Negação do Preconceito Racial no Discurso da Revista VEJA. **Ícone – Revista de Letras**, Goiás, v. 5, n. 2, p. 1-14, 2009.
- MILNER, H. R. Teacher Reflection and Race in Cultural Contexts: History, Meanings, and Methods in Teaching. **Theory Into Practice**, Ohio, v. 42, n. 3, p. 173-180, 2003.
- NOGUEIRA, Martha Maria Brito. EMPODERAMENTO DAS MULHERES NEGRAS: CULTURA, TRADIÇÃO E PROTAGONISMO DE DONA DIÓ DO ACARAJÉ NA “LAVAGEM DO BECO”. **Revista Mosaico**, v. 10, p. 174-190, 2017.
- OLIVEIRA, Tory. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Carta Capital. 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>. Acesso em: 10 out. 2018.
- PEREIRA, A. O. O que é lugar de fala? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 36, n. 72, p. 153-156, jan. 2018.
- RAMALHO, José Rodorval. Ideologia: o que devemos saber? SOUZA, Roserval de Almeida (Org.). **Sociologia para o Ensino Médio: conteúdos e metodologias**, Campina Grande: Editora da UFCG, 2012.
- RIBEIRO, Djamila. Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios. CartaCapital. Nov, 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio-feminista/racismo-reverso-e-a-existencia-de-unicornios-205.html>. Acesso em: 02 nov. 2018.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, R. R. P. dos; IFA, S. O letramento Crítico e o Ensino de Inglês: Reflexões sobre a Prática do Professor em Formação Continuada. **the ESpecialist**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 1-23, 2013.

TEIXEIRA, E. **As Três Metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa.** 10. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013. 202 p.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Construção da Identidade Étnico-Racial: O que as crianças pré-escolares têm a dizer? Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de Educação Infantil. **Psicologia da Educação.** Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. 6 p.

TROKA, D.; ADEDOJA, D. The Challenges of Teaching About The Black Lives Matter Movement: A Dialogue. **Radical Teacher - A Socialist, Feminist, and Anti-Racist Journal on the Theory and Practice of Teaching**, Pensilvânia, v. 106, p. 47-56, 2016.

7. ANEXO

Transcrição da primeira aula sobre o racismo (52min.45s):

Profesora: ¿Quieren escuchar nuevamente?

Alumnos: ¡Sí!

Profesora: La última vez...

(ellos están mirando el video “experimento revela que o racismo é mais forte do que todos pensam” y contestando preguntas que la profesora los había entregado con el objetivo de practicar la comprensión auditiva en Español)

Duda: Porque (3") ele tem mais confiança com/ tem mais com/ a beleza, tia.

Profesora: Escriban (.) Pueden escribir.

Profesora: Para la niña con camisa violeta, ¿cuál muñeco es feo? Cuáles son las explicaciones para eso?

Profesora: ¿Qué ella dijo? ¿Pueden entender?

Larissa: Que ele é moreno e que o boneco branco tem um aspecto mais bonito.

Profesora: ¿Puedes hablar en voz alta? Intenten en Español. Yo voy a pasar de nuevo...

Duda: Porque no tem mucho aspecto... ((ella repitió exactamente lo que ha escuchado))

Rafael: Porque é moreno...

Matheus: No sé...

Profesora: Cuando ella hace esa cara “porque no tiene mucho aspecto”, ¿qué piensan que ella quiero decir con eso? (.) ¿No tiene mucho aspecto?

Duda: Que ela não é muito boni/ [ella iría decir que no tener aspecto es no ser bonita, pero ha sido interrumpida]

Kéfren: É, que ela não tem um aspecto...

Tiago: Por que ela não tem muita convivência com a menina?

Desconocido: Sim, a convivência, não tem muita convivência...

Duda: É... ¡Isso mesmo!

Profesora: ¿No sería porque no tenía mucho aspecto bueno?

Duda: Aspecto sería...

Matheus: ¡A convivência!

Luíza: Não.. Aspecto sería a cara. (.) A forma.

Profesora: Sim, sim, sim...

Profesora: A aparência.

Alumnos: *Haaaaaa* (2")

Profesora: ¿Piensan que ella quiso decir lo que con eso/con eso de aspecto?

Duda: Que ela prefere o branco.

Luíza: Que ela gosta mais do branco, gosta mais da pessoa com aspecto branco.

Profesora: ¿Por qué? Porque la persona con la tez negra no tiene un aspecto mucho (2")

Larissa: Bonito!

Profesora: Sí! ¿Y cómo es bonito en Español?

Alisson: Bonito.

Larissa: Bonito.

Duda: Não sei.

Profesora: ¿Bonito? Puede ser bonito. “Bello”, “guapo”.

Profesora: La próxima::

Luíza: Peraí.

Profesora: Para el niño con camisa verde, ¿ por qué el muñeco blanco es bueno?

Profesora: ¿Alguien ha entendido? Yo voy a poner de nuevo (.)

Maria Eduarda: Porque ele não gosta da cor negra e sim da cor branca.

Profesora: Ella no dijo eso.(.) Yo voy a poner de nuevo.

Profesora: ¿Por qué?

Alisson: Porque seus olhos [são azuis]

Profesora: Sí, puede repetir nuevamente?

Matheus: Porque seus olhos são azuis.

Profesora: ¿Puede intentar hablar en Español?

Matheus: Porque sus (2”) ojos es/ son (3”) azules.

Profesora: Sí, eso mismo. (.) < Porque sus ojos son azules>. ¿Y la otra parte? ¿Entendieron la otra parte?

((Hubo apenas murmurios por algunos instantes y Larissa dijo algo))

Profesora: Sí, sí. (.) ¿Cómo dijo Larissa? ¿Cómo dijo?

Larissa: El color de la piel de su cuerpo es blanco.

Profesora: Sí, sí. (7”) ¿Listos? La próxima: ¿ Para el niño com camisa amarilla, ¿cuál muñeco es feo? ¿Por qué?

Luíza: Porque es feo.

Larissa: Não, porque é negro!

Profesora: ¿Puedes hablar en Español, Larissa/ o alguien?

Larissa: Porque es negro.

Profesora: Sí (3”). ¿Están consiguiendo contestar? (.) ¿Todos?

Luíza: Sí.

Ícaro: Sí.

Duda: Sim.

Profesora: La próxima pregunta es: ¿ Los niños entrevistados se parecen más con cuál muñeco?

Profesora: ¿ Escucharan lo que él dijo?

Duda: Que ele parecia mais com o boneco branco.

Profesora: Sí! Por causa de las orejas.

Alisson: Nossa!

Kéfren: Ele era mais parecido com quem?

Larissa: O branco.

Alisson: Ele acha que o branco...

Profesora: Entonces, esa cuestión: ¿ Los niños entrevistados se parecen más con cuál muñeco? Este video fue hecho en México, ¿ piensas que el resultado sería el mismo acá en Bagé? Y la última: ¿Ya has sufrido o has presenciado una situación de racismo? ¿Cómo te has sentido? Esas últimas tres preguntas ustedes van a contestar ahora y después vamos a compartir con todos (.) las últimas tres, Pueden escribir (2”). ¿ Entendieron? (2”) ¿Lo que es para hacer?

Duda: Eu não entendi a última.

Profesora: ¿La última? ((mi explicación está inaudible)) (4”) Es solamente para contestar las tres últimas. Intenten escribir.

Larissa: Yo no entendí esa (2”)

Profesora: “Este video fue hecho en México, ¿ piensas que el resultado sería el mismo acá en Bagé?”, si grabásemos un video igual a ese aquí, ¿ piensas que el resultado sería el mismo?

Alisson: Iria ser igualzinho.

Ícaro: Não iria mudar nada/nadinha.

Profesora: Entonces, ¡escriban!

Profesora: En las tres últimas cuestiones, intenten escribir el porqué del sí o de lo no y no solamente escribir “sí” o “no”.

Profesora: Gente, intenten explicar el motivo de sus respuestas. Ustedes no están explicando. ¿Quieres ayuda? Pueden llamarme...

Profesora: ¿Todos terminaron? ¿A alguien que no ha terminado? ¿A alguien que no ha terminado de hacer?

Alisson: Aqui falta a última.

Profesora: Más tres minutos.

Profesora: ¿Listos ahora? Vamos a compartir las respuestas.

Profesora: Julián?

Julián: No, espera um pouco,

Julián: Acabei.

Profesora: ¿Listos ahora? ¿ Los niños entrevistados se parecen más con cuál muñeco?

Larissa: Negro.

Matheus: Negro.

Duda: Blanco.

Julián: Blanco.

Profesora: Vamos voltar al video ,(2”) ¿esa niña es más blanca que negra?

Duda: Pegou um solzinho.

Larissa: É mais negra do que branca.

Rafael: Ela é parda.

Profesora: Puede ser, pero, ese termo que utilizamos “parda”/ ese termo que utilizamos en portugués: parda/morena, ¿es más blanca, es más negra? ¿lo que piensan acerca de eso?

Rafael: Acho que é mais/

Maria Eduarda: Acho que é mais/

Duda: Acho que é mais...

Profesora: Vamos a ver los otros. Ese (2”) ¿qué piensan? ¿es más negro o más blanco?

Alisson: Mais negro.

Profesora: ¿Quién piensa que es más negro? ((la mayoría ha levantando sus manos)). ¿Quién piensa que es más blanco? ((solamente Ícaro, un niño considerado “pardo” en el Brasil ha levantado sus manos, ¿será que es algo a ser pensado? ¿será que personas con esa tez de piel tiene la dificultad, de modo general, de se identificar más con personas negras?))

Profesora: El propósito es mostrar que estos niños son más parecidos con el muñeco negro, pero ellos mismos piensan que ellos son malos, ellos son feos y solamente después de decir todo acerca de que el negro es feo, de que el negro es malo, que ellos percibieron que ellos son más parecidos con el negro. ¿ Comprendieron?

Alumnos: Sí.

Profesora: La próxima pregunta: Este video fue hecho en México, ¿ piensas que el resultado sería el mismo acá en Bagé?

Maria Eduarda: Sí.

Luíza: Também pienso.

Alisson: Aqui é até mais fácil de acontecer/.

Larissa: No, no, no.

Alisson: Não vem falar que não, aqui é bem mais fácil. ((él alumno en cuestión es negro))

Larissa: Aqui no Brasil ninguém fala em Espanhol

Profesora: Pero se hiciesen las mismas preguntas, so que en la Lengua Portuguesa, ¿qué piensas?

Duda: Acho que seria igual, tia.

Luíza: É, seria igualzinho, tia.

Duda: Aqui tem muita gente racista..

Profesora: ¿Acá en el colegio?

Duda: Sí: tia.

Profesora: ¿ Por qué?

Duda: Não sei tia, (4"). Acho que é o modo/ é o jeito da pessoa provocar a gente ou quando alguém não gosta da gente faz por gosto.

Maria Eduarda: Todas pessoas são preconceituosas ((também é negra))

Profesora: ¿Todos concuerdan con Duda?

Alisson: Más o menos.

Luíza: Não tem porque serem preconceituosos, somos todos iguais.

Alisson: Eu tava falando para ele, que se fosse comigo, um cara tipo eu, por eu ser mais neguinho e o cara me zoasse/ pensando bem/não adiantaria falar para mim que o branco é mais bonito (4") ou/todos somos iguais.

Profesora: Pero se fuese niño, se tu fuese niño/ porque ahora tu ta eres mayor/ pero, se fuese niño (2")

Alisson: Não faz diferença, sempre tive isso na vida.

Profesora: ¿Siempre?

Alisson: É a mesma coisa, sempre tive isso em mente.

Rafael: Amém, ter uma cabeça.

Profesora: Eso es mucho bueno. Porque yo cuando era niña, yo pensaba que yo era más fea porque era negra.

Duda: Eu me acho feia.

Profesora: ¿Tú piensas que es fea? (2") Pero, ¿por el color de la piel?

Duda: Não tia, eu me acho feia porque não gosto do meu rosto.

Profesora:¿Por qué?

Duda: Não me acho bonita no espelho.

Profesora: ¿Qué sería una persona bonita para tí?

Duda: Justin Bieber.

Profesora: Entonces, ¿quería ser un hombre?

Profesora: ¿Qué personas son bonitas para ustedes?

Kéfren: Anita.

Matheus: Shakira.

((empezaron a hablar muchos nombres))

Profesora: Gente, calma, ¿entonces piensan que el resultado sería el mismo?

Duda: Yo quería ser negra.

Profesora: ¿Quería ser negra? Cuántos acá querían ser negros?

Larissa: Tanto faz, somos todos iguais.((enquanto ella falava isso alguns diziam que sim e outros que não))

Profesora: Pero// ((hubo mucha agitación con el comentario de Larissa, pero se quedó inaudible))

Profesora: Pero, ¿piensan que si fueran negros, no sufrirían con eso? Por ser negro...

Larissa: Sim.

Duda: Sim.

Profesora: ¿Y querían ser negros del mismo modo?

Duda: Sim.

Alisson: Eu não sofro por ser negro/quer dizer, eu não posso me importar...

Profesora: Correcto. (2") La próxima pregunta: ¿Ya has sufrido o has presenciado una situación de racismo? ¿Cómo te has sentido?

Duda: Mucho.

Larissa: Sí.

Rafael: Sí.

Alisson: Rafael, você é branco.

Rafael: Mas não tem nada a ver.

Maria Eduarda: Eu já sofri.

Alisson: Eu ignoro.

Duda: Eu já sou branca e já sofri, me chamaram de pálida, cor de papel/

Alisson: Já me chamaram de carvão.

Luíza: Tia, a senhora já sofreu racismo?

Profesora: Yo ya/ todos los días, creo. Porque cuando, por ejemplo, yo voy a/ a algún sitio, por ejemplo, supermercado, yo estoy vestida con/ con ropas que nos quedamos en casa, ropas largas, entonces las personas se quedan ojan/mirándome como si yo fuera robar algo. ¿Ya se sintieron de ese modo las personas negras de la clase?

Maria Eduarda: Sí, siempre.

Julián: Mucho.

Alisson: Sí.

Profesora: Las personas piensan que solo por ser negros vamos hacer algo de mal, entonces tenemos siempre que estar pensando <“No puedo hacer eso, porque si yo hacer eso, van a pensar eso de mí”. Ese tipo de cosa.>. ¿Alguien más?/ ¿ Puede hablar?

Maria Eduarda: Me chamaram de um monte de coisa (.) de “macaca, vai branquear sua pele, porque sua pele não é boa”, coisas assim.

Profesora: ¿ Aquí na escuela?

Maria Eduarda: Sí.

Profesora: ¿Y cómo te ha sentido con eso?

Maria Eduarda: Eu me senti/ (.) parecia que eu era a culpada.

Profesora: ¿Por qué pensó que era culpada?

Maria Eduarda: Não sei (3”), tenho esse sentimento quando acontece uma coisa dessas/mas depois eu percebi/daí minha mãe falou que a culpa não era minha, (4”) mas eu não queria passar por isso.

Profesora: ¿ Cuántos años tenía?

Maria Eduarda: Eu tinha uns seis, sete anos...

Duda: Acho que todos somos iguais, não importa a cor assim (.) e quando a gente sofre isso a gente sofre e sente muito.

Profesora: Pero, ¿las personas blancas de acá ya sufrieron racismo?

Duda: Sí.

Profesora: ¿ Ya sufriste racismo, Duda?

Duda: Não/sim, já me chamaram de branquela, branquela azeda.

Rafael: Já me chamaram de folha de ofício. Pessoa branca sofre racismo.

((audio inaudible, pero los alumnos blancos han sostenido sus opiniones acerca del racismo reverso, mismo que la profesora no tenga dado mucho valor para esa charla y mismo que los otros alumnos tengan pensado que eso no existía de facto))

Profesora: Gente, calma. Ahora voy a pasar otro video, hasta había me olvidado. (5”) Es otro video acerca del racismo. No hay audio, solo imagen.

Profesora: Ahora voy hacer algunas preguntas, (.) espero que todos puedan hablar un poco. La primera: ¿Por qué la mujer tenía miedo?

Larissa: Ela pensou que ele iria assaltar ela.

Matheus: Pensou que ele estava seguindo ela.

Profesora: ¿ Alguien puede responder en Español?

Matheus: Qual era a pergunta mesmo?

Profesora: ¿Por qué la mujer tenía miedo?

Larissa: Porque él era negro.

Profesora: La otra pregunta: ¿ Qué pensó la mujer que el hombre iba a hacer con ella?

Larissa: Matar, roubar, estuprar.

Profesora: E todo eso (3'')

Maria Eduarda: Por el color de la piel.

Profesora: ¿ Y qué hizo el hombre al final? ¿ qué hizo el hombre al final del video?

Duda: Ele salvou ela, porque ela ia ser atropelada.

Profesora: Sí, él la salvó (3''). La última: ¿ Ya pasaste por una situación parecida? ¿ Juzgar a una persona por el color de la piel o por otra característica?

Profesora:¿ Ustedes nunca han juzgados nadie?¿ No? Yo, por ejemplo, cuando estoy caminando en la calle y yo veo chicos negros, que son más nuevos que yo, (.) y yo estoy con el móvil en la mano, (.) yo pongo el móvil en mi bolsa, (.) por ejemplo. ¿ Eso no es una forma de juzgar? ¿ Y piensan que eso ocurre más con la gente negra, con la gente blanca o es igual? ((audio inaudible))

Profesora: Ahora/hay algo más que quieren hablar acerca del racismo?/ Que es importante, (.) por ejemplo, lo que ha escrito, tú, tú mismo, acerca del orgullo.¿ Puedes leer? ((yo estaba hablando directamente con Matheus))

Alisson: Muchos negros tienen orgullo de ser negro.

Profesora: ¿Tú tienes orgullo de ser negro?

Alisson: Eu tenho.

Profesora: Pero, ¿piensas que todos los negros del mundo tienen orgullo o que quieren ser otras personas?

Maria Eduarda: Nem todas/eu acho.

Profesora:¿ Qué piensas, Rafael, acerca de eso?

Rafael: Eu acho que muitas pessoas tem vergonha da sua própria cor.

Profesora: Yo tenía vergüenza de ser negra hasta el comienzo de la Universidad , yo tenía mucha vergüenza de ser negra.

Rafael: Eu nunca sofreria por isso.

Profesora: Pero tú nunca ha pasado por una situación de racismo muy fuerte.

Rafael: Mas a gente só escuta o que a gente quer, não precisamos nos importar com os outros.

Profesora: Pero, ¿ piensas que cosas malas que hablan de ti no te afectan de algún modo? Por ejemplo, cuándo ella habló que ella >fue insultada cuando niña<, ¿ piensas que no marcó su vida? Ella dijo que sufrió racismo cuando era más niña, ¿ piensas que eso no la dejó triste o frustrada?, ¿ piensas qué eso es algo que solamente pasa, que no deja marcas?

Alisson: Não.

Rafael: Sim, se ela prestou atenção e acreditou no que falaram, deixa marcas, mas se ela não, não/é só fazer de conta que ela não escutou.

Profesora: Entonces, ¿ ustedes piensan que es simples así? ¿ qué/ qué/¿cómo piensas?

Alisson: Isso pode deixar mal, porque nem sempre é facil esquecer/isso pode deixar as pessoas meio assim.

Profesora: Entonces, ¿ piensan ustedes qué la concienciación de las personas, de las personas, por ejemplo: mirar los videos, <escuchar acerca de eso, hablar acerca de eso>, puede/puede ayudar a las personas que son negras?

Alumnos: ¡Sí!

Profesora: Entonces, yo estaba pensando que vamos a hacer un trabajo acerca de eso. Vamos hacer cartaces para poder poner nas escuelas, acerca del racismo y la concienciación acerca de eso. Entonces, yo quiero/ en la próxima clase yo voy a trazer datos acerca del racismo, por ejemplo: cuántas personas negras mueren por año (.), más que las blancas, (.) ya que el número es mucho mayor, <y cosas como esas>, y ustedes van a pensar más y hacer cartaces acerca de eso. Pero yo quiero/ ¿ pueden empezar haciendo grupos de cuatro personas? (3'')

¡Cuatro personas! ¡Gente! Cuatro personas en cada grupo. ¿ pueden hacer una rueda? Solamente piensen, empecen a tener ideas acerca de lo que pueden escribir en los cartaces.

Vídeo-diário da aula (8min):

¡Hola! Creo que de todas las clases, la clase cinco fue la mejor de mi vida/ que ya he dado, porque yo conseguí sacar de los alumnos ideas excelentes, ideas/ (3") estoy muy feliz como maestra. Entonces, creo que lo objetivo de mi clase (.) fue claro y definido (.), hubo relación entre las actividades que fueron desarrolladas y (2") fue perfecto. El objetivo de mi clase estaba perfecto, yo creo que estaba perfecto. Yo (3") les mostré un video acerca del racismo y yo hice que ellos (.) contestasen las preguntas acerca del video, escuchasen y contestasen, y yo (2") /. Después yo les mostré otro video acerca del racismo y yo los hice algunas preguntas que yo había escrito (.) en mi plan de clase y todo fue como planeado, menos/ es que yo no pensaba que iba terminar temprano, terminó, más o menos, 15 minutos más temprano do que/ de lo que yo pensaba que iba acaba/ terminar, pero (.) yo conseguí lidar con el imprevisto, yo hice que ellos empezarem a hacer (.) el material, el/ a escribir cosas acerca del racismo, ideas que ellos tenían para poner en los cartazes que van hacer en la próxima clase. Entonces (.) yo creo que fue ótima la clase. La interacción en la clase fue un problema. (.) Não um problema grandioso/ Un problema (2"). Es que yo/ yo estaba muy nerviosa en el empezo de la clase, porque yo estaba me acordando de la última clase que fue un terror para mí. Entonces/ y Valesca estaba allá. Entonces, yo tengo un poco de medo da Valesca y yo estaba muy nerviosa, entonces yo los pedí que leyesen las preguntas que iban contestar antes de mostrar el video >yo creo que no había necesidad/> necesidad de ellos hacer eso y cuando yo/los pedí que leyesen, una chica dije "No, no voy a leer", entonces yo pedí para otra chica, la otra chia dijo "No voy a leer", < entonces> yo dije (5")... *Haaaa*, perdón, es que algo sacó mi atención. Entonces yo me quedé nerviosa con la chica, con la otra chica que di/ que no iba a leer (.) entonces yo empecé obligarlos a leer y yo debía hacer eso desde lo principio de la clase (.) y yo no lo hice. Entonces, creo que eso fue algo errado, porque yo terminé me quedando nerviosa con la niña que no quería leer, <pero ella no era la única, entonces yo debería tener (5") me> / me quedado fuerte desde el principio de la clase, pero yo (3"), yo cometí un error, eso ocurre, yo no voy a me quedar triste por eso, (.) es la vida. Entonces fuera esos pequeños errores como el empezo da clase, leer sin sentido, creo que/ ahora que yo veo/ no había sentido mismo leer las preguntas antes de ver el video. Pero (.) yo/ yo (2"), creo que eso es una pequeña falla en el preparo docente, porque yo tenía que ter pensado más acerca de eso <creo que no pensé mucho acerca de eso> . (.) Pero la interacción en la clase fue buena, yo tengo que decir/ yo tengo mis alumnos preferidos, a mí me gusta más uno que los otros, entonces yo terminó preguntándoles más que yo/ que yo debería preguntar para todos. Yo intento, yo intento preguntar para todos <pero como ellos no contestan yo termino por> intentar más con aquellos que siempre contestan, que siempre intentan participar más de la clase. (.) Pero yo creo que mi voz estaba buena, no sé si la velocidad de mi voz/yo nunca sé, (.) pero el preparo/ yo estaba preparada para dar aquella clase. (2") Creo que mi peor es (2")/ el peor de todo para mí es el uso del Español, creo que mi Español está terrible y yo estaba muy bien con el Español el semestre pasado, yo (3"), el año pasado, el semestre pasado y yo creo que yo perdí mucho de Español/ yo no sé porque, yo creo que estoy me dedicando al Inglés, por eso tal vez. Yo no sé como eso ocurre en mi cabezita, yo no sé como eso funciona derecho, pero (.) yo perdí mucho del Español. Yo no sé si yo perdí al punto de no poder dar una clase, pero/ yo consigo dar una clase, pero yo perdí mucho del Español. Entonces, tengo que practicar más la lengua, creo que solamente eso <y ellos participaron mucho de la clase>. Se involucran en el asunto y cuando yo ví/ porque como la última actividad yo tuve que improvisar, que fue (2") para ellos empezaren a tener ideas acerca de los cartazes que van a

producir, *hã*, para combatir el racismo, para concienciar/para hacer la concienciación de las personas acerca del racismo y (2”) ellos tuvieron ideas fantásticas. (2”) Fue algo que yo no esperaba, creo que yo subestimé un poco mis alumnos, pero <quince minutos ellos tuvieron> muchas ideas. Entonces, yo estoy muy contenta con la clase (.) que yo empartí hoy (.) estoy muy contenta mismo. (.) Es eso.

Transcrição da segunda aula sobre o racismo (1h45min.55s):

Profesora: En la primera parte ustedes tienen que solamente hacer la traducción del Portugués para el Español. (2”) Hay palabras en Portugués, por ejemplo “branco”, tienen que pasar para el Español.

Alisson: Tem uma aluna nova na sala.

Duda: A Maíza.

Rafael: Maíza.

Profesora: Espero que la reciban bien.

Maíza: É para passar tudo para o Português, né?

Julian: Espanhol.

Larissa: Ai, tia, eu não sei fazer nada em Espanhol.

Profesora: Entonces vamos hacer juntos.

Profesora: ¿Branco?

Alumnos: Blanco.

Profesora: ¿ Pueden repetir? (2”) La palabra.

Alisson: Blanco.

Duda: Blanco.

Alumnos: Blanco.

Profesora: ¿Negro?

Alumnos: Negro.

Alisson: É a mesma coisa.

Profesora: Crianças pequenas.

Rafael: Niños pequeños.

Alisson: Niños pequeños

Larissa: Niños pequeños.

Profesora: No necesita de “pequeños”, solamente “niños” sirven para “crianças pequenas”. Y niños pueden servir para garotos e garotas.

Profesora: Mal..

Alumnos: Mau.

Profesora: Es “malo”.

Maria Eduarda: ¿Malo?

Profesora: Sí, ¿pueden repetir? “Malo”

Alumnos: Malo...

Profesora: ¿Bom?

Larissa: Bueno.

Profesora: Sí, es bueno. ¿Todos?

Alumnos: Bueno.

Julián: Buenos días.

Profesora: ¿Cómo podemos hablar “bom dia”?

Alumnos: Buenos días.

Profesora: ¿Boa Tarde?

Alumnos: Buenas tardes.

Profesora: ¿ Y “boa noite”?

Alumnos: Buenas noches.

Profesora: ¿Eu não gosto?

Alisson: No gosto.

Rafael: No me gusta/

Profesora: Casi, casi.

Luíza: A mí no/A mí no (2")

Profesora: Casi.

Profesora: Es "a mí no me gusta"

Maria Eduarda: Como, professora?

Larissa: A mí no me gusta.

Profesora: ¿Pueden repetir?

Alisson: A (2") no (2") <me gusta>

Profesora: A mí no me gusta.

Alumnos: A mí no me gusta.

Algunos alumnos: A mí no me gusta.

Profesora: ¿Pueden hablar todos?

Alumnos: A mí no me gusta ((tuvieron mucha dificultad en decir esa sentencia))

Profesora: ¿A cor café?

Alumnos: La color de café.

Profesora: Solamente "el color café". (2") El color café. ¿Pueden repetir?

Duda: El color de café.

Profesora: "El color de café", no, es "el color café".

Alumnos: El color café.

Profesora: De nuevo.

Alumnos: El color café.

Profesora: ¿"Tenho mais confiança"?

Alumnos: Tengo más/tengo más/tengo más confianza.

Profesora: Sí, "confianza" se escribe de ese modo, (2") confianza. Pueden repetir esa palabra?

Algunos alumnos: Confianza.

Profesora: El "a" tiene que ser abierto. ¿Julián, puedes repetir?

Julián: Confianza.

Alumnos: Tengo más confianza, tengo más confianza.

Profesora: ¿Feio?

Alisson: Feo.

Profesora: Todos repítan.

Alumnos: Feo.

Profesora: Es casi igual, pero no hay la letra "i".

Algunos alumnos: Feo, feo, feo.

Profesora: Seus olhos são azuis.

Luíza: Seus ójos.

Alisson: Sus ójos...

Profesora: Sus ojos...

((alumnos se quedaron intentando adivinar el modo correcto de decir))

Larissa: ¿Azules?

Profesora: Sí, "sus ojos son azules".

Alumnos: Sus ojos son azules.

Profesora: ¿Corpo?

Alumnos: Corpo.

Profesora: Es "cuerpo".

Alumnos: Cuerpo.

Profesora: ¿Todo?

Alumnos: Todo.

Profesora: Sí, es igual.

Profesora: ¿Pueden intentar repetir esa frase?

Alumnos: Sus ojos son azules y todo su cuerpo es blanco.

Profesora: ¿y esa?

Alumnos: No tiene aspecto bueno.

Profesora: Pero en la frase está “ter”.

Alisson: Tene.

Larissa: Tene.

Profesora: Tener. ¿pueden repetir?

Alumnos: No tener aspecto bueno.

Alisson: Professora, e aquele trabalho que começamos fazer na outra aula?

Profesora: Daquí a pouco/ Hoy/vamos a empezar/vamos dar continuidad hoy.

Andriéli: Pode apagar, tia.

Profesora: Entonces, en la clase pasada cuando trabajamos el video, tuvo tres cuestiones/ tres respuestas que llamaron mi atención, yo voy a leer para ustedes, para ustedes decir (.) lo que piensan de esas respuestas, que son de ustedes mismos. La pregunta fue: Este video fue hecho en México, ¿piensas que el resultado sería el mismo acá en Bagé? La primera respuesta fue: “Sí, porque las personas son las mismas y son muy racistas”, ¿qué piensan de esa frase?

Larissa: Que es verdad,

Andriéli: Não entendi.

Profesora: ¿qué piensan de esa respuesta?

Luíza: Ai, tia, é tudo verdade.

Profesora: ¿piensan que es verdad?

Casi todos los alumnos: Sí.

Profesora: Ahora, la otra respuesta, que a mí me gusto mucho, que es de (.) Rafael/

Rafael: Não, não, não, ta louco, tudo sou eu.

Profesora: Es una cosa buena. (.) La respuesta de Rafael fue “Sí, pues todos son racistas, hasta los negros”.

Matheus: ¿Qué?

Rafael: Todo mundo é racista.

Profesora: Si, todos son racistas, hasta los negros. (.) ¿Lo qué piensan de eso?

Mayoría: É verdade.

Profesora: ¿Por qué piensan que los negros son racistas también?

Rafael: Porque eles tem preconceito com eles mesmos.

Larissa: Porque não se aceitam como são também e acabam fazendo o mesmo que os brancos fazem com eles.

Alisson: Todos são.

Profesora: Pero, ¿piensan que ellos son prejuiciosos con los blancos o piensan que/

Rafael: Não, são até com eles mesmos.

Profesora: Por ejemplo, ¿no se aceptar?, ¿es eso?

Rafael: É, é isso.

Profesora: Yo no me acepto como so, ¿entonces, puedo no llamar otra persona de negra, pero no me aceptar es una forma de racismo?

Alumnos: Sim.

Profesora: ¿Pensar que yo soy inferior a los otros?, ¿es una forma de racismo?

Mayoría: Sim.

Duda: Com certeza, tia.

Profesora: Y la última, que es: “No sería el mismo en Bagé, porque no conozco ninguna persona que es racista”.

Duda: Quem falou isso, tia?

Alumnos: Não, nossa, nunca.

Luíza: Seria sim, tia, porque/me atrapalhei agora.

Profesora: ¿Cuántas personas acá piensan que las personas aquí em Bagé son racistas?

Rafael: Quase todo mundo.

Alisson: Até eu.

Maioria: Todo mundo.

Luíza: Acho que nem todos são racistas, porque tem gente que se importa com o próximo e que se aceita do [jeito que é] ((ella fue cortada, todos hablaron juntos y el audio se quedó inaudible))

Profesora: En la segunda parte de la traducción, (.) ustedes van a intentar hacer la traducción de esas palabras, ahora. Solamente la segunda parte. (2”) ¿Ustedes comprendieron?

Alisson: Sí/é para fazer a tradução dessa parte ((ele estava explicando para o Ícaro))

Profesora: ¿Ustedes intentar hacer la traducción?

Duda: Pera, professora.

Profesora: Vamos hacer la traducción juntos? La palabra “erro”.

Rafael: Error.

Profesora: Pueden repetir la palabra?

Algunos Alumnos: Error.

Profesora: Todos.

Alumnos: Error, error.

Profesora: ¿Iguais?

Matheus: Iguales.

Profesora: Todos.

Alumnos: Iguales.

Profesora: ¿Necesitamos?

Alumnos: Necesitamos.

Profesora: Sí, la única diferencia es que tiene solamente una “s”.

Profesora: ¿Ter?

Larissa: ¿Tiene?

Rafael: Temer.

Profesora: Tener!!

Profesora: Informações.

Alisson: Informaciones.

Duda: Informaciones.

Profesora: ¿Pueden repetir esa palabra?

Alumnos: Informaciones.

Profesora: “Sofreram, ¿cómo podemos hablar en Español?

Larissa: Sufrieron.

Profesora: Sí, Larissa.

Ícaro: Como é que é?

Profesora: Sufrieron.

Profesora: ¿Pueden repetir esa palabra?

Algunos Alumnos: Sufrieron.

Profesora: ¿“Se preocupar”?, ¿alguien sabe? (.) es casi la misma cosa.

Rafael: ¿Preocuparse?

Profesora: Sí, preocuparse.

Andriéli: É junto?

Profesora: Sí, es junto, no hay espacios, es solamente “preocuparse”.

Profesora: Ter respeito. (.) ¿alguien? (6”) es “tener respeto”.

Profesora: Entonces/ahora/en la última clase ustedes empezaron hacer los carteles, ¿qué son carteles?

Matheus: Cartazes.

Profesora: Entonces, ustedes escribieron en Portugués, yo pasé para el Español, y quiero que ustedes piensen un poco acerca de lo que ustedes escribieron. Yo voy hablar, por ejemplo, lo que el grupo de Matheus escribió.

Alisson: ¿Matheus? Matheus é o outro.

Profesora: Después de analizar, vamos pensar si está bueno, si no está bueno. (.) El grupo de Alisson escribió: “El racismo es un error y tenemos que combatirlo, porque todos somos iguales”. ¿Qué piensan? ¿Piensan que es un bueno cartel?

Mayoría de los alumnos: Sí.

Profesora: El grupo de Cristieli escribió que “para cambiar el racismo necesitamos tener más informaciones sobre eso y también hablar con personas que también ya lo sufrieron”, ¿qué piensan de eso?

((inaudible))

Profesora: Yo creo que todo que ustedes escribieron está correcto, pero, para escribir un cartel que habla acerca del racismo no podemos, por ejemplo, decir “tenemos que hablar con las personas” Por ejemplo “no haga el racismo”, algo más directo. Por ejemplo, ustedes pueden hablar con personas que ya sufrieron con el racismo y poner en el cartel, pero no escribir eso en el cartel ((¿qué?)).

Profesora: El otro grupo escribió: “parar de preocuparse con la vida de los demás, solamente preocuparse con uno mismo. Tener respeto con las personas.”

((inaudible))

Profesora: Entonces, en la última parte de traducción es que ustedes intenten traducir esas últimas palabras. (.) Eso va a ayudar ustedes a producir los carteles.

Luíza: Tia, isso quer dizer assassinato?

Profesora: Sí, es que ese vocabulario/es el último vocabulario de de fragmentos que yo voy a pasar para los grupos acerca del racismo, entonces yo estoy pasando para que ustedes comprendan el texto del fragmento.

((en ese momento están haciendo la traducción con la ayuda de la profesora e intentando y aprendiendo a hablar algunas palabras, en este momento cuando alguno alumno tiene una duda sobre alguna palabra, la profesora habla en voz alta la palabra y hace con que los alumnos la repitan, así como estaban haciendo antes, las palabras o frases fueron: mono, recusarse, llenar, desempleo, casamiento, matrimonios, mismo color, encuesta, raza, elección, pareja.))

Profesora: Ahora ustedes van a volver a sus grupos de la semana pasada ((una hora solamente para los grupos si juntaren)) Gente, tiene que ser rápido.((nada rápido))

Profesora: ¡Gente! ¡Chicas! ¡Karolayne! Entonces, la lectura del fragmento va valer en la grade de participación, entonces espero que todos quieran hablar, (.) pueden hablar juntos, si quieren hablar juntos. Cada un va a se quedar con un de esos fragmentos.

((están practicando para leer a la frente de la clase y después se quedó inaudible))

Profesora: Pueden empezar, intenten leer en voz alta, para que todos escuchen.

((Todos alumnos leyeron los fragmentos con dificultad, algunos salieron mejor que otros, es difícil de escuchar el audio y transcribir correctamente todo que hablan, pero fue la primera presentación que hicieron en otra lengua a la frente de la clase. Una única alumna no quiso leer. Todos alumnos hicieron silencio en cuando uno leía))

Lo que leyeron:

- 1) Cada 23 minutos, un hombre joven negro es asesinado en Brasil, 63 jóvenes negros son asesinados por día.
- 2) De todos los hombres asesinados anualmente, 77% son negros.
- 3) El número de mujeres negras muertas creció 54% en 10 años, mientras que la muerte de las mujeres blancas cayó 10%.
- 4) Tamir Rice de 12 años estaba jugando con una pistola de plástico en el patio de su edificio en los Estados Unidos cuando la policía disparó tres tiros y mató al niño.
- 5) Actualmente, en Brasil, los negros son los que tienen menor nivel de educación, menor acceso a la atención médica y menor presencia en escuelas y universidades.
- 6) Los negros representan el mayor índice de desempleo y son los que más llenan las prisiones.
- 7) El jugador Tinga, del equipo Cruzeiro, sufrió insultos racistas durante el partido de fútbol: le llamaron de mono diversas veces.
- 8) La australiana Louise Garcia fue denunciada después de recusarse a ser atendida por una empleada negra en un salón de belleza, porque, según ella, personas del color negro no le agradaban.
- 9) 70% de los matrimonios en el país se producen entre personas del mismo color. En la encuesta del IBGE, la raza es el factor predominante en la elección de la pareja.
- 10) Víctimas del racismo son más propensas a tener problemas con el alcohol, las drogas y la depresión. La forma en que afecta a las personas que sufren es similar a la causada por la pérdida de trabajo o por la pérdida de un miembro de la familia.

Vídeo-diário da aula (7min):

En la clase seis, yo (2'') fui hasta la clase muy desmotivada, yo no sabía porque estaba allí, pues después de hablar con Valesca parecía que no hacía sentido alguno dar/em/empartir clases, porque, (2'') porque pareció que no hacía sentido. Entonces, yo fui desmotivada, pero (2) yo escuché lo que Valesca (.) dijo acerca de mis clases y <que yo> debería trabajar más con el vocabulario, entonces yo lo hice. Yo (.) trabajé el vocabulario de (2'')/del video que yo pasé en la semana pasada, <yo trabajé> el/con el nuevo vocabulario de (.) de las producciones que ellos hicieron para los carteles (.) hasta ahora, y también trabajé el vocabulario de (2''), el vocabulario de (2''), los fragmentos acerca del racismo que yo (2'') les di, yo (2'') y yo hablé para ellos (.) leeren en voz alta en la frente de todos, (.) pero antes yo fui de cartera a cartera para enseñarlos cómo se habla algunas palabras que son más (.) difíci/difíciles para ellos, entonces yo trabajé mucho (.) el vocabulario, yo (.) enseñaba las palabras, el significado y ellos repetían las palabras en Español, y también (.)/empezamos hacer los carteles, <pero no dio tiempo de> (2'')/ solamente tenía cinco, siete minutos para hacerlo, entonces no/no dio tiempo. Creo que lo objetivo de la clase fue claro y (.) definido, porque había relación ente las actividades desarrolladas, (.) porque el vocabulario serve para que ellos puedan hacer buenas producciones, para que ellos realmente aprendan esas palabras, y (4'') creo que el objetivo de la clase fue (.) cumplido, <fue muy bueno. Pero, (4'')/ la interacción en la clase (3'') creo que fue/ creo que fue muy buena también, (3'') hubo muy/bastante uso del contacto visual, (.) la atención fue (.) bien distribuida, yo di atención a todos, yo intenté hablar con todos, (.) claro,

siempre hay las personas que hablan más. (.) y tienen las personas que hablan menos y yo <hago de todo para que ellos hablen, pero muchas veces ellos no quieren hablar>/ por ejemplo, en la hora de leer en voz alta a/ a la frente de todos, había una chica que no quería leer, y yo/ella estaba “influyendo” la otra hablar que no quería leer, <ella también no quería>, pero yo “no, no, no, tu puedes hablar en Español”. Entonces, <ella intentó y ella consiguió>, pero la otra no quiso (.) hablar, entonces, ella no habló, (2”) y fue la única persona que no habló. Y (3”) creo que yo conseguí lidiar bien con la diversidad de perfi/ de perfiles, (.) por ejemplo, en la última clase yo no conseguí lidiar muy bien con eso, yo (2”) se quedó difícil para mí aceptar algunas ideas acerca del racismo, entonces, yo/creo que no a respeté/ respeté/ no ha respetado mucho la opinión de los alumnos, yo sobrepuse mi opinión, creo que eso fue/fue muy errado, pero, (.) en esa clase yo actué perfectamente con ese tipo de cosa, con la opinión alhe/ajena, ¿ajena?/con la opinión de los otros <y es eso<. Preparo docente (.) creo que yo estaba bien preparada para esa clase, como era algo más cerrado, que no era muy abierto,(.) entonces como yo tenía todo aquí explicado, yo solamente tenía que pasar el vocabulario y ellos tenían que hacer la traducción primero, para después yo hacer la traducción con ellos, entonces creo que fue muy controlado, <entonces> yo tuve el preparó docente necesario para hacer todo, yo sabía todas las palabras, creo que ellos a repitiendo todo lo que yo hablaba, creo que ellos fijaran mejor (2”) o que yo quería decir, y (5”) yo/ <yo hice> las correcciones cuando ellos estaban produciendo las palabras de modo errado. Entonces, (.) es eso.

Transcrição da terceira aula sobre o racismo (27min.48s):

Profesora: ¡Hola! Entonces, hoy nosotros vamos hacer tres actividades. En la primera vamos llenar los huecos, (.)¿lo que son huecos?

Alisson: *Hunn...*

Rafael: Música

Larissa: Trecho

Profesora: Sí, ((no sé porque he respondido sí)) los huecos que faltan, después ustedes van a escuchar la música/ ((la directora de la escuela ha me interrumpido)) Entonces, ustedes tienen que llenar los huecos que faltan en la música, después van a leer algunas palabras y van a relacionar con las definiciones de esas palabras, para ver si pueden utilizar en el cartel y, por último (.) es eso, *haaa*, y hay las notas, que estoy dando por las actividades que están haciendo, quien no vino semana pasada no recibió nota y quien no quiso hacer también, entonces ustedes tienen que dar el mejor en ese trabajo para tirar/sacar más que seis, ¿es seis la media? Hay cuatro personas que están con la nota abajo de la media, pero si esas personas presentaren el trabajo, yo puedo dar la nota por la nota de la semana pasada. Por ejemplo, Inácio, ¿es tú?, tú no vino semana pasada.

Inácio: No.

Profesora: Entonces, tu no vino semana pasada, entonces está con 0 en aquella actividad, pero si usted presentar su/el trabajo de su grupo/para todos, yo doy cem para usted, ¿puede ser?

Profesora: Yo voy dar la música para ustedes llenar los huecos.

Profesora Efectiva: Mônica, podemos fazer assim? Você avalia os alunos que não vieram hoje e a nota que você dar você repete a da semana passada. Aqueles que vieram semana passada e não quiseram fazer, azar.

Profesora: Entonces, y voy a poner la música.¿Cómo se hace para aumentar el volumen?

Alisson: En el bontozito.

Profesora: Después de esa parte, empieza la parte en Español/después de esa parte de la música.

Profesora: Entonces, consiguieron?

Alisson: Más o menos.

Duda: De novo.

Mayoría de la clase: No.

Profesora: Yo voy poner solamente la parte/ Gente:::, yo voy poner solamente la parte en Español, (.) dónde empieza la parte en Espanhol...

Profesora: Entonces, ¿lograron?, ¿llenaron los huecos?

Alisson: La última.

Profesora: ¿La última?

Profesora: ¿Listos?

Andriéli: Ai, tia, não to conseguindo, é muito difícil.

Profesora: Pero con el tiempo ustedes van se acostumbrando.

Profesora: Entonces, yo voy a poner las palabras (.) en el pizarrón. Entonces, ¿qué piensan de la música?, ¿les gustaron?

Duda: Legal.

Profesora: ¿Ya conocían?

Mayoría de la clase: No.

Profesora: Es una banda de Chile, creo, no tengo certidumbre, pero es una banda muy buena y solamente habla de asuntos buenos como el amor, la paz. Entonces, la primera palabra (.) ¿"el?

Alisson: Auma.

Profesora: ¿Alma?

Duda: El color.

Profesora: La primera es "el alma". ¿Pueden repetir la palabra?

Alumnos: Alma.

Profesora: "¿El alma no tiene...?"

Alumnos: Color.

Profesora: ¿Porque yo soy?

Alumnos: Blanco.

Profesora: ¿El alma no?

Alumnos: Tiene.

Profesora: ¿Porque yo soy?

Alumnos: Negro.

Profesora: El alma no tiene color porque yo soy blanco, el alma no tiene color porque yo soy negro.

Larissa: Blanquito.

Profesora: Sí! Blanquito.

Duda: Tia, eu não entendi.

Profesora: ¿Qué no has entendido? ¿Cómo se habla lo qué?

Duda: Negão.

Profesora: Es negro, normal./Blanquito, (.) negrito, (.) ¿blanco?

Larissa: Negro.

Luíza: No, no es negro.

Profesora: Sí, es negro/ Es que ella habla "negrô", entonces nos quedamos medio perdidos./ Es "blanquito, negrito, blanco, negro".

Profesora: ¿Y después?, ¿en la próxima parte?/ En la próxima parte, (3") ¿alguien?

Alisson: Percebam.

Larissa: Perceba.

Profesora: Casi, casi. (6") Es "perciba". (6") ¿Perciba qué?

Alumnos: El auma.

Profesora: Alma.

Alumnos: Alma.

Larissa: No tiene color.

Profesora : Sí. ¿Después?

Maria Eduarda: É colorida.

Andriéli: Ela é colorida.

Profesora: Ella, ella, ella::: ¿Ella es?

Alumnos: Colorida.

Professora: ¿Ella es?

Duda: Multicolor.

Profesora: Multicolor

Alisson: ¿Cómo?

Profesora: Multicolor, (.) multicolor./Es la misma forma que si escribe en Portugués, es la misma forma que si escribe en Portugués, solamente la forma de hablar que cambia.

Profesora: ¿Pueden repetir? Multicolor.

Alumnos: Multicolor.

Profesora: ¿Ustedes quieren intentar cantar?

Alumnos: Sí:::

Profesora: Yo voy a poner desde el principio de la música.(12”) Gente, en la próxima parte que es Español, quiero que todos ustedes inten/intenten cantar.¿Puede ser?

Algunos alumnos: *Aham*, tia.

Alisson: O que significa essas palavras no final da música?

Profesora: ¿Chingó? Es que “Chingó” es el nombre de la banda, né? (2”) Perota Chingó.

Duda: Vamos cantar de novo, tia.

Profesora: ¿Cuántos quieren cantar de nuevo? (5”) *Haa*::::, ¿qué piensan de eso? Yo tuve una idea, las personas que no vinieron la semana pasada pueden cantar la música para los otros. ((inaudible, porque se quedaron muy agitados))

Profesora: Yo voy a poner la música. Sí, puede cantar, Duda, todos pueden cantar.

((yo había sugerido que solamente los que faltaron en la semana anterior cantasen para yo evaluar, pero todos querían cantar y se volvió en una confusión))

Andriéli: Mais uma vez, tia.

Duda: A última, tia.

Profesora, Calma, gente, tenemos mucha cosa para hacer ainda.

Larissa: Por favor.

Profesora Efectiva: Depois vocês cantam de novo.

((la clase toda estaba protestando para dejarlos cantar de nuevo y yo he dejado y aún he grabado ellos cantando))

Vídeo-diário da aula (6min.17s):

En la clase siete yo llevé para los alumnos la música “El alma no tiene color”, del grupo Perota Chingó, yo llevé la música para/con las palabras faltando para ellos llenaren los huecos, y (.) la actividad dos fue relacionar las palabras-claves con las correctas definiciones, y la última actividad era producir los carteles. Entonces, la primera actividad que fue llenar los huecos (.) se quedó muy buena, porque ellos (.)a todos les gustaran mucho la música y ellos gustaron tanto de la música que no querían parar de cantarla, entonces, ellos cantaron, yo grabé ellos cantando, <fue muy lindo> , me dejó muy alegre, muy feliz, por ser maestra y/pero, en la actividad dos, eso llevó mucho tiempo, pero creo que fue algo bueno, pero terminó no dando tiempo de terminar los carteles, pero (4”) fue una cosa buena yo dejarlos cantando y practicando a Lengua Española. La actividad dos que era relacionar las palabras-claves con sus correctas definiciones, yo creo que (3”) no fue una buena actividad, ¿porque ?

Porque las palabras que yo elegí y sus definiciones <eran muy difíciles> , <eran muy difíciles para ellos, ellos no lograron hacer, entonces, yo tuve que hacer con ellos>, *hānn*, en el pizarrón para que ellos consiguieran entender, pero, creo que fue muy difícil, creo que no sirvió para nada, nada, nada, nada mismo. Y la producción de los carteles, terminó que no dio tiempo de hacer eso y entonces, no fue una cosa buena, (.) no dio tiempo y pronto/y listo, yo no sé porque dije que no fue una cosa buena, solamente no dio tiempo. *Hāan*, entonces, creo que (2'') el objetivo de mi clase fue claro y definido, que era el racismo, creo que, la música (.) fue en buena hora, creo que (.) fue una óptima actividad para ellos hacer. Creo que no perdí tiempo con nada, *hāan*, no, no perdí tiempo con nada. *Hāan*, y hubo un encadeamiento entre las actividades, pero creo que la última actividad no sirvió, porque era muy compleja para ellos, (.) pero yo, al menos, trabajé el vocabulario que era las palabras, (.) yo hice ellos repitieren las palabras siempre que yo <decía las palabras ellos las repetían, entonces creo que> en ese punto fue algo bueno y (4'') no hubo retrasos por mi parte, no hubo retrasos por parte de los alumnos, ellos hicieron todo como podían hacer, entonces, creo que fue muy bueno. La interacción en la clase fue/fue buena, creo que todos interactuaron de una forma muy/muy linda, muy bonita, yo no sé. Creo que yo pude dar atención a todos, creo que esa vez realmente di atención a todos, yo estuve más presente, como ellos se involucraron <más con las actividades> creo que yo, yo estaba más allí, <yo no sé explicar el sentimiento> pero creo que yo estaba más involucrada que todas las veces, creo, pero yo no sé, porque fue desesperador cuando yo vi que no daba para hacer la segunda actividad, <porque ellos no sabían> y hasta hacer la corrección de aquellas actividades se quedó difícil <porque parecía que yo solamente estaba pasando en el pizarrón> las respu/las respuestas correctas y no había sentido, (3'') pero creo que/ que la interacción fue óptima y el preparo docente, (.) yo estaba preparada, para impartir aquella clase (.)/ aquella clase, pero:::/pero no estaba tan preparada, pues si yo estuviera preparada, yo:: (2'') no tendría llevado aquella segunda actividad que no sale de mi cabeza ((yo no consigo mismo superar eso)), porque aquella actividad no hizo sentido alguno, no hizo sentido alguno, creo que/creo que faltó preparo para la segunda actividad, yo debería ter hecho otra cosa, yo no sé lo que yo podría ter hecho, pero yo/yo no lo hice, yo hice algo solamente para llenar el tiempo hasta la producción de los carteles y terminó que no dio tiempo de hacer <los carteles y> ellos no hicieron nada de productivo durante la realización de la segunda actividad. Creo que es eso.

Transcrição da quarta aula sobre o racismo (52min.43s.):

Profesora: Esas palabras es para ustedes pud/conseguiren completar las palabras de la música/con las palabras que faltan.

Duda: Tia, e quem ficar de primeiro ganha algo?

Profesora: Quien ficar de primero ganha un bombón.

Alumnos: Eee::::::

Profesora: La primera palabra es fuego./La persona que ganar va ser la persona que llenar eses tres/cuatro primero. (2'') La segunda palabra es menear.

Alisson: Menear.

Profesora Efectiva: Gente, vocês vão ter que fazer silêncio. Ela vai dizer a palavra uma vez só e quem não ouvir, azar.

Profesora: ¿Sabes lo que es menear?

Larissa: Caminar.

Profesora: No. Menear es moverse de un lado para otro.

Duda: Manear:

Profesora: Menear./La próxima es viajar.

Andriéli: Como, tia?

Profesora: Viajar. (3”) Corazón. (3”) Viento.

Alisson: ¿Viento?

Profesora: Sí, en el Español o “v” de Português tem som de “b”. (4”) La próxima palabra es soñar.

Larissa: Sonar?

Profesora: Soñar, soñar. (4”) La próxima palabra es aviones, (.)aviones. (4”) La próxima é me gustan.

Duda: Me gusta?

Profesora: Me gustan, me gustan

Cristieli: Me gusta, tia?

Profesora: Me gustan

Profesora: La próxima palabra es camelar.

Duda: Como?

Profesora: Camelar. ¿Alguien sabe que es “camelar”?

Alisson y Larissa: Caminhar.

Profesora: Camelar.

Rafael: É camelo.

Profesora: No. Camelar es hacer otra persona se enamorar de ti.

Rafael: Ha:: Comprendo!

Profesora: Hacer que otra persona se enamore de ti. (4”) La próxima es “me gusta”. (4”) Ahora/el ganador va a ser quien llenar esas cuatro fileras.

((los alumnos estaban agitados para saber quien iba a ganar el juego))

Alisson: Vocês já estão aprendendo, não precisa ganhar nada.

((continuaron charlando acerca del ganador, pero el son es inaudible))

Profesora: La próxima palabra es “volver”. (10”) ¿Ustedes saben o qué es volver?

Alumnos: No.

Profesora: Por ejemplo, yo estoy aquí, haan, hablando con Andriéli, entonces yo voy para acá, hablar con Rafael y después yo voy para acá de nuevo.

Alisson: É voltar.

Profesora: Sim, é voltar. La próxima es “cena”. (5”)¿Ustedes saben lo que es “cena”? (5”) Cena es la última refeición del día.

Profesora: Malasaña. ¿Que es Malasaña?

Duda: Uma lasanha.

Profesora: No, Malasaña es una ciudad de España donde los jóvenes de España se juntan para beber y hacer cosas.

Alisson: Mais que coisa é essa?

Profesora: La próxima es “vecina”, (2”) vecina. (4”) ¿Qué es “vecina”?

Andriéli: Vacina.

Profesora: No. (.) Yo estoy viviendo en esta casa y hay otra persona que vive a la otra.

Diversos alumnos: Vizinha.

Profesora: La próxima palabra es “lluvia”.

Cristiele: Como se escreve?

Alisson: L, L, U, V, I, A.

Profesora: ¿Qué es “lluvia”?

Diversos alumnos: ((inaudible))

Profesora: Que caí del cielo.

Rafael: Chuveiro.

Diversos alumnos: Chuva.

Profesora: La próxima palabra es “La Coruña”. (4”) ¿Qué es “La Coruña”?

((ellos discutiran un poco, pero el audio se queda inaudible))

Profesora: La Coruña es una ciudad de España. (6") Mañana.

Alisson: Manhã.

Diversos alumnos: Como?

Profesora: Mañana. (5") Guatemala.

Alisson: É um país.

Profesora: Montaña. Montaña. Montaña. (4") Correr. (4") Noche. (4") Cocina. (4") Castaña.

Diversos alumnos: Ganhei, ganhei, ganhei.

Profesora: Gente, ¿pueden escucharme? Esas palabras es para completar la música, ese es el principal objetivo, pero como ustedes todos ganaron na misma hora, yo puedo traer en la próxima clase un presentito para todos.

Alumnos: Eeee:::.....

Profesora: Pueden pegar en sus cuadernos las hojas. (10") Gente, ustedes ahora/ustedes ahora van a trabajar en parejas. "Me gusta", nosotros utilizamos/ gente!((estaban muy agitados, fue casi imposible proseguir)) Nosotros utilizamos "me gusta" para expresar lo que nos gusta, las cosas que la gente gusta hacer, comer, pero utilizamos "me gusta" para solamente una cosa. Por ejemplo, ¿Qué te gusta?, ¿Qué te gusta? (10") Acá, gente, "me gusta comer", acá está comer porque es solo una cosa, entonces "me gusta comer", ahora, por ejemplo, si es "los bombones", yo tengo que/ "me gustan los bombones", porque es más de una cosa. ¿Ustedes consiguieron entender?

Alumnos: Sí.

Profesora: Entonces, alguien me da un ejemplo "me gusta".

Duda: Me gusta mexer no celular

Larissa: Me gusta viajar.

Rafael: Me gusta comer.

Profesora: Ya me gustan es para más de una cosa, ¿alguien pude darme un ejemplo? Me gustan...

Larissa: Los chocolates.

Profesora: Sí, me gustan los chocolates.

((el audio se quedó inaudible porque todos empezaron a hablar al mismo tiempo acerca de sus gustos, pero yo solamente he enseñado eso en ese momento porque no tenía luz en la escuela, el objetivo después del vocabulario era pasar la música))

Profesora: Gente, todos los huecos de la música están con las palabras que ustedes aprendieron en el Bingo. (4") Gente, esta música es de un cantante francés, yo no sé como él consigue hablar Francés y Español, porque debe ser muy difícil, pero yo voy pasar de nuevo la música y ir parando en las partes que ustedes tienen que llenar, para que ustedes logren eso. Yo voy empezar.

Alisson: Me gustan.

Profesora: Me gustan los aviones.

Vídeo-diário da aula (11min.50s.):

Hoy yo he dado mi clase ocho, está casi terminando mis clases, yo n me quedo feliz por eso y también me quedo triste, porque yo desarrollé sentimientos por mis alumnos, pero./Hoy, eee, he llevado diversas actividades como, por ejemplo, terminar los carteles, ellos lograron terminar los carteles y habían cinco grupos, cuatro grupos consiguieron ser críticos en relación a los carteles, lograron escribir cosas muy muy muy interesantes pero, hubo un grupo que solamente ha escrito "no seas prejuicioso, no seas racista", yo intenté, al máximo, convencerlos de que tenía que tener más cosas, que trabajamos eso por mucho tiempo, pero ellos no tuvieron mucha voluntad de lo hacer, entonces yo, yo, yo no tuve lo que hacer a respecto, pero a todos los otros yo, yo he ido de grupo a grupo para ayudarlos a hacer la

traducción al Español y yo voy a llevar a Valesca para que ella vea se está todo correcto las palabras, para que en la próxima clase ellos puedan decorar y hacer la presentación. La segunda actividad fue acerca de gustos, yo/primeramente tuve un juego de bingo, donde habían palabras que ellos iban a utilizar en la música “Me gustas tú”, del cantante Manu Chao, que es un cantante francés, pero que canta/ pero que también canta Español, entonces yo llevé las palabras del bingo, en ese momento hubo una anarquía, porque todos llenaron la carta del bingo en el mismo momento/en el mismo momento, entonces todos levantaron de sus/de sus lugares y, y “yo he ganado, yo he ganado”, yo decía que en la próxima clase yo iba a llevar caramelos a todos y después de eso yo les, yo les di la música con los huecos para ellos llenaren con las palabras que ellos habían aprendido con el juego del bingo, pero como ellos llevaron mucho tiempo con el cartel, no dio tiempo de hacer esa actividad, ellos empezaron a hacer, pero no terminaron, tuvimos que dejar para la próxima clase y yo también iba a enseñarlos sus gustos, como expresar sus gustos, expresar los que les gusta <hacer, comer, esas cosas> y lo que no les gusta hacer y ese tipo de cosa, yo llegué a explicarlos, pero no dio tiempo de ellos practicaren, porque yo solamente expliqué un poquito y después yo pasé la música, pero en la, en la hora de ellos entrenaren, porque ellos iban entrenar eso en parejas, preguntando uno a lo otro “haa, ¿qué te gusta más, eso o eso?, ¿qué te gusta hacer en las vacaciones?, etc, no dio tiempo, porque ellos fueron dispensados más tempranos que el normal, entonces no dio tiempo de hacer esa actividad y también no dio tiempo de hacer la última actividad que sería escribir una frase diciendo a qué ellos les gusta hacer y otra, que ellos no les gusta hacer y ellos iban escribir para entregarme, pero antes de entregarme ellos iban a leer en voz alta para toda la clase, <pero no dio tiempo> de terminar de llenar los huecos y hablar con la pareja y entregarme eso de/do/de les gusta y no les gusta, que va quedar para próxima clase, cuando terminamos las presentaciones de los carteles acerca del racismo. Entonces, creo que el objetivo de mi clase fue claro y objetivo. ((inaudible por algunos minutos)). Tuvo un grupo que no quiso mucho hacer y se quedó haciendo broma con los otros compañeros y, a::: fazendo una anarquía en la clase, entonces, yo intenté de todo para que ellos hicieran el trabajo pero ellos no/ellos no/ a ella no tocaron hacer y es extraño porque son unas chicas que siempre quieren hacer todo, entonces yo no entendí derecho, tal vez estaba pasando algo con alguna de ellas, yo no sé, yo intenté hablar, pero ellas no hablaron mucho y:: no hubo retrasos por mi parte, al menos, y no hubo un encadenamiento porque ellos se quedaron solamente en el cartel y cuando fuimos a pasar a la otra parte no dio tiempo de hacer mucho, porque como yo ya había hablado, que ellos fueron dispensados más temprano, *hunn....* Yo/creo que no hubo imprevistos en esa clase, creo que lo único imprevisto fue que no dio tiempo de hacer todas las actividades, pero que sea, en la próxima clase ellos lo hacen. La interacción en la clase fue: fue buena, pero hubo algunas cosas que a mí no me gustó mucho, como por ejemplo, aquel grupo que no quería hacer, que, que, que allá de no hacer, se quedaban caminando por la clase y hablando con personas de otro grupo y intentando causar confusiones, yo no entendí el/la razón, o el porqué de eso tener ocurrido, ellas son buenas chicas, ellas siempre hacen casi todo que yo les pido y ellas siempre prestan atención, entonces, yo no entendí mucho lo que ocurrió, pero fue eso, pero la interacción fue buena, yo conseguí/intenté dar atención a todos con los carteles, <yo les di ideas, yo, yo, yo les acordé lo que teníamos visto en las clases pasadas>. ((audio se quedó inaudible)) Pero creo que conseguí dar atención a todos, el grupo ((inaudible de nuevo)).

Transcrição da quinta aula sobre o racismo (1h12min.6s):

Profesora:¿Ustedes pueden comprender lo que está escrito? ¿Chicas? Gente (.) escuchen un poco. Acá está como ustedes van ganar la nota. La decoración del cartel, como el cartel va a se quedar, si va se quedar bonito o feo, vale 15 puntos. La criticidad del cartel, o sea, lo que

ustedes escribieron en el, en el cartel, vale 50 puntos. La presentación, que tiene que ser en Español, todos tienen que hablar un poco en Español, lo porque de lo que hicieron el cartel y de lo que nosotros aprendimos en clase, vale 20 puntos y la capacidad de escuchar y se quedar en silencio cuando los otros están hablando es 15 puntos. ¡Chicas! Y yo voy dar a todos un papel con “grupo uno, grupo dos, grupo tres y grupo 4” y ustedes van a ver la presentación de los otros y dar la nota que piensan ser correcta. Entonces, ¿entendieron? (10”) Gente, la presentación no es solamente leer el cartel, ustedes tienen que hablar algo antes. (10 min) Gente, escuchen acá, como ustedes no está queriendo hacer la presentación, no quieren hablar nada/

Rafael: Eu quero.

Profesora: Yo voy a cambiar las notas acá y la presentación vale más que la criticidad.

((hice las cuentas erradas y la profesora efectiva, yo y los alumnos estábamos rehaciendo la nota de cada parte))

((el primero grupo (de las chicas) fue presentarse, ellas estaban muy nerviosas y terminé que no grabé el audio de los chicos, pero hay el video))

Luíza: Ai, tia, a gente ta nervosa

Profesora: Vocês conseguem, só falem mais alto...

Luíza: Nosotras hicimos ese cartel para intentar evitar que las personas sean racistas

Aline: Donde vivimos, hay muchas personas que sufren prejuicio.

Alumna 3: Pensamos que las personas deveriam pensar nas consecuencias que eso puedo levar.

Alumna 4: El racismo solamente causa conflictos entre las personas, ser racista no lleva nadie a ninguna parte. Usted puede ser negro, blanco, rosa o amarillo, eso no importa, ser prejuicioso no te hará feliz.

Vídeo-diário da aula (16min.):

Entonces, la clase nueve ha sido mi penúltima clase con esos alumnos, la clase estaba dividida en cinco partes. La primera: la decoración de los carteles, la segunda: la preparación para la presentación de los carteles, la tercera: la presentación de los carteles y del video hecho por las chicas, y la última parte sería pegar los carteles en las paredes de la escuela. Como todo ocurrió: entonces, (.) yo he ponido las notas en el pizarrón, y ellos han mirado el pizarrón y han hablado “yo no voy hacer la presentación, porque yo no sé hablar en Español y yo no, no, no puedo lo hacer”, y yo “no:: ustedes pueden hacer” y ellos “no, no”, entonces yo fui hasta el pizarrón y cambié la nota del video/del video no, yo cambié la nota de la presentación, al invés de ser veinte y cinco, yo ha ponido (3”) cuarenta pontos para la presentación, entonces ellos se obligaron a lo hacer, (.) y lo hicieron muy bien. La decoración de los carteles ha sido una parte tranquila, la parte de escribir la presentación hubo mucha confusión, uno grupo, de las chicas, se pelearon entre si, yo no sé exactamente lo que ha ocurrido, yo intenté descubrir, pero ellas no hablaron y ellas querían cambiar de grupo y yo dije “no, no”, yo pensaba que ellas iban a me odiar a causa de eso, pero no, fue ha sido tranquilo después. Todos ellos lograron escribir lo que iban a decir en sus aprensenciones, (.) pero, (.) eso terminó llevando tiempo. Yo no creo que hubo retrasos de mi parte, pero ellos demoraron mucho hasta lograren escribir lo que tenían que decir y yo ayudarlos a escribir en la Lengua Española. Entonces, después de eso ellos escribieron, yo, de nuevo, ha dado énfasis mayor en la nota, en como ella seria dada. Entonces empezamos la presentación de los grupos faltando veinte minutos para terminar la clase. Entonces solamente dos grupos se presentaron, los dos grupos que tenían todas las personas del grupo en la clase, pues como estaba

lloviendo, muchas personas faltaron. Generalmente cuando hay la lluvia las personas no van a la clase, entonces como estaba lloviendo, solamente dos grupos estaban con todas las personas, entonces yo he llamado ellos para empezar y yo he me quedado verdaderamente sorpresa con ellos, porque el primer grupo de las niñas hicieron un cartel brillante, muy bello, muy lindo, (.) ellas tuvieron criticidad para escribirlo y las cosas que ellas dijeron en su presentación no fueron ‘nuestra, que cosa’, pero para mí/quiero decir, (2”) quien mira de fuera de la situación piensa que no fue grande cosa, pero para mí ha sido increíble, porque ellas escribieron lo que iban a presentar, ellas intentaron escribir en la Lengua Española, yo las ayudé, <ellas dividieron las partes que cada una iba a hablar, y todas ellas hablaron y la mejor parte>: ellas hablaron sin leer el papel, ellas escribieron/yo pensé que ellas no lograrían hablar por hablar en Español en la frente de todos, pero ellas hablaron en Español y ellas hablaron sin leer y eso, yo estoy/estaba muy emocionada en clase, porque Daiana dijo que esta ha sido la primera presentación de ellos, creo que ellos no tenían el/la costumbre de hacer presentaciones, entonces como ha sido la primera y ellas si salieron tan bien, yo (3”) yo estoy muy satisfecha por ser/satisfecha, satisfecha, ¿satisfecha? Yo no sé como hablar derecho eso, pero se salieron mucho bien/muy bien/mucho/ ellas fueron increíbles, yo he me quedado feliz como maestra, porque yo he pensado “yo les hice hacer eso, yo”/y una de las chicas de ese grupo, Ana Luísa, ha sido la que más contribuyó con el trabajo, porque las otras estaban meio así de hacer la presentación sin leer, pero ella los motivó y después cuando todas ellas terminaron de hacer la presentación <ella miró para su compañero y dijo> “ ¿ha visto? Tu ha logrado hacer y la otra se ha quedado muy feliz, todas han se quedado muy contentas con el trabajo, con la presentación, <ellas se sintieron capaces de hacer algo<, ellas si sintieron bien consigo mismas y cuando fuimos pegar el cartel en la pared, ellas se quedaron preguntando si ellas fueron buenas y yo dice que sí, que ellas fueron, que fueron brillantes, que fueron demasiado buenas. Entonces fue muy importante esa clase para mí como maestra, yo/yo tuve más ganas de seguir con esa profisión y, después, hubo la presentación de los chicos de la clase, que son solamente cinco, cinco o seis. Entonces, ellos escribieron sus presentaciones, ellos escribieron todo sólitos, ¿sólitos? Yo no sé si eso es Portunhol o se/o se existe <en la lengua Española<, pero ellos los hicieron casi sin ayuda, creo que aquel grupo fue el grupo que menos ha pedido mi ayuda en la hora de hacer la preparación para la presentación, <tanto para la preparación de la presentación> cuanto para la (2”) para la/cuando para la producción del cartel, entonces ellos hicieron un órimo trabajo, hay los chicos de allí que tienen más dificultades que los otros: él Julián, y él Inácio y yo he me olvidado el nombre del otro, há tres que tienen más dificultades y son más tímidos, pero ellos lograron hablar en Español sin leer también, solamente uno, que es Julián, que ha leído, pero los otros todos lo hicieron sin leer, ellos lograron hacer de una forma muy buena, creo que cada persona es distinta y que cada grupo hizo una presentación distinta, (3”) fue totalmente distinto de la presentación de las chicas, en cuestión de comportamiento creo que las chicas fueron más maduras, yo no sé, ellos estaban más se reíndo o haciendo algunas bromas durante la presentación, pero creo que ellos fueron ótimos también y el cartel si quedó maravilloso, (.) yo lo amé, entonces es eso. Solamente pegamos el cartel en la pared y ¿qué más yo puedo decir? (4”) Creo que el objetivo de mi clase estaba claro, estaba definido. Hubo relación entre las actividades desarrolladas. Y, creo que no hubo perda de tiempo, porque ellos tuvieron el tiempo de ellos para hacer, <yo no podría> acelerar sus procesos, <yo no podría> hacerlos hacer de una forma distinta, pues ellos estaban allí haciendo lo mejor: <yo lo sé que ellos estaban dando el mejor de si mismo> entonces creo que no hubo perda de tiempo. Creo que el único imprevisto fue de las chicas no estaren confortables en sus respectivos grupos, como yo, yo he dicho anteriormente, pero creo que yo hablé yo dije “no”, que no es no y ellas ‘sí, ok’, ellas no intentaron pelear por eso, ellas pelearon mucho entre si mismas, dos grupos de chicas pelearon mucho acerca de “a: ¿quien va hablar eso?, ¿quién va a hacer eso?, tu no estás

haciendo nada”, pero yo hablé con ellas para se calmaren, porque ellas estaban nerviosas, a causa de la nota, pero todo ha ocurrido de la mejor forma. La interacción en clase, (3”) yo no sé, creo que ellos estaban un poco irritados, estaban indo mucho/una persona de un grupo estaba indo en dirección al grupo de otra y ellos estaban se peleando y yo no sé, creo que (.) yo logré dar la atención que ellos necesitaban para hacer el trabajo, yo creo que yo he dejado el grupo de los chicos un poco: no dejado de lado, pero creo que como ellos se portaron como más independientes para hacer el trabajo, yo los dejé, y solamente en el final yo fui hacer la presentación, tanto que ellos fueron el segundo grupo a presentarse. Creo que yo (.) supe hablar con ellos, creo que el ton de miz voz estaba bueno, creo que yo hablé claramente todo que había/ todo que había tener que ser dicho. (4”)Creo que en algunos momentos, mientras las chicas estaban peleando, yo he cometido errores como, cuando ellas hablaban una cosa mal de la otra yo no sabía derecho como reaccionar a eso, entonces yo no interferí mucho, yo solamente las expliqué como funcionaba y yo me quedaba diciendo “no, no diga eso o aquello, porque ya trabajamos el acoso escolar, entonces, ¿por qué están haciendo eso?”, pero creo que yo no supe muy bien lidar con eso, porque es algo que es extraño, yo no sé explicar porque, pero yo tengo mucha dificultad con el bullying, yo no sé mucho bien como reaccionar, yo no sabía cuando era niña y lo sufría, <entonces> creo que esta fue la peor parte de la interacción pero, por ejemplo, en el momento de la explicación ellos se quedaron quietos, en el momento que los grupos estaban si apresentando ellos los escucharon, fue algo (.) hubo una buena troca. Y el preparo, yo creo que estaba preparada para dar esa clase, yo me confundí un poco en el principio de la clase, cuando yo ha dicho cuanto valería cada parte del proceso de la presentación del cartel, de la decoración, del silencio, (.)/ yo me perdí un poco con las notas, yo hice una cuenta errada y un alumno ha me corregido, pero apesar de eso todo ha ocurrido muy bien. Creo que fue una excelente clase que ha refletido todo el trabajo que yo ha desarrollado hasta aquí.

Transcrição da sexta aula sobre o racismo: não teve gravação

((no hay la grabación de estas presentaciones))

Vídeo-diário da aula (12min.30s.):

La clase 10 fue mi última clase con esa turma y yo voy a decir lo que nosotros iríamos hacer en esa clase. La primera actividad era los tres grupos que faltaban hacer la presentación, iban a prepararse para hacerla. La segunda actividad era la presentación de los carteles y del video hecho en clase, (.) acerca del racismo. La tercera actividad era recordar las palabras vistas en el bingo para llenar los huecos de la música “me gustas tú”. La cuarta actividad era llenar los huecos de la música. La actividad cinco era hacer/yo iba a explicarlos como si pregunta los gustos y como se contesta los gustos de otra persona y ellos iban a practicar en parejas y la última actividad serían ellos escribieren en un papel algo/ algunas frases diciendo lo que les gusta hacer y lo que no les gustan hacer. Entonces, fue totalmente distinta de lo que yo he imaginado, porque yo llegué en la clase y todos estaban muy agitados, yo ya sabía que habría una fiesta sorpresa para mí, pero yo no sabía como sería, entonces, yo estaba muy nerviosa con todo eso, yo/. Nosotros fuimos hasta la sala que tenía el retro proyector y los tres grupos que faltaban hacer la presentación lo hicieron. Yo he dado 10 minutos para ellos se preparar, pero ellos ya habían se preparado, entonces empezó rápido. Los alumnos (.) lograron hacer la presentación. Uno de los grupos leeron lo que iban a presentar, no fue como en la semana pasada en que los grupos no leeron/creo que porque yo estaba muy nerviosa no he incentivado tanto y porque como era la última clase y como yo/y como la otra era para prepararse para eso, yo no he dado mucha énfasis en la presentación, entonces uno grupo terminó que no/que solamente leyó lo que escribió, pero todos ellos hicieron un excelente trabajo. Una chica de

uno de los grupos no quiso presentar, ella dijo que/porque no había venido en la última clase, no sabía como hacerlo, pero yo insistí pero ella no quiso hacer del mismo modo, entonces yo no pude hacer mucha cosa, pero los grupos hicieron (.) una buena presentación, creo que cuando intento hacer una comparación con los grupos de la semana pasada, (3”) yo no sé, (.) me parece que los grupos de la semana pasada se dedicaron más, yo no sé si es porque semana pasada hicimos todo aquello de la preparación, entonces creo que para que todos estuvieran más, ¿como puedo decir? Más animados a hacer una buena presentación, tenía que ser en el mismo día, con todos allí, pensando “mi presentación es de como todos los otros, entonces voy a hacer una cosa buena”, no que no ha sido una cosa buena, ha sido: yo amé, pero <yo creo que los dos grupos de la semana pasada si dedicaron más y> intentaron hacer algo mejor, se preocuparon más: el hablar en la Lengua Española, el mostrar a los otros sus trabajos, creo que los de semana pasada que hicieron los carteles estaban más orgullosos de sus propios trabajos, más de lo que los de esa semana, porque cuando tu haces un trabajo que a tí te gusta mucho, tu quiere que el otro vea su trabajo, entonces creo que fue eso que ocurrió y también porque uno de los grupos que hizo la presentación, hubo aquella discusión con las chicas que no querían hacer juntas el trabajo, entonces estaban un poco separadas, pero además de eso todo ocurrió bien. Cuando yo digo los otros grupos es dos de los carteles y la presentación del video para la clase. Cuando yo pasé el video de las chicas, el restante de la clase se quedó (.) pensando que fue algo maravilloso, pero una de las chicas que estaba en video ha se quedado muy mala, pensando que había hecho una cosa terrible, entonces yo le expliqué la importancia del video, como aquello, quien sabe, podría servir de estudios para la academia o para cualquier otra cosa y que ella había hablado muy bien en el video, porque ella realmente ha hablado muy bien en el video, y yo le dije algunas cosas y ella si quedó muy feliz y contente con todo. Creo que a veces es difícil para el alumno percibir lo cuanto ellos son buenos en algunas cosas, creo que algunos profesores y maestros disminuyen tanto el valor del alumno, tanto la capacidad de ellos hacer la actividad, que cuando ellos lo hacen piensan que no están siendo buenos el bastante, pero ellas fueron en el video. Después de eso yo pensé “creo que no va a dar tiempo de hacer todo”, entonces yo voy darles el cuestionario acerca de mi práctica docente, para ellos contestaren lo que podría ser distinto en clase, <que ellos pensaban de mi persona, que ellos pensaban que podría tener hecho> y ellos contestaron, pero estaban muy agitados y algunos salieron primero y entonces ellos salieron corriendo por el corredor, una alumna vino y me dijo “tenemos que salir porque la directora está muy nerviosa con la gente, está muy irritada, entonces tenemos que ir hasta la clase para hablar con ella”, <pero yo sabía que era la fiesta, entonces yo estaba muy nerviosa> y cuando yo llegué en la fiesta, estaba todo tan lindo y ellos estaban desde las seis de la mañana allí, para preparar la fiesta.

((después de eso es yo llorando y diciendo lo cuanto ha significado esa experiencia para mí))